

POR UMA NOVA “PERCEPÇÃO” SOBRE UM ANTIGO PROBLEMA:
ESTUDO COGNITIVO-CONSTRUCIONAL DO SUJEITO INDETERMINADO
COM *SE* EM PORTUGUÊS

Angelina Aparecida de Pina

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt

Rio de Janeiro
Março de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Por uma nova “percepção” sobre um antigo problema:
Estudo cognitivo-construcional do sujeito indeterminado com *se* em português

Angelina Aparecida de Pina

Orientadora: Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Aprovada por:

Presidente, Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt

Prof.^a Dr.^a Lilian Vieira Ferrari – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Filomena de Oliveira Azevedo Varejão – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Adrete Terezinha Matias Grenfell – UFES

Prof.^a Dr.^a Márcia dos Santos Machado Vieira – UFRJ

Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta – UFRJ, Suplente

Prof. Dr. Sérgio Leitão Vasco – UNESA, Suplente

Rio de Janeiro

Março de 2009

A meu Senhor Jesus Cristo, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, dedico esta tese.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente tenham colaborado de alguma forma para a realização desta tese.

Agradeço à Professora Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt, pelo entusiasmo, confiança, seriedade, inteligência e carinho dedicados à minha orientação, e pela preciosa amizade.

Agradeço às Professoras Lilian Vieira Ferrari e Filomena de Oliveira Azevedo Varejão, pelos comentários e recomendações no Exame de Qualificação.

Agradeço ao Professor Jurgis Skilters, da Universidade de Riga, na Letônia, pelas pacientes explicações e pela generosa quantidade de materiais bibliográficos fornecidos.

Agradeço à Professora Ângela Beatriz de Carvalho Faria, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, e ao Professor Henrique Fortuna Cairus, Diretor Adjunto da Pós-Graduação, pela compreensão e generosidade.

Agradeço a Dona Fátima, Dona Celi e todos os funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, e a Urânia, secretária do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, pelo carinho, atenção, paciência e ajuda em diferentes problemas.

Agradeço à minha família, em especial, minha mãe Juraci, pelo apoio, conforto e amor incondicionais em todos os momentos, e minha irmã Aline, pela ajuda em diferentes aspectos da elaboração da tese.

Acima de tudo e de todos, agradeço a Deus, a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Nossa Senhora Virgem Maria, por todas as bênçãos recebidas. O término desta tese é apenas uma pequena benção entre tantas maiores e mais importantes que já me foram concedidas.

Pina, Angelina Aparecida de.

Por uma nova “percepção” sobre um antigo problema: Estudo cognitivo-construcional do sujeito indeterminado com *se* em português/ Angelina Aparecida de Pina. – Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2009. ix, 131f.; il.; 30 cm.

Orientadora: Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt
Tese (doutorado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2009.

Referências Bibliográficas: f. 108-112.

1. Revisão da literatura. 2. Linguística Cognitiva. 3. Análise e descrição. I. Gerhardt, Ana Flávia Lopes Magela. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. III. Título.

RESUMO

Por uma nova “percepção” sobre um antigo problema:
Estudo cognitivo-construcional do sujeito indeterminado com se em português

Angelina Aparecida de Pina

Orientadora: Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Motivada pela não-concordância sistemática do verbo com o SN em sentenças consideradas pela gramática normativa como exemplos de passiva sintética, esta tese tem por objetivo explicar em termos cognitivos e construcionais por que sentenças como *Aluga-se quarto(s)* não são de voz passiva sintética, mas sim de sujeito indeterminado. Tendo por base a Linguística Cognitiva, em especial os campos da Semântica Cognitiva, da Teoria dos protótipos, e da Gramática das Construções, foram obtidas algumas conclusões, a saber: a categoria do sujeito é radial, sendo o sujeito indeterminado não-prototípico, cuja característica principal é ser fundo em relação a seu predicado. Há mais de uma construção de indeterminação, e todas codificam um construto não-canônico, em que o participante principal é perceptual e cognitivamente menos saliente. Não existe passiva sintética no português. A construção genérica *V-se_{Suj.Indet} Compl. Verbal* permite a integração de diferentes verbos e não equivale à passiva analítica, nem à construção com sujeito *alguém*.

Palavras-chave: sujeito indeterminado, organização figura-fundo, categoria radial, construção gramatical

Rio de Janeiro

Março de 2009

ABSTRACT

Por uma nova “percepção” sobre um antigo problema:
Estudo cognitivo-construcional do sujeito indeterminado com se em português

Angelina Aparecida de Pina

Orientadora: Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Motivated by the systematic non-agreement of the verb with the NP in sentences considered by Portuguese grammars as instances of synthetic passive, this thesis intends to explain in cognitive and constructional terms why sentences like *Aluga-se quarto(s)* are not synthetic passive sentences, but indefinite subject sentences. Based on Cognitive Linguistics, especially the fields of Cognitive Semantics, Prototype Theory and Construction Grammar, we drew some conclusions, namely: subject is a radial category, being the indefinite subject non-prototypical, whose main feature é being ground with respect to its predicate. There is more than one construction of indefiniteness, and all of them code a non-canonical construal, in which the main participant is perceptually and cognitively less salient. There is no synthetic passive in Portuguese. The generic construction *V-se_{Indef. Subj.} Verbal Compl.* allows the integration of several verbs and is not equal to the analytic passive, nor is it equal to the subject *alguém* construction.

Key words: Indefinite subject, figure-ground organisation, radial category, grammatical construction

Rio de Janeiro

Março de 2009

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1. Problema	01
1.2. Objetivos	02
1.3. Hipóteses	03
1.4. Fixação dos <i>corpora</i>	04
1.5. Sobre o título da Tese	04
1.6. Organização da Tese	05
2. REVISÃO DA LITERATURA	06
2.1. Sujeito Indeterminado	06
2.2. “Se” Indeterminador	09
2.3. Justificativa para uma nova proposta	22
3. LINGÜÍSTICA COGNITIVA	25
3.1. Percepção	27
3.1.1. Organização Figura-Fundo na Teoria da Gestalt	28
3.1.2. Organização Figura-Fundo na Linguagem	32
3.2. Atenção	35
3.2.1. Janelas Atencionais	37
3.3. Categorização	41
3.3.1. Modelo Clássico das Categorias	42
3.3.2. Teoria dos Protótipos	43
3.3.3. Estrutura radial	46
3.3.4. A categoria do sujeito	48
3.4. Gramática das Construções	53
3.4.1. Noção de construção gramatical	55
3.4.2. Gramática Construcional de Goldberg	55
4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO	64
4.1. Sujeito: uma categoria radial	64

4.1.1. Considerações sobre os parâmetros de saliência	64
4.1.2. Sujeito prototípico e sujeitos não-prototípicos	68
4.1.3. Sujeito indeterminado é não-prototípico	72
4.2. Construções de indeterminação	74
4.2.1. <i>Se</i> indeterminador vs. Terceira pessoa do plural	74
4.2.2. Construção de Sujeito Indeterminado com <i>Se</i>	78
4.3. Contrariando as gramáticas normativas	93
4.3.1. Construção com <i>se</i> indeterminador vs. Passiva sintética	93
4.3.2. Construção com <i>se</i> indeterminador vs. Passiva analítica	99
4.4.3. Construção com <i>se</i> indeterminador vs. Sujeito <i>alguém</i>	101
5. CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
APÊNDICE	113

1. INTRODUÇÃO

Como pesquisadores, nosso interesse e entusiasmo pelo estudo científico da língua pátria foi sempre crescente. Como usuários do português, os conflitos entre a gramática e o uso foram sempre “desconfortáveis”.

Na língua portuguesa, entre os numerosos temas que se impõem como desafios para o pesquisador, decidimos discutir um assunto que vem despertando o interesse de diversos lingüistas ao longo do século passado: o sujeito indeterminado com *se*.

Não obstante os diversos estudos já dedicados a esse problema, propomos uma nova forma de “percebê-lo”, apoiando-nos nas possibilidades analíticas proporcionadas pela Lingüística Cognitiva.

Nesta introdução, entre outros tópicos, serão explanados o problema que pretendemos estudar, os objetivos que visamos alcançar, as hipóteses que norteiam nossa pesquisa, e os procedimentos adotados para a composição dos *corpora*.

1.1. Problema

Tradicionalmente, as regras sintáticas prescritas pelas gramáticas normativas do português se encontram em flagrante conflito com a realidade lingüística brasileira. Tal é caso da sintaxe do pronome *se*, considerado por muitos lingüistas e filólogos um dos assuntos mais difíceis do português.

Os gramáticos insistentemente classificam o pronome *se*, na sentença “*aluga-se quarto*”, como *partícula apassivadora* e, na sentença “*precisa-se de um empregado*”, como *índice de indeterminação do sujeito*, prescrevendo para a primeira a concordância do verbo com o substantivo: “*alugam-se quartos*”.

Em “O colocador de pronomes”, cuja escrita iniciou-se em 1917, mas publicado em 1924, Monteiro Lobato faz uma crítica bem-humorada ao purismo da linguagem predominante no começo do século passado. Esse “conto gramatical” narra a história de Aldrovando Cantagalo, o mártir da gramática. Certo dia, Aldrovando exige que o ferreiro da esquina reforme, “em nome do asseio gramatical”, sua tabuleta, que diz: *Ferra-se cavalos*. Leia-se a seguinte passagem do texto:

– *Reformar a tabuleta? Uma tabuleta nova, com a licença paga? Está acaso rachada?*

– *Fisicamente, não. A racha é na sintaxe. Fogem, ali, os dizeres à sã gramaticalidade. (...)*

– *Digo que está a forma verbal com eiva grave. O “ferra-se” tem que cair no plural, pois que a forma é passiva e o sujeito é “cavalos”. (...)*

– *O sujeito sendo “cavalos”, continuou o mestre, a forma verbal é “ferram-se” – “ferram-se cavalos!” (...)*

– *Vossa Senhoria me perdoe, mas o sujeito que ferra os cavalos sou eu, e eu não sou plural. (...)*

Aldrovando ergueu os olhos para o céu e suspirou.

– *Ferras cavalos e bem merecias que te fizessem eles o mesmo!...*

Ao longo do século XX, a não-concordância sistemática do verbo com o SN em sentenças dessa natureza têm motivado diversos trabalhos, desenvolvidos sob perspectivas teóricas diferentes. (cf. Capítulo 2) O fenômeno da não-concordância revela que os falantes não percebem o SN como sujeito da oração, mas sim como objeto, e atribuem ao pronome *se* a função de sujeito indeterminado, como o fez o ferreiro no conto de Monteiro Lobato.

1.2. Objetivos

Tendo por base tópicos caros à Linguística Cognitiva, em especial aos campos da Semântica Cognitiva, da Teoria dos protótipos, e da Gramática das Construções, este estudo tem por objetivo explicar em termos cognitivos e construcionais por que sentenças como “*aluga-se quarto(s)*” não são de voz passiva sintética, mas sim de sujeito indeterminado, de sorte que as instanciações em que o verbo não concorda com o SN posposto são absolutamente legítimas.

Dessa forma, a presente pesquisa visa a analisar sincronicamente e a descrever as informações sintáticas, semânticas e pragmáticas da construção de sujeito indeterminado com *se*, propondo uma estrutura genérica *V-se_{Suj.Indet} Compl. Verbal*, capaz de dar conta das diversas instanciações com diferentes tipos de verbos.

Ao determinar o valor cognitivo do sujeito indeterminado e seu “lugar” dentro da categoria do sujeito, intentamos caracterizar essa construção gramatical como não-básica, a qual codifica uma maneira não-canônica de perceber/conceber as cenas.

Pretendemos, sobretudo, que a pesquisa aqui desenvolvida venha a auxiliar futuras descrições de construções gramaticais do português e contribua para o avanço teórico cognitivista no Brasil.

Ainda que não seja nosso principal propósito, esperamos também que os resultados obtidos possam, de alguma forma, favorecer o (re)exame das gramáticas normativas do português brasileiro, permitindo que o vernáculo seja observado não como desvio, mas como uma forma legítima de se expressar.

1.3. Hipóteses

Alicerçados pela teoria dos protótipos, aventamos a hipótese de que os sujeitos indeterminados são não-prototípicos, ocupando uma posição periférica em relação ao centro da categoria do sujeito.

Partindo do princípio de que a organização figura-fundo, que advém do domínio sensorial, também atua no domínio cognitivo alterando o significado das experiências, admitimos que os sujeitos indeterminados são fundo, isto é, perceptual e cognitivamente menos salientes que os predicados correspondentes, que ganham saliência e tornam-se figura.

Com base na teoria construcional, defendemos que esse tipo de sujeito faz parte de construções gramaticais que acomodam desvios da maneira canônica de perceber/conceber os eventos, e o sujeito indeterminado com *se* difere das outras formas de indeterminação, contendo informações sintáticas, semânticas e pragmáticas específicas.

Apoiados também no modelo de janelas atencionais, negamos a existência de passiva sintética em português, e distinguimos a construção de sujeito indeterminado com *se* da passiva analítica.

No Capítulo 4, destinado à análise e descrição do sujeito indeterminado com *se*, procedemos à ratificação ou não das hipóteses aqui levantadas.

1.4. Fixação dos *corpora*

Esta pesquisa centra-se no português escrito moderno, tanto em seu registro formal como em seu registro informal.

Para proceder à análise das informações sintáticas, semânticas e pragmáticas da construção *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal*, apoiamo-nos em dois *corpora* diferentes: resumos acadêmico-científicos e nomes de comunidades do Orkut.

Em ambos os casos, valemo-nos da facilidade e da rapidez obtidas com o advento das ferramentas de busca. No primeiro, a ferramenta é do programa Adobe Acrobat Reader para pesquisar documentos no formato pdf. No segundo, a ferramenta é da própria página de relacionamentos.

Os resumos acadêmico-científicos constam no CD-Rom da XXX Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural UFRJ – Área de Exatas. Para limitar a extensão da amostragem, levantamos apenas os exemplos de estruturas sentenciais com formais verbais simples e finitas do modo indicativo.

Com relação ao material colhido no Orkut, durante o mês de agosto do ano passado, um importante aspecto deve ser levado em consideração: o Orkut é uma base de dados instável. Todos os dias, novas comunidades são criadas, antigas comunidades são deletadas ou até mudam de nome, de sorte que, a cada período de tempo, a busca pode trazer um conjunto diferente de resultados, não podendo ser “conferido”.

Tendo em vista o propósito de discutir o problema da “passiva sintética”, foram coletados exemplos de sentenças com SN plural, nas quais fica evidente a concordância ou não-concordância do verbo.

Esperamos que essas fontes de dados tenham proporcionado dois *corpora* representativos para uma investigação adequada e confiável da construção de sujeito indeterminado com *se* em português.

1.5. Sobre o título da Tese

Como registrado no título desta Tese, estamos diante de um antigo problema, para o qual propomos uma nova “percepção”. Essa palavra encontra-se entre aspas porque está sendo utilizada com duplo sentido: o primeiro equivale a *modelo de análise* ou

abordagem; o segundo faz referência ao domínio sensorial, em especial à organização figura-fundo, que serve de base para caracterizar o valor cognitivo da indeterminação.

Poderíamos igualmente ter adotado as palavras “ponto-de-vista”, “perspectiva” ou “visão”, mas, nesse contexto, essas palavras já parecem desprovidas de seu significado perceptivo e, portanto, não teriam o mesmo efeito.

1.6. Organização da Tese

Esta Tese está organizada em cinco capítulos. O Capítulo 2 “olha para trás” e apresenta uma revisão da literatura sobre o assunto, reunindo os argumentos em favor do *se* indeterminador e justificando a apresentação de uma nova proposta. O Capítulo 3 “olha para a frente” e expõe o aporte teórico cognitivista, com ênfase na organização figura-fundo e na atenção, exploradas pela Semântica Cognitiva, na Teoria dos protótipos para categorização, e na Gramática das Construções, como proposta por Goldberg (em especial, 1995). O Capítulo 4 discute a respeito do sujeito indeterminado com *se* e procede à análise e descrição da construção *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal*, tomando como ponto de partida os tópicos expostos no Capítulo 3. O Capítulo 5 sintetiza as principais conclusões deste estudo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Nas gramáticas tradicionais, a oração é dividida em sujeito e predicado, considerados termos essenciais da oração. Para definir o sujeito, as gramáticas se valem de três critérios:

- a) *Critério semântico*: “pessoa ou coisa que pratica a ação” (Almeida, 1982, p.165), identificando, dessa forma, o sujeito com o papel temático de agente.
- b) *Critério discursivo*: “o ser de quem se diz algo” (Rocha Lima, 1983, p. 205) ou “o ser sobre o qual se faz uma declaração” (Cunha & Cintra, 1985, p. 119), fazendo o sujeito equivaler à noção de tópico. Essa é a definição mais comum.
- c) *Critério sintático ou formal*: “o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP.” “A posição logo antes do NdP; essa é a posição mais natural do sujeito na maioria das frases.” (Perini, 1995, p. 77 e 79).

Todavia, Pontes (1986) comenta a inconsistência dessas definições de modo breve e didático: em primeiro lugar, há muitos sujeitos que não são agentes e, também, o agente pode ser expresso pelo agente da passiva; em segundo lugar, o tópico pode ser expresso por outro termo em vez do sujeito; e em terceiro lugar, a concordância verbal não funciona em vários registros e há casos, reconhecidos pelas gramáticas, em que o verbo concorda com o predicativo (ou outro termo).

Geralmente, as gramáticas distinguem os seguintes tipos de sujeito: sujeito simples, sujeito composto, sujeito oculto (ou elíptico, ou desinencial, ou determinado, para Cunha & Cintra, 1985), sujeito indeterminado, sujeito inexistente (cf. Torres, 1972; Luft, 1976; Terra, 1989; outros consideram oração sem sujeito). Este trabalho ocupa-se apenas do sujeito indeterminado.

2.1. Sujeito Indeterminado

De acordo com Cunha & Cintra (1985, p.125), ocorre *sujeito indeterminado* quando “algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento.” O

sujeito indeterminado existe, mas não se pode ou não se deseja identificar ou especificar com precisão.

Para Luft (1976), ocorre sujeito indeterminado quando não se exprime o agente humano, que no entanto existe na idéia. Cegalla (1985) também considera que o sujeito indeterminado é agente da ação verbal. Sacconi (1976), além de assinalar a existência de uma pessoa responsável pela ação, distingue três motivos para indeterminar o sujeito: ou esconder o sujeito ou demonstrar o desconhecimento sobre ele (3ª pessoa do plural); ou simplesmente indeterminar o responsável pela ação (3ª pessoa do singular + *se*).

Nas gramáticas normativas, o sujeito indeterminado pode ser expresso (1) ou pela 3ª pessoa do plural dos verbos, (2) ou pela 3ª pessoa do singular dos verbos transitivos indiretos, intransitivos, transitivos diretos tomados intransitivamente ou de ligação, acompanhada do pronome ou índice de indeterminação do sujeito *se*, (3) ou, de acordo com uns poucos gramáticos, apenas pela 3ª pessoa do singular dos verbos.

Durante a década de 90, estudos empíricos demonstraram que as gramáticas tradicionais não abarcam uma vasta gama de estratégias de indeterminação do sujeito empregadas tanto na modalidade escrita como na modalidade oral do Português Brasileiro: *nós, a gente, você, eles*, etc. (cf. Almeida, 1992; Duarte, 1995; e Cavalcante, 1999)

Em seu artigo “Tipos de sujeito indeterminado”, Garcia (2007) enumera as principais funções do sujeito indeterminado:

- a) Expressar uma situação da qual desconhecemos o sujeito: *Tocaram a campainha!*
- b) Expressar uma situação na qual não nos interessa, ou nos prejudicaria, identificar o sujeito: *Mataram o João na pracinha.*
- c) Expressar uma situação simplesmente, sem nos importarmos em identificar o sujeito: *Acabaram com a cerveja.*
- d) Expressar uma situação sem identificar o sujeito, mas excluindo-nos e ao ouvinte da possibilidade de ser o sujeito ou de estar envolvido com ele: *Dizem que Pedro é violento.*
- e) Expressar uma situação sem identificar o sujeito, mas demonstrando nosso envolvimento, ou o do ouvinte, com ele: *Vive-se um tempo de liberdade.*

Segundo Garcia, o sujeito indeterminado pela 3ª pessoa do plural não admite a inclusão da 1ª e da 2ª pessoas do verbo como possibilidade de determinação do sujeito, suscitando três leituras diferentes:

- (1) Alguém – não eu ou você – é o responsável pela situação descrita no predicado;
- (2) Mesmo que eu ou você sejamos o responsável pela situação descrita no predicado, eu me isento e isento você, tacitamente, desta responsabilidade, imputando-a, necessariamente, a uma outra entidade;
- (3) Acredito que você é o responsável pela situação descrita no predicado e faço uma acusação indireta, que me poupa dos dissabores associados a uma acusação direta. Nesse caso, o sujeito indeterminado é geralmente seguido de uma pergunta inquisitiva, do tipo: “*Você tem alguma idéia de quem foi?*”.

Por outro lado, o sujeito indeterminado pela 3ª pessoa do singular + *se* parece enfatizar a inclusão da 1ª e da 2ª pessoas do verbo como possibilidade de determinação do sujeito, promovendo duas interpretações diferentes:

- (1) Qualquer um, inclusive eu ou você, poderia ser o responsável pela situação descrita no predicado;
- (2) Mesmo que eu ou você não sejamos o responsável pela situação descrita no predicado, eu me sinto envolvido, ou sinto que você está envolvido, emocional e psicologicamente, na situação.

Na variante coloquial do português, é freqüente o sujeito indeterminado apenas pela 3ª pessoa do singular. Diferentemente dos dois anteriores, esse tipo de sujeito indeterminado não exclui a possibilidade de determinação do sujeito pela 1ª e 2ª pessoas do verbo, mas também não enfatiza essa possibilidade, consistindo em uma forma neutra (sem envolvimento) de expressar o sujeito indeterminado. (cf. Garcia, 2007)

No entanto, o infinitivo dos verbos, principalmente quando usado com valor de substantivo, é o tipo mais comum e mais neutro de sujeito indeterminado, podendo ser usado em qualquer variante do português – diatópica, diastrática ou diafásica –, como em *Navegar é preciso, viver não é preciso!* (Fernando Pessoa)

O gerúndio, outra forma nominal do verbo, também pode expressar sujeito indeterminado em raras ocasiões, como na sentença *A vida deve ser maravilhosa, sendo rico*. Nesse caso, o gerúndio não só expressa sujeito indeterminado, como tem valor adverbial condicional.

Garcia procura explicar, ainda, as funções de outras variantes coloquiais de expressão do sujeito indeterminado em português: *você* (pode indicar qualquer outra pessoa, inclusive, muitas vezes, o próprio falante), *nêgo*, *neguinho* (estas não admitem o falante como possibilidade de determinação do sujeito e contêm certo tom pejorativo).

Nas gramáticas normativas, a ocorrência do pronome *se* acompanhando verbo transitivo direto não é um caso de sujeito indeterminado, mas de *passiva sintética* ou *pronominal*, e o *se* é denominado *pronome ou partícula apassivador(a)*. A passiva sintética pode ser convertida em, ou corresponde à, passiva analítica. Para alguns autores, na voz passiva, o agente está indeterminado (cf. Sacconi, 1976); para outros, o agente é indeterminado apenas na passiva sintética, enquanto é determinado na passiva analítica, podendo ser expresso pelo agente da passiva (cf. André, 1978).

Muitas gramáticas escolares dedicam um capítulo ou seção para a discussão sobre as funções do pronome *se*, pois é considerado um assunto de difícil compreensão. (cf. Torres, 1972, p. 232-235; Sacconi, 1976, p. 323-327; André, 1978, p. 397-402; Almeida, 1982, p. 214-223; Cegalla, 1985, p. 462-463; Terra, 1989, p. 274-275) A sintaxe do pronome *se* é assunto controverso e vem motivando muitos estudos. (cf. Seção 2.2.)

2.2. “Se” Indeterminador

Ao longo do século passado, vários lingüistas e filólogos dedicaram-se a estudar o fenômeno da não-concordância em sentenças como “*aluga-se quartos*”. Sob diferentes perspectivas, muitos já combateram, explícita ou implicitamente, a “teoria apassivante”, propondo que, em sentenças consideradas pela gramática normativa como passiva sintética, o pronome *se* indica indeterminação. Nesta seção, serão brevemente expostas, em ordem cronológica, algumas investigações que merecem atenção e que consideramos bastante representativas da “antigüidade” do interesse por esse assunto, como referida no título da Tese.

As investigações de Said Ali

Em seu livro *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1957), cuja primeira edição é de 1908, Said Ali reconhece a sintaxe do pronome *se* como um problema de difícil solução. O eminente filólogo começa por apontar a incongruência das regras sintáticas fixadas pelas gramáticas tradicionais. Em “*compra-se o palácio*”, as gramáticas apontariam *o palácio* como sujeito, mas, em “*morre-se de fome*”, seria inadmissível como sujeito um substantivo regido de preposição (*de fome*), o que forçaria uma “série de subterfúgios” (p.92).

Procedendo a uma “abstração da gramática”, e adotando uma análise psicológica, Said Ali argumenta que o pronome *se* ocupa o lugar de sujeito e este só não viria no início da oração porque “sua condição de vocábulo átono, enclítico, dificilmente lho permitiria.” (p.93) Ele acrescenta que é comum as línguas românicas (ex. francês, italiano, etc.) atribuírem caso nominativo a pronomes oblíquos.

Para ele, está claro que, em “*compra-se o palácio*” e “*morre-se de fome*”, a ação é psicologicamente atribuída a um ente humano desconhecido ou que não convém nomear (pronome *se*), pois trazem à consciência a idéia de alguém que compra, de alguém que morre. Sendo assim, o pronome *se* exerce uma função “psicológica” de agente indeterminado.

Como observa o autor, nessas sentenças, o verbo e o substantivo podem variar até o infinito. Mas, “nosso espírito perceberá como constante (...) a *pessoa* inominada” que realiza a ação. (p.94)

Analisando sentenças como “*precisa-se de um criado*”, Said Ali assinala que o termo regido de preposição não pode ser sujeito e, portanto, tem papel de régimen.

Note-se, ainda, que o substantivo não ocupa o primeiro lugar da oração, mas sim o verbo construído com o reflexivo *se* (em sua terminologia). Portanto, em sentenças como “*compra-se o palácio*” e “*precisa-se de um criado*”, desde o dia em que a posição do substantivo fixou-se depois do verbo, fixou-se também a sua função de objeto.

A explicação para isso traduz-se melhor nas palavras do próprio Said Ali:

Ações praticadas por seres humanos não podiam ser enunciadas pela linguagem sem a indicação do agente. Quando, porém, o agente humano era

desconhecido ou não convinha mencioná-lo, a linguagem servia-se deste expediente: personalizava o objeto se era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo. Certa mercadoria, por exemplo, devia ser vendida, ignorando-se o vendedor; dizia-se simplesmente: tal mercadoria vende-se a si própria.

Pouco a pouco, porém, a mera forma reflexa em casos deste gênero começou a sugerir a idéia de um agente humano indeterminado. Não foi preciso alterar profundamente o enunciado; mas o substantivo, que até então figurava na categoria de sujeito, teve de abandonar este posto e passar para o lugar de objeto, que já agora lhe era designado. O pensamento não comportava dois agentes; a ação de vender não podia ser praticada por certa pessoa e, ao mesmo tempo, pela própria coisa. (p.96)

Como conseqüência natural da transformação do sujeito em objeto, o verbo não precisa mais concordar com o substantivo, de modo que tenderá a ser utilizado no singular mesmo que o substantivo esteja no plural. Todavia, ainda hoje, muitos gramáticos e escritores insistem na “concordância com o objeto, onde não a estorva a presença de uma preposição” (p.98).

Quanto à suposta influência do *on* francês em construções como “*vende-se casas*” e “*aluga-se carros*”, Said Ali mostra-se irônico ao afirmar que

nossos pintores de taboetas e letreiros não se recrutam de entre os conhecedores do idioma de ZOLA e DAUDET; alguns deles – fato muito curioso, mas não menos provado – ainda soletram com esforço as próprias palavras da língua nacional. (p.100)

Segundo o autor, nesses casos, o povo não compreende porque o verbo deve concordar com o objeto. Esse *on* francês tornou-se “o bode expiatório da pouca sagacidade dos gramáticos.” (p.100)

Said Ali sustenta, ainda, que a forma reflexiva não se identifica com a voz passiva. Confrontando as sentenças “*aluga-se esta casa*” e “*esta casa é alugada*”, o autor explica que essas duas formas expressam sentidos diferentes e incompatíveis. A

primeira atrairia pessoas interessadas em alugar a casa, a segunda admitiria que a casa já se encontra ocupada por inquilinos. Isso prova que “substituir não é analisar” (p.103). Além disso, a substituição gera sentidos implausíveis se o verbo não for transitivo direto: “*foge-se*” seria “... *é fugido*”, deixando uma lacuna para ser completada com um sujeito, que nem a lingüística, a psicologia, a gramática e o senso comum são capazes de responder.

Diante dessa realidade lingüística brasileira, o gramático Luft (1976, p. 133), adotando o ponto de vista de Said Ali, afirma que é mais acertado considerar ativa essa conjugação (ex. *vende-se terrenos*), pois corresponde (1) ao sentimento dos falantes, e (2) à colocação dos termos (a posição pós-verbal do paciente), e (3) evita o divórcio dessas estruturas com a dos verbos não transitivos diretos. Portanto, o *se* pode tranqüilamente ser analisado como sujeito e a flexão plural do verbo ocorre por mera “servidão gramatical” ou por atração.

As investigações de Mello

No livro *O pronome se indefinido* (1926), fornecendo uma copiosa lista de exemplos firmados por escritores consagrados e anônimos, Mello defende a função subjetiva do pronome *se*, denominado indefinido, na medida em que este corresponde perfeitamente ao *on* francês, sendo que a correspondência é de sentido ou ideológica, e nada tem que ver com a morfologia ou o étimo dos vocábulos.

Para o autor, existem na língua portuguesa dois pronomes *se*, que se distinguem pela significação e pela função:

- (1) Reflexivo, que exerce a função de complemento, objetivo (quase sempre) ou atributivo (raramente), significando *a si mesmo(s)*, *a si mesma(s)* ou *para si*. Serve algumas vezes para exprimir reciprocidade, outras como partícula expletiva.
- (2) Indefinido, que exerce sempre a função de sujeito, significando *alguém*, *a gente*, *uma pessoa*, *eles*, *diversas pessoas*, etc. É exato correspondente do *on* francês.

Segundo Mello, com relação à origem, o pronome *se* indefinido ou teve origem diferente do pronome reflexivo (lat. *sui*, *sibi*, *se*), que carece de nominativo; ou teve a

mesma origem, mas assumiu significação diferente da primitiva ou etimológica e, com o esquecimento dos casos, pode exercer a função de sujeito no português. (p. 16)

Ao longo de seu texto, Mello analisa setes casos em que o pronome *se* exerce função de sujeito, dividindo-os em duas categorias:

1) *Orações de verbos inapassiváveis:*

- a) Orações de verbos intransitivos – Ex.: *Neste hotel come-se, bebe-se e dorme-se bem.* Nesse caso, a apassivação repugna ao bom senso. O pronome *se* pode ser substituído pelo sinônimo *a gente*: *Neste hotel a gente come, a gente bebe e a gente dorme bem.* Logo, exerce a mesma função de *a gente*: função subjetiva.
- b) Orações de verbos relativos ou terminativos (com complemento regido de preposição – *a, de, com, em, por, para, sobre, contra*, etc. –, que, reunido ao verbo regente, forma o predicado) – Ex.: *Precisa-se de empregados.* Retirando o predicado (verbo + complemento) da oração, o que resta é o sujeito: o pronome *se*. Essa sentença é a exata correspondente de *Alguém precisa de empregados.*
- c) Orações de verbos predicativos ou de relação – Ex.: *Estava-se ali como em casa própria.* Não pode ser apassivada, pois *estar* é verbo de estado ou simples asserção, ou seja, não exprime ação, nem ativa, nem passiva. Logo, o *se* exerce função de sujeito indeterminado. *Ser e estar* são verbos de relação essenciais, e *andar, viver*, etc. são acidentais.

2) *Orações de verbos transitivos (únicos apassiváveis):*

- a) Orações da voz passiva com o pronome *se* em função de sujeito – Ex.: *Assim se era amado, porque se amava.* A oração é passiva pela sua forma verbal (*era amado*). O *se* exerce função de sujeito.
- b) Orações de objeto preposicionado (complemento objetivo regido de preposição) – Ex.: *Respeite-se aos mais velhos.* A voz é ativa, *aos mais velhos* é objeto de *respeite*, e *se* é sujeito.
- c) Orações de objeto pronominal (pronome em caso oblíquo – *o, a, os, as, me, te, nos, vos* – como complemento objetivo) – Ex.: *Não se a [a pátria] injurie.* O pronome *se*

indefinido, significando *a gente, alguém*, etc., exerce função de sujeito; o pronome oblíquo *a* (acusativo) exerce a função de complemento objetivo. Logo, podem concorrer na mesma sentença, cada um no seu papel. A sentença pode ser modificada para: *Ninguém a injurie*.

- d) Orações com o verbo no singular e o complemento (substantivo) no plural – Ex.: *Vende-se muitas flores*. O pronome *se* é indefinido se puder ser substituído por expressão sinônima sem prejudicar o sentido: *Alguém vende muitas flores*.

O autor assinala, ainda, que reconhecer a subjetividade do pronome *se* não implica a condenação das sentenças de verbo no plural. Assim, fica estabelecida a dualidade sintática: “tanto se poderá empregar as frases análogas no plural como no singular, a sabor das preferências e segundo a interpretação e análise que se fizer.” (p. 54)

No entanto, admitindo o pronome *se* como indefinido, as sentenças com o verbo no singular e o substantivo no plural “têm em seu favor o mérito inestimável de satisfazer a todas as exigências da boa lógica”. (p. 76)

Para explicar a existência do *se* indefinido em português, Mello argumenta que sentenças do português em que o *se* pode ser substituído por *alguém, a gente, uma pessoa*, etc. são traduzidas em francês pelo vocábulo *on*. Sendo *on*, em francês, pronome indefinido, o seu correspondente em português também o é. Essa correspondência é meramente ideológica.

As investigações de Tavares

Em sua dissertação para Licenciatura em Filologia Portuguesa, Tavares (1952) afirma que muitos gramáticos e lingüísticas consagraram “boa parte do seu labor intelectual” à análise do pronome *se*. Explicações fonéticas, morfológicas e semânticas já foram propostas, sem se chegar a um completo acordo.

Propondo um estudo sintático-funcional do pronome *se*, através da gramática histórica com base no latim, a autora reconhece que, na flexão verbal latina, existiam três vozes: ativa, passiva e média. Mas, para este assunto, interessam apenas as vozes passiva e média, cujas formas se identificam plenamente.

A voz passiva tinha como uma das funções primárias indicar a indeterminação do agente ou sujeito lógico, por um sentimento de cortesia, modéstia ou prudência. Ex.: *bibitur* (bebe-se).

A voz média tinha duas funções principais, dividindo-se em:

- (1) Voz média dinâmica ou indireta: indicava a intervenção ativa do sujeito na ação verbal, com suas próprias forças, especialmente as mentais. Ex.: *recordatur* (recorda-se).
- (2) Voz média reflexa ou direta: indicava ação reflexa, exercida pelo sujeito sobre si mesmo. Ex.: *mouetur* (move-se).

De acordo com a autora, a identidade de formas trouxe confusão nas idéias e contaminação na sintaxe. Uma só flexão para uma duplicidade de vozes não podia se manter.

Para conservar a idéia reflexa e evitar a confusão das vozes, a linguagem criou um novo processo de exprimir a ação reflexa: a expressão reflexa perifrástica, em que o verbo se apresenta na voz ativa e é acompanhado do pronome reflexo *se*. Ex.: *mouetur* > *mouet se* (> move-se).

Com o tempo, a voz média, especialmente a média reflexa, enfraqueceu até desaparecer, restando apenas a voz passiva e a expressão reflexa perifrástica. Isso resultou em alterações na interpretação das formas da voz passiva. Na medida em que não era possível distinguir entre formas da voz passiva e formas da voz média, formas passivas eram interpretadas como formas da voz média, estendendo-se a decomposição às formas passivas. Ex.: *bibitur* > *bibit se* (> bebe-se)

Em síntese, da identidade das formas média e passiva resultou a identidade de interpretação e de expressão. A voz média foi transformada em expressão pronominal reflexa e a voz passiva “por analogia, por contaminação, acompanhou esta transformação” (p. 23), conservando a idéia de indeterminação.

Segundo Tavares, com o gradual desaparecimento das formas de voz passiva, os verbos de voz média dinâmica perderam sua aparência passiva e transformaram-se em verdadeiros verbos pronominais. Ex.: *recordor* > *recordo me*, *recordatur* > *recordat se*.

“*Viuitur, uiuit se, vive-se* é a evolução da expressão desde o latim clássico até a língua portuguesa.” (p. 27) Nas correspondências da expressão, a indeterminação manteve-se.

Dessa forma, a autora demonstra que o *se* português em sentenças como *vendem-se livros* e *diz-se* representa o *se* reflexo latino adotado para designar, com razão, expressões da voz média reflexa e, sem razão gramatical, as da voz passiva. Esse é um fato da linguagem corrente latina continuado na língua portuguesa. Nesses casos, o *se* é “pronomo indeterminante” (terminologia proposta por Tavares).

Não é um pronomo reflexo e também não nos parece que seja uma partícula apassivante – como pretendem os gramáticos –, pois foi, e ainda se conserva, pela sua origem e emprego, desapassivante. Em semelhantes condições, o se indica a indeterminação do agente ou sujeito lógico. (p. 28)

Alguns gramáticos preferem a terminologia “pronomo indefinido”, interpretando-o como *a gente, alguém*, e fazendo-o equivaler ao *on* francês. (cf. Mello, 1926) Para Tavares, entretanto, o *on* francês nada tem que ver com as expressões portuguesas. O *se* veio para o português por desapassivação, por imitação, por analogia das sentenças transformadas da voz média reflexa. Nas sentenças *diz-se uma verdade, escreve-se uma carta* e *dizem-se verdades, escrevem-se cartas*, o *se* é exatamente o mesmo: pronomo indeterminante.

Tavares advoga que, apesar da tendência mais ou menos popular de dizer *vende-se livros* por *vendem-se livros*, o correto é concordar o verbo com o nome. Para explicar a falta de concordância, a autora supõe que a concordância deixou de ser observada, por uma extensão analógica dos casos em que o verbo se empregava no singular: *come-se, bebe-se, vive-se*.

Diferentemente dos defensores da teoria apassivante, que fazem as sentenças do tipo *vendem-se livros* corresponder à sentença *livros são vendidos* e interpretam-na como equivalente à passiva clássica *libri uenduntur*, Tavares acredita que, em fatos de linguagem, não se deve proceder à análise de uma sentença e interpretá-la por outra. As transformações não explicam a idéia de indeterminação do agente ou sujeito lógico.

As investigações de Nunes

Em sua dissertação de Mestrado (1990), desenvolvida sob a perspectiva da gramática gerativa, Nunes apresenta a seguinte análise:

- a) nas construções passivas, o clítico *se* absorve o papel temático do argumento externo e caso acusativo e o SN posposto detém o papel temático do argumento interno e recebe caso nominativo, com o expletivo ocupando a posição de sujeito.
- b) nas construções de indeterminação, o clítico *se* indetermina o pronome nulo referencial que ocupa a posição de sujeito, e o SN posposto mantém o papel temático do argumento interno e recebe caso acusativo.

Em artigo publicado em 1991, tendo por base estudos sobre variação, a proposta de Nunes (1991) é determinar o percurso diacrônico das construções com *se* indeterminador no português brasileiro, desde seu aparecimento até sua implementação.

O autor desconsidera as construções transitivas com argumento interno no singular, pois podem ser a superficialização tanto de uma estrutura com *se* apassivador como uma estrutura com *se* indeterminador.

Segundo Nunes, os estudos de Naro (1976) consideram que historicamente o *se* passivo precedeu o *se* impessoal e que, em meados do século XVI, a não-concordância em construções com *se* era perfeitamente gramatical.

Considerando que a construção com *se* apassivador precedeu diacronicamente a construção com *se* indeterminador e que as construções são semelhantes em nível de superfície, Nunes avança a hipótese de que o aparecimento do *se* indeterminador decorreu de um processo de reanálise sintática da construção com *se* apassivador.

Uma sentença com argumento interno no singular, como *Consertou-se o brinquedo*, constitui o *input* ideal para que a reanálise se processe, pois pode ser gerada pelas duas estruturas, isto é, pode ser passiva ou de sujeito indeterminado.

Para o autor, a reanálise incidiu sobre os seguintes elementos (p. 37):

- a) reanálise do clítico: *se* apassivador passa de elemento identificador da estrutura do predicado (que absorve o papel temático do argumento externo) a participante da

relação anafórico-pronominal que se estabelece com o pronome nulo da posição de sujeito.

- b) reanálise do argumento interno: o argumento interno passa de sujeito a objeto do verbo.
- c) reanálise da categoria vazia da posição de sujeito: o expletivo que ocupa a posição de sujeito é reanalisado como pronome nulo referencial (indeterminado pelo clítico *se*).

Nunes faz, ainda, outras observações interessantes que podem ser assim sintetizadas:

- 1) A posição pós-verbal ocupada pelo argumento interno em estruturas sentenciais deve ter influenciado o uso crescente da construção com *se* indeterminador (isto é, com discordância verbal).
- 2) No processo de mudança, as locuções verbais devem ter favorecido a implementação da discordância entre o verbo e o argumento interno, isto é, o uso de *se* indeterminador.
- 3) O aparecimento da construção com *se* indeterminador deve ter inibido o “esforço consciente” de equiparar o voz médio-passiva com a voz passiva específica, isto é, impediu o uso de sintagma agentivo em construções com *se* passivador.

De acordo com Nunes (p. 43-44), em decorrência da reanálise, já que o português passou a admitir construções em que um pronome referencial nulo na posição de sujeito é indeterminado pelo clítico *se*, era de se esperar que qualquer verbo – não apenas transitivos – que pudesse ter um pronome referencial nulo na posição de sujeito, possuindo o traço [+ humano], pudesse fazer parte de uma construção com *se* indeterminador.

Assim, o *output* do processo de reanálise, isto é, o emprego de *se* indeterminador deve ter se expandido na seguinte ordem: a) verbos transitivos diretos tomados intransitivamente (Ex.: *Come-se muito no inverno*); b) verbos intransitivos (Ex.: *Trabalha-se bastante neste lugar*); c) verbos transitivos preposicionados (Ex.: *Precisa-se de empregados*); d) verbos ergativos (Ex.: *Chegou-se tarde à reunião*); e) verbos de

ligação (Ex.: *É-se feliz quando se é jovem*); e f) verbos em construções passivas (Ex.: *Aqui, se é visto por todos*). Essa expansão teria se dado, especialmente, de acordo com a semelhança estrutural em superfície.

Ao contrário do português europeu moderno (PE), em que há preferência pela construção com *se* apassivador, no português brasileiro (PB), há preferência pela construção com *se* indeterminador, que se tornou majoritária no século XIX.

Em vista disso, Nunes (1991, p. 36) salienta que as construções com *se* apassivador sobrevivem na modalidade escrita culta do PB devido à “renitência da gramática tradicional”, que se pauta pela norma européia, de modo que a concordância em construções com *se*, no estágio atual do PB, é resultado de “monitoração da escrita” ou “fruto de pressão escolar”.

As investigações de Scherre

No artigo “Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de poodle” (1997), retomado em 2005, partindo dos trabalhos de Antenor Nascentes, M. Said Ali e Mattoso Câmara Jr., Scherre reconhece que, hoje, a estrutura classificada como passiva sintética – *joga-se búzios* ou *jogam-se búzios* – não é passiva; e, sim, uma estrutura ativa de sujeito indeterminado semelhante a outras estruturas irmãs do tipo: *No Brasil, precisa-se urgentemente de reforma agrária* e *vive-se bem nesta terra*.

Além da inexistência de intuição a respeito da estrutura passiva sintética, a autora aponta as inconsistências entre a explicação dessa estrutura e a concepção de predicação verbal das gramáticas normativas.

Scherre sintetiza a explicação das gramáticas normativas da seguinte maneira:

O pronome se em estruturas com verbo intransitivo – vive-se bem nesta terra – ou transitivo indireto – precisa-se de reforma agrária – é índice de indeterminação do sujeito. Em estruturas com verbo transitivo – jogam-se búzios – o pronome se é índice de apassivação, e o termo que determina a concordância – búzios – é o sujeito passivo da construção: trata-se da passiva sintética, correspondente à passiva analítica búzios são jogados. (p. 16)

Em seguida, expõe duas inconsistências:

- 1) A classificação da transitividade verbal segundo a gramática normativa é contextual. Portanto, “o mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente; ora com objeto direto, ora com objeto indireto.” (cf. Cunha & Cintra, 1985, p. 134) Ex.: *jogam-se búzios* (transitivo direto) vs. *joga-se muito nesta terra* (intransitivo).
- 2) A correlação entre a suposta passiva sintética – *jogam-se búzios* – e a estrutura passiva analítica correspondente não é específica desse tipo de estrutura. Teoricamente, qualquer estrutura ativa pode ter uma passiva analítica correspondente. Ex.: *cartomantes jogam búzios* vs. *búzios são jogados por cartomantes*.

Em sentenças dessa natureza, a concordância é variável e ocorre por atração ou por falsa concordância com o objeto direto, em função da gramática normativa.

Conforme salienta Scherre, a ausência de verbo plural em *doa-se filhotes* ocorre porque o falante/escritor nativo não interpreta *filhotes* como sujeito e sim como objeto, que não rege a concordância em português.

Marcos Bagno (apud Scherre, 1997) dedica o capítulo “Aceita-se roupas novas”, de seu livro *A língua de Eulália – Novela sociolinguística*, especialmente à discussão da suposta passiva sintética, apresentando razões sintáticas, semânticas e pragmáticas para sua reanálise como estrutura de indeterminação de sujeito. Para ele, talvez fosse mais simples e coerente reconhecer neste *se* a mesma função que *lhe* é atribuída pela gramática tradicional em sentenças com verbos que não pedem objeto: *vive-se feliz quando se ama*.

Assim, conclui Scherre que, em *joga-se búzios*, o pronome *se* é inequivocamente índice de indeterminação do sujeito e, a concordância, se ocorre, ocorre por força da norma e é considerada intuitivamente *errada*.

As investigações de Duarte

Ao discutir as dificuldades de ordem estrutural e conceitual dos termos da oração nas gramáticas tradicionais, Duarte (2007) afirma que, para entender a estrutura oracional, o mais razoável seria estudar os *predicadores* – os elementos que projetam os constituintes centrais da oração, incluindo o próprio sujeito.

Os predicadores selecionam normalmente um argumento externo (sujeito) e, opcionalmente, argumentos internos (complementos). Em outras palavras, a estrutura argumental é projetada pelo predicador.

Duarte salienta que um predicador verbal (núcleo do predicado verbal) seleciona no máximo três argumentos: o argumento externo sujeito (à esquerda), e dois argumentos internos (à direita): o primeiro é sempre objeto direto, e o segundo pode ser objeto indireto, complemento relativo ou complemento circunstancial.

No entanto, os verbos de ligação não projetam estrutura argumental, mas conferem à oração marcas de tempo, número, pessoa e modo e atribuem caso nominativo ao sujeito. Nos predicados nominais, os nomes geralmente classificados como predicativos do sujeito é que selecionam os argumentos.

A autora analisa estruturas passivas, como *O pássaro foi morto*, e considera que o argumento interno (objeto direto) pode exercer a função sintática de sujeito (entrando em relação de concordância com o verbo), mas mantém seu estatuto de argumento interno e seu papel semântico de tema ou paciente da ação verbal. Assim, o argumento externo é suspenso e pode aparecer na estrutura na função de agente da passiva: *O pássaro foi morto por ele*.

Examinando mais detidamente o argumento externo, Duarte (p.195) advoga que o sujeito oculto só faz sentido se oposto a um sujeito “expresso”, enquanto o sujeito indeterminado, que é uma noção semântica, só faz sentido se oposto a um sujeito “determinado”, isto é, o sujeito com referência definida no contexto. Dessa forma, a autora propõe a seguinte classificação para o sujeito:

- a) quanto à forma, pode vir expresso ou não expresso;
- b) quanto à referência, pode ter referência definida, indefinida ou não ter referência.

O português do Brasil prefere, na modalidade oral, os sujeitos de referência definida expressos.

No que se refere às estruturas com *se*, Duarte afirma que o pronome *se* é sempre usado para indeterminar o argumento externo, seja em construção ativa (em que o sujeito indeterminado é o próprio argumento externo), seja em construção passiva (em que o argumento interno funciona como sujeito gramatical). Assim, a diferença entre o *se* apassivador e o *se* indeterminador reside na interpretação sintática que se dá ao argumento interno dos verbos transitivos diretos.

A autora analisa exemplos, como:

- a) *Vendem-se apartamentos.*
- b) *Precisa-se de ordem e progresso.*
- c) *Vende-se apartamentos*

Em (a), o verbo concorda com argumento interno, que funciona como sujeito. O verbo seleciona um argumento externo tão indeterminado quanto o argumento interno de (b), cuja posição do argumento externo à esquerda do verbo está disponível e o argumento externo é o sujeito indeterminado. Em (a), como a função sintática de sujeito já é realizada pelo argumento interno, o argumento externo fica suspenso, sem função. Nos casos em que o argumento interno não funciona como sujeito, como em (c), a posição do argumento externo também está disponível e o sujeito é indeterminado por meio de *se* indeterminador.

Em resumo, toda construção com *se* (apassivador ou indeterminador) tem o argumento externo indeterminado e a classificação do *se* depende da estrutura que o usuário preferiu: considerando o argumento interno como sujeito, ou mantendo sua função de objeto direto.

2.3. Justificativa para uma nova proposta

Conforme exposto, ao longo do século passado, muitos lingüistas procuraram examinar o *se* indeterminador sob diferentes perspectivas.

Ainda que muitas de suas idéias encontrem respaldo no aporte teórico cognitivista. (cf. Pina, 2006), Said Ali realizou suas investigações sem se pautar em uma teoria específica, adotando uma “abordagem psicológica”.

Mello, por sua vez, assume como princípios básicos a correspondência do *se* indeterminador com o *on* francês, bem como a possibilidade de substituí-lo por expressão sinônima, como *alguém, a gente, uma pessoa*, etc. Demonstra bom senso ao admitir que o *se* exerce função de sujeito tanto com verbos inapassiváveis (intransitivos, relativos e predicativos) quanto com verbos transitivos. E assinala que sentenças com verbo no singular e SN no plural satisfazem “a todas as exigências da boa lógica”.

No entanto, o próprio Said Ali já apontou a incoerência de se considerar o *se* indeterminador correspondente ao *on* francês. Quanto à equivalência de significado com as expressões *alguém, a gente, uma pessoa*, teremos a oportunidade de “desmentir” essa afirmação. (cf. Subseção 4.3.3)

Tavares, enveredando-se pela gramática histórica, procura a origem do *se* indeterminador no latim. Considera que a voz passiva latina, cuja função era indeterminar o agente, tinha forma idêntica à voz média. Quando esta se tornou reflexa perifrástica, a passiva sofreu transformação por analogia, conservando a idéia de indeterminação. Em decorrência, o *se* “indeterminante” do português representa o *se* reflexo latino, sendo uma continuação do latim. Porém, Tavares admite que, apesar de indeterminante, o correto é concordar o verbo com o nome, pois o *se* apenas indetermina o agente ou sujeito lógico. Isso significa que ela considera a estrutura passiva.

Nunes, seguindo o viés da gramática gerativa, descreve o percurso diacrônico do *se* indeterminador, afirmando que este é resultado da reanálise da passiva sintética. Assim, o *se* indeterminador apareceu primeiramente com verbos transitivos e, em seguida, se estendeu a outros tipos de verbos. Hoje, essa forma é majoritária no português brasileiro e a passiva sintética sobrevive apenas na escrita. Apesar dos méritos de sua pesquisa, como bom gerativista, Nunes observa o fenômeno apenas do ponto-de-vista sintático, relegando a semântica.

Scherre, adotando uma perspectiva variacionista, aponta a falta de intuição a respeito da passiva sintética e as incoerências das gramáticas, de sorte que o falante/escritor não concorda o verbo com o SN posposto porque este é interpretado

como objeto direto. Dessa forma, o *se* é índice de indeterminação do sujeito e a concordância, quando ocorre, é por força da norma e considerada “intuitivamente errada”. Embora Scherre faça alusão à “intuição” do usuário da língua, não leva a cabo uma investigação sobre esse assunto, limitando-se a discorrer sobre a variação e o preconceito lingüístico.

Além de não se centrar na investigação do *se* indeteminador, a análise de Duarte parte do pressuposto que os verbos projetam sua estrutura argumental. Essa idéia é refutada pela Gramática das Construções, na medida em que não explica por que alguns verbos podem ocorrer em diferentes estruturas argumentais, isto é, ora transitiva, ora intransitivamente.

Note-se, ainda, que as análises da autora fazem a passiva analítica e a “passiva sintética” equivalerem perfeitamente: a) o argumento interno exerce função de sujeito; b) mantém seu papel de tema ou paciente da ação verbal; c) o argumento externo é suspenso, ficando sem função. Essa “equivalência” entre duas formas diferentes também é negada pela teoria construcional.

A despeito das diversas pesquisas sobre o *se* indeterminador já desenvolvidas, esta Tese se propõe a contemplar o assunto sob um novo ponto-de-vista: a Lingüística Cognitiva (cf. Capítulo 3), procurando granjear uma descrição mais preocupada com a “intuição” do usuário da língua.

3. LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Nascida em fins dos anos 70 e princípios dos 80, a Lingüística Cognitiva concebe a linguagem como uma parte integrante da cognição, parte essa que interage com outros sistemas cognitivos, como a percepção, a atenção, a memória e o raciocínio.

As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento, e da experiência individual, social e cultural.

Em outras palavras, a Lingüística Cognitiva, que se integra no domínio mais amplo das “Ciências Cognitivas” (Psicologia Cognitiva, Neurociência, Inteligência Artificial, Antropologia, Filosofia, etc.), explora a interação entre a língua e as estruturas cognitivas, buscando explicar as formas e os significados das construções.

A Lingüística Cognitiva opõe-se ao paradigma lingüístico gerativista em três pontos centrais (cf. Silva, 1997):

- 1) Rejeita o princípio de autonomia da linguagem, pois a faculdade lingüística não é um componente autônomo da mente, independente de outras faculdades mentais;
- 2) Explica a linguagem em termos semânticos e funcionais e, portanto, considera inadequada uma sintaxe formal e autônoma;
- 3) Desenvolve uma análise com base na observação do uso lingüístico, opondo-se à exclusão chomskyana da “performance” lingüística.

Silva (2004) acrescenta, ainda, que a Lingüística Cognitiva assume que fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e sócio-culturais são fundamentais na caracterização da estrutura lingüística, ao passo que a Lingüística Gerativa os toma como secundários ou auxiliares.

Para o autor (1997, p. 63), a grande novidade da Lingüística Cognitiva “reside no fato de a função cognitiva da linguagem passar a constituir o objeto de uma investigação sistemática e coerente”. Entretanto, apesar de seu foco na mente, o paradigma cognitivista reconhece que a linguagem desenvolve-se e estrutura-se através da interação do indivíduo com o meio.

Os objetivos mais gerais da Lingüística Cognitiva são: (a) procurar ativamente correspondências entre pensamento conceptual, experiência corporal, e estrutura lingüística; e (b) descobrir os conteúdos da cognição humana, não a sua arquitetura. (cf. Gibbs, 1996 *apud* Silva, 1997)

A posição filosófica e epistemológica da Lingüística Cognitiva é caracterizada pelo *experientialismo*, ou em versão mais recente *realismo corporificado* ou *realismo básico*, perspectiva segundo a qual a cognição (e, logo, a linguagem) é determinada pelas experiências individual (incluindo a experiência corporal) e coletiva.

A metodologia da Lingüística Cognitiva é caracterizada pela observação do uso real das expressões lingüísticas com base em *corpora*, fundamentando empiricamente as interpretações dessas expressões nas experiências individuais, nas interações sociais e na fisiologia do aparato conceptual humano. (cf. Silva, 2004)

A Lingüística Cognitiva consiste, na verdade, em “um conjunto de perspectivas e de análises teórica e metodologicamente compatíveis” (Silva, 1997, p. 92), na medida em que convergem em alguns pontos fundamentais, tais como: o foco na semântica (processamento e armazenagem da informação), a idéia de que o significado é ancorado na experiência humana e perspectival (não é reflexo objetivo do mundo), etc. (cf. Geeraerts, 2006)

A Lingüística Cognitiva abarca os campos de investigação da Semântica Cognitiva, da Teoria dos protótipos, e da Gramática das construções, entre outros.

Ligadas à Semântica Cognitiva, a percepção e a organização figura-fundo (Seção 3.1.) e a atenção e as janelas atencionais (Seção 3.2.) são de interesse central para esta Tese, as duas primeiras servirão de base para determinar o valor cognitivo da indeterminação do sujeito com *se* e as duas últimas, para identificar diferenças entre a construção de sujeito indeterminado com *se* e outros padrões construcionais. A categorização por protótipos (Seção 3.3.), por sua vez, será adotada para caracterizar a categoria do sujeito e estabelecer o lugar que o sujeito indeterminado ocupa nessa categoria. Por fim, a Gramática das Construções (Seção 3.4.) fornece o quadro teórico para a explicar a sintaxe das sentenças de sujeito indeterminado com *se*.

3.1. Percepção

A percepção, em Psicologia, é o processo pelo qual os organismos interpretam e organizam a sensação para produzir uma experiência significativa do mundo. A sensação se refere ao resultado imediato da estimulação dos receptores sensoriais (nos olhos, ouvidos, nariz, língua e pele). A percepção, por sua vez, tipicamente envolve processamento de *input* sensorial. Na prática, é impossível separar sensação de percepção, pois constituem partes de um processo contínuo. Os órgãos dos sentidos transformam energia física do ambiente em impulsos elétricos processados pelo cérebro. O processo de percepção permite que esses impulsos sejam interpretados como objetos, pessoas, eventos e situações.

A habilidade de organizar e interpretar estímulos sensoriais tornando-os experiências significativas envolve cognição, um conjunto de atividades mentais que incluem pensar, conhecer, e lembrar. O conhecimento e a experiência são fundamentais para a percepção, na medida em que ajudam a fazer sentido do *input* dos sistemas sensoriais.

A definição do *Dicionário Médico Blakiston* (1979, p. 799) para o verbete “percepção” ratifica essa idéia:

Ato ou processo mental pelo qual a memória de certas qualidades de um ato, uma experiência ou um objeto se associa a outras qualidades que impressionam os sentidos, tornando assim possível o reconhecimento e a interpretação de novos dados sensoriais.

A percepção visual, por exemplo, é um processo ativo. Os cérebros estão constantemente procurando estrutura nos padrões de luz projetados na retina. Sob condições normais, os padrões advêm de objetos reais como cadeiras, gatos e pessoas, e os processos que ocorrem no cérebro não podem ser detectados. O processo de busca de padrões significativos denomina-se *organização perceptual*.

O ser humano recebe estímulos físicos o tempo todo e, para compreendê-los, forma organizações perceptuais (termo que se aplica tanto ao processo de organização quanto ao seu resultado). Há várias maneiras de organizar esses estímulos. Os conceitos

de figura e fundo são os mais simples da forma de organização perceptual: em qualquer campo diferenciado, uma das partes sempre parece se salientar em relação às outras. A parte saliente denomina-se *figura*, e todo o resto, *fundo*.

Em termos médicos (Mayerovitch, Moura & Pessoa, 1979, p. 439), a figura consiste em um “grupo de impressões derivadas de um único sentido e percebidas como um todo ou como uma unidade separada de impressões adjacentes” (o fundo).

Segundo Nava Rubin (2001), a segmentação de uma imagem em figura e fundo é um importante estágio no processamento visual. O sistema visual simplifica a cena visual em uma figura (objeto) e um fundo (área ao seu redor), que forma o segundo plano ou *background*.

Na percepção visual, figura-fundo é um tipo de organização perceptual que envolve estabelecimento de fronteiras para regiões, com os propósitos de determinação de forma, determinação de profundidade entre as fronteiras, e alocação de atenção visual.

Em síntese, a organização figura-fundo é uma característica geral das capacidades perceptuais. O ser humano percebe o ambiente como uma unidade total composta dos estímulos sensoriais que ele conhece ou presta atenção (a figura) e aqueles que ele não conhece nem presta atenção (o fundo). O processo figura-fundo é perceptual e muda momentaneamente.

3.1.1. Organização Figura-Fundo na Teoria da Gestalt

A teoria da Gestalt teve início nas primeiras décadas do século XX como uma espécie de contraposição à teoria psicológica dominante na época: o atomismo. Os atomistas acreditavam que a natureza das coisas era absoluta e independente do contexto e, portanto, o todo psicológico era resultado da soma de suas partes mais elementares. Os Gestaltistas, por outro lado, acreditam que as coisas são mais do que a soma de suas partes e o contexto é muito importante para a percepção.

Gestalt é a palavra alemã que significa “forma” ou “padrão”. A teoria da Gestalt é o resultado de investigações concretas em psicologia, lógica e epistemologia. Seu interesse central é compreender como as pessoas percebem um padrão bem-organizado ou todo, em vez de diversas partes separadas.

Para ilustrar o ponto de vista de que o todo é diferente da soma de suas partes, os Gestaltistas têm fabricado relações figura-fundo ambíguas – isto é, gravuras em que a figura e o fundo podem ser invertidos. Conseqüentemente, os psicólogos Gestaltistas interessam-se em compreender como a organização perceptual funciona, pois, através de seus processos, as sensações simples produzidas pelo olho são agrupadas em *objetos de percepção* significativos.

A relação figura-fundo refere-se à organização característica da percepção, em que o percebido é separado em pelo menos duas partes, cada uma com diferentes atributos, mas influenciando uma a outra. Elementos da cena similares em aparência e forma (figura) são agrupados e contrastados com elementos dissimilares (fundo) para dar a impressão de um todo. Na segmentação figura-fundo, há uma tendência a selecionar regiões menores como figuras, que “sobressaem” contra um fundo indiferenciado.

“A distinção entre ‘figura’ e ‘fundo’ relaciona-se ao fato de que a percepção é relativa em vez de absoluta”, de modo que uma imagem não é inerentemente brilhante nem fosca, nem colorida nem obscura, nem distante nem próxima; é brilhante, colorida ou distante comparada a outra coisa – como seu fundo ou outra imagem. (Dilts, 1987)

O que é figural em dado momento depende dos padrões de estimulação sensorial e dos interesses momentâneos do observador. (cf. Tsur, s.d.) Assim, a organização figura-fundo fornece um modo eficaz de alterar o significado ou impacto de experiências na vida, e trazer novos *insights*. Normalmente, o ser humano presta atenção aos objetos, e mais ou menos desconsidera o fundo. Porém, pode deslocar a atenção para o fundo e, por conseguinte, o objeto torna-se indistinto. Isso é possível porque, segundo Dilts, os “filtros perceptuais” humanos operam para focar seletivamente certos aspectos da experiência de modo similar à lente de uma câmera, alterando a percepção de figura e fundo.

O psicólogo dinamarquês Edgar Rubin foi o responsável por popularizar o assunto da organização figura-fundo. (Rubin, E., 1921 e 2001) Sua famosa imagem de ilusão ótica que representa tanto um vaso como dois perfis humanos – o vaso de Rubin (Fig. 1) – ilustra um dos aspectos-chave da organização figura-fundo: o estabelecimento de fronteira e seu efeito na percepção da forma. Nessa imagem, a forma percebida depende criticamente da direção em que a fronteira entre as regiões preta e branca é estabelecida.

Se as duas fronteiras curvas entre as regiões preta e branca são estabelecidas para dentro, a região branca central é vista como uma forma de vaso em frente a um fundo preto. Por outro lado, se as fronteiras são estabelecidas para fora, as regiões pretas laterais são percebidas como dois perfis em frente a um fundo branco.

Ainda que a percepção possa alternar entre essas duas interpretações possíveis (vaso ou dois perfis), a imagem na retina permanece constante. É difícil (até mesmo impossível) perceber ambas as imagens significativas simultaneamente. O processo figura-fundo é exclusivo e, portanto, um padrão não pode ser visto como figura e como fundo ao mesmo tempo.

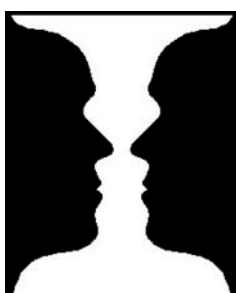


Figura 1. Vaso de Rubin

Na Figura 1, dependendo se a cor branca ou preta é vista como figura ou fundo, o cérebro interpretará a gravura como duas imagens diferentes: um vaso central, ou duas faces de frente uma para a outra. Tomar uma parte ou outra como figura ou fundo torna a experiência diferente. A tendência a alternar rapidamente entre as “leiturais” da imagem mostra que a percepção não é apenas determinada por uma imagem formada na retina, e sim que os processos perceptuais são dinâmicos.

Em outra gravura perceptual clássica da Gestalt, duas pessoas podem ser percebidas: uma mulher velha e uma mulher jovem (Fig. 2). Quando a mulher velha é figural, todo o resto da gravura é fundo; quando a mulher jovem é figural, a mulher velha desaparece no fundo. É possível alternar a percepção de uma figura para outra a fim de reconhecer o processo pelo qual figuras emergem e fundos recuam na vida cotidiana.

A percepção de uma figura emergindo de um fundo é consequência de uma escolha que, embora momentânea, envolve um complexo de processos internos. A escolha do alvo perceptual (a mulher velha ou a mulher jovem) está significativamente relacionada à bagagem experiencial do observador, que é uma mistura de todas as suas

experiências passadas internas e com o mundo, suas inúmeras interações, e mais os sentimentos, crenças, valores e necessidades que estão inseridos em seu mundo interno.



Figura 2. Velha ou Jovem?

O que permite diferenciar figura e fundo, perceber uma separação entre eles, é o contorno: uma fronteira física que pertence à figura, conferindo-lhe forma. Se ocorre uma inversão, isto é, se a figura torna-se fundo e vice-versa, o contorno passa, logicamente, a pertencer à nova figura. A figura sempre possui o contorno.

De acordo com Edgar Rubin (*apud* Rubin, N. 2001), “o que é percebido como figura e o que é percebido como fundo não têm forma da mesma maneira.” Enquanto a forma da figura é intrínseca a ela, a forma do fundo é resultado acidental de um arranjo específico dos objetos figurais.

O estabelecimento de um contorno para uma de duas regiões vizinhas forma a percepção de superfícies, formas e objetos. A flutuação entre duas interpretações deve-se à alternância de atenção na forma do contorno. Assim, percebe-se alternadamente os elementos como figura e fundo; porém, sempre um de cada vez.

Na determinação do que é figura e fundo influem diversos fatores: tamanho, localização, homogeneidade, simetria, paralelismo, vizinhança, familiaridade, etc. Além desses, o “conjunto perceptual” do observador e interesses individuais também podem influenciar a situação, fazendo uma interpretação mais forte que a outra.

Conforme observa Fausto (1999), figura e fundo são diferenciados não apenas em formas visuais. Há uma tendência a separá-los em todas as experiências de percepção. Na música pop, por exemplo, geralmente percebe-se a voz do cantor como figura e o instrumental como fundo, como acompanhamento.

3.1.2. Organização Figura-Fundo na Linguagem

No início, a Teoria da Gestalt era essencialmente formulada no nível da percepção sensorial, em especial no nível da visualização. Logo ficou claro, porém, que os princípios da Gestalt não eram relevantes apenas para a percepção, mas também para outros procedimentos cognitivos, como o processamento da linguagem e a determinação do significado. (cf. Skilters, 2006)

Tendo em vista sua ligação com a abordagem da Gestalt, as pesquisas em Semântica Cognitiva (cf. Langacker, 1987 e 1991; Talmy, 1978 e 2003; entre outros) têm demonstrado que os processos do significado e compreensão começam com a percepção e, portanto, vários princípios da organização semântica têm origem no processamento sensorial, por exemplo, a *distinção figura-fundo*.

Segundo Lakoff & Johnson (1999, p. 198), o ser humano não percebe cenas neutras entre figura e fundo. A figura e o fundo não são aspectos da realidade objetiva, mas sim aspectos da cognição humana. Portanto, a distinção figura-fundo é fundamental para os conceitos humanos.

Tanto Langacker quanto Talmy exploram a distinção cognitiva entre figura e fundo.

Para Langacker (1987), a organização figura-fundo é um aspecto válido e fundamental do funcionamento cognitivo. A figura dentro de uma cena é uma subestrutura percebida como “se destacando” do restante (o fundo), e que recebe proeminência especial como a entidade central ao redor da qual a cena é organizada e para qual esta fornece um cenário.

A organização figura-fundo não é automaticamente determinada para cada cena. Normalmente, é possível estruturar a mesma cena com escolhas alternativas de figura, pois a Semântica Cognitiva acomoda adequadamente construtos (*construal*), isto é, diferentes maneiras de conceber uma mesma situação. Um aspecto dos construtos é a habilidade de tornar certas entidades mais proeminentes que outras, através da organização figura-fundo.

A organização assimétrica figura-fundo ocupa um lugar central na teoria de Langacker. Por exemplo, as noções de *sujeito* e *objeto direto* são definidas,

esquemáticamente, como *figura primária* e *figura secundária*, respectivamente. (cf. Subseção 3.3.4.)

Talmy (2003, p. 311) propõe que figura e fundo são duas funções cognitivas fundamentais, através das quais a linguagem estabelece um conceito como ponto de referência ou âncora para outro conceito. A figura corresponde ao conceito que precisa de ancoramento; o fundo corresponde ao conceito que faz o ancoramento. Esse par de conceitos pode ser:

- 1) Dois objetos relacionados no espaço em um evento de movimento ou localização, representados por dois SNs em uma oração.
- 2) Dois eventos relacionados numa situação temporal, causal, ou de outro tipo, representados pelas orações principal e subordinada de um período composto.

No nível intra-oracional, figura e fundo são categorias cognitivo-semânticas, em relação ao evento semântico de movimento e localização, que envolve um objeto físico movendo-se ou localizado em relação a outro. Cada objeto apresenta uma relação significativa e distinta com o evento como um todo: figura e fundo.

No uso lingüístico, figura e fundo têm as seguintes características específicas:

A figura é uma entidade que se move ou conceitualmente móvel cujo percurso, lugar ou orientação é concebido como uma variável, cujo valor específico é o assunto relevante. O fundo é uma entidade de referência, que tem uma colocação estacionária relativa a um frame de referência, com relação ao qual o percurso, lugar ou orientação da figura é caracterizado. (Talmy, 2003, p. 312)

Para provar que as categorias figura e fundo existem em semântica, Talmy apresenta o evento locativo em que ambos os objetos são estacionários:

(1) *A bicicleta (figura) está perto da casa (fundo).*

(2) *A casa (figura) está perto da bicicleta (fundo).*

O SN que aparece em segundo lugar funciona como fundo em relação ao SN que aparece em primeiro lugar como figura. Aparentemente, essas sentenças representam formas inversas de uma relação simétrica e seriam, portanto, sinônimas. Porém, a relação concerne apenas à pequena quantidade de distância entre os dois objetos, e a não-sinonímia se deve à diferença com que os SNs especificam as funções semânticas de ponto variável (figura) e ponto de referência (fundo). (1) faz especificações não-simétricas: um objeto (a casa) tem uma localização dentro de um *frame* de referência (implicitamente, a vizinhança, o mundo, etc.) e é usado como um objeto de referência para localizar outro objeto (a bicicleta), que é variável. (2) faz todas as especificações inversas, mas consiste em uma sentença atípica, pois comumente não se toma uma bicicleta como ponto de referência para localizar uma casa.

De acordo com Talmy (2003, p. 315-316), figura e fundo têm características definicionais e associadas. As *características definicionais* são determinativos das funções de figura e fundo (cf. definições na p. 33). As *características associadas* são correlatos tendenciais das funções de figura e fundo, que fazem uma entidade mais adequada para funcionar como fundo e outra entidade como figura: a figura tende a ser *mais móvel, menor, mais recente na memória, mais relevante, menos imediatamente perceptível, mais saliente quando percebida, e mais dependente*. Em contrapartida, o fundo tende a ser *mais permanentemente localizado, maior, mais familiar/esperado, menos relevante, mais imediatamente perceptível, menos saliente quando a figura é percebida, e mais independente*.

Como parte da analogia espaço-temporal da linguagem, a referência de figura e fundo para a localização relativa de objetos no espaço pode ser generalizada para a localização relativa de eventos no tempo. (Talmy, 1978 e 2003)

A aplicabilidade dessas categorias semânticas a estruturas temporais pode ser vista no período composto: (3) *A bomba explodiu* (figura) *quando ele apertou o botão* (fundo). Nesse período, o evento de apertar o botão é interpretado como fundo, estabelecendo-se como um ponto de referência fixo e conhecido; e o evento da explosão é interpretado como figura, estabelecendo a localização no tempo dessa ocorrência mais saliente em relação à outra. Dadas as funções diferenciadas, o período inverso tem significado diferente: (4) *Ele apertou o botão* (figura) *quando a bomba explodiu* (fundo).

De acordo com Talmy, as relações assimétricas entre objetos e entre eventos são governadas pelo *Princípio da precedência*, que determina os constituintes sintáticos em que as funções figura e fundo são expressas. Em expressões básicas, a figura (variável) tem precedência sintática sobre o fundo (ponto de referência), tanto no nível intraracional como no nível interoracional. Para SNs em um período simples, como as sentenças locativas *A bicicleta está perto da casa* e *A casa está perto da bicicleta*, essa precedência consiste na atribuição regular das funções figura e fundo ao sujeito e ao objeto, respectivamente, sem levar em consideração as características dos referentes dos SNs. Para orações de um período composto, o princípio da precedência admite a figura como a oração principal e o fundo como a oração subordinada, pois os eventos da oração subordinada já estão na memória quando os eventos da oração principal ocorrem e, portanto, servem de base (ponto de referência) para acessá-los. Qualquer atribuição figura-fundo diferente dessas é tida como não-básica ou derivada.

O ancoramento cognitivo, função da distinção figura-fundo, envolve principalmente um dos sistemas esquemáticos mais importantes da linguagem – da atenção e sua distribuição diferenciada. (cf. Seção 3.2.)

3.2. Atenção

De acordo com Langacker (1987, p. 114), a experiência consciente é uma mescla parcialmente integrada de sensações perceptuais (visual, auditiva, tátil, etc.), eventos cinestésicos e motores, fatores emotivos e processos autônomos. No entanto, o ser humano não presta atenção igualmente a todos esses elementos ao mesmo tempo. Quando se concentra em um domínio, o *input* de outros domínios pode similarmente ser ignorado. Portanto, o indivíduo tem, até certo ponto, o controle volicional da atenção, podendo dirigir ou concentrar a atenção sobre alguma coisa.

A atenção caracteriza-se em termos de uma área central ou focal que desaparece gradualmente em uma periferia de extensão indefinida. Nesse sentido, há o conceito de *centro* ou *foco de atenção*, em que maior força atencional é colocada na região central e menor força atencional é colocada na região circundante.

Langacker assinala, ainda, que a atenção é intrinsecamente associada à intensidade ou nível de energia dos processos cognitivos, que se traduz experiencialmente em maior proeminência ou saliência. Entre tantos processos cognitivos ativados que compõem a diversidade da experiência mental em dado momento, alguns têm maior intensidade e destacam-se como o foco da atenção. O maior nível de energia na área focal facilita a ativação de um conjunto mais elaborado de eventos cognitivos, cujo resultado é maior acuidade, isto é, uma experiência mental mais completa e mais precisamente especificada. Em síntese, a atenção é sobreposta ao “tecido intrincadamente entrelaçado” da experiência mental e seletivamente aumenta sua saliência.

Segundo Langacker, embora uma entidade que recebe o foco de atenção seja normalmente percebida como uma figura, é preciso distinguir essas noções, pois os contrastes figura-fundo são registrados até em domínios que não estão recebendo atenção. Ao jogar vídeo game, a atenção do jogador está centrada no campo visual. Mas, ainda que os efeitos sonoros estejam na periferia, o jogador impõe uma relação figura-fundo no *input* auditivo, percebendo campainhas, por exemplo, contra um fundo silencioso.

A estrutura gramatical é baseada em imagens convencionais, que refletem a habilidade humana para interpretar uma situação de modos diferentes (com propósitos de pensamento ou expressão). O valor conceitual ou semântico completo dessa situação é uma função não apenas de seu conteúdo, mas também de como esse conteúdo é estruturado em relação a assuntos como atenção, seleção, organização figura-fundo, ponto de vista, etc. Através de “ajustes focais”, uma conceptualização transforma-se em outra que é aproximadamente equivalente em termos de conteúdo, mas que difere em como esse conteúdo é interpretado. (cf. Langacker, 1987)

Para Talmy (2003), a distribuição de atenção é um sistema esquemático que consiste de vários padrões de forças diferentes com os quais a atenção de alguém é dirigida sobre um objeto ou cena referente.

Há três fatores no sistema atencional que governam a distribuição da atenção sobre uma cena referente (p.76-77): *força de atenção*, *padrão de atenção* e *mapeamento de atenção*. Interessa-nos apenas o padrão de atenção, pelo qual atenções de diferentes forças são combinadas e arranjadas em dados padrões. Entre os tipos de padrão, está a

janela de atenção, em que uma ou mais regiões (descontínuas) dentro de uma cena referente recebe maior atenção, enquanto o restante da cena recebe menor atenção.

3.2.1. Janelas Atencionais

Segundo Talmy (2003), as formas lingüísticas podem dirigir a distribuição da atenção sobre uma cena referente em um tipo de padrão – a colocação de uma ou mais janelas de maior atenção sobre a cena, num processo cognitivo denominado *enjanelamento (windowing) de atenção*. Nesse processo, uma ou mais partes da cena são colocadas no primeiro plano de atenção, enquanto o resto é colocado no segundo plano.

O recurso lingüístico/formal fundamental que intervém nesse processo é a inclusão na sentença de material explícito que se refere à(s) parte(s) da cena total colocada(s) no primeiro plano, e a omissão do material que se refere ao resto da cena colocado no segundo plano.

O enjanelamento de atenção é apenas um fragmento do sistema cognitivo mais vasto que constitui a estruturação conceitual da linguagem. Em termos hierárquicos, juntamente com nível de atenção, centro de atenção, escopo de atenção, e rede de atenção, o enjanelamento faz parte da categoria cognitiva estrutural maior denominada *distribuição da atenção*, a qual pode ser considerada um sistema esquemático que, juntamente com outros sistemas esquemáticos como estrutura configuracional, localização do ponto de referência, dinâmica de forças, e estado cognitivo, constitui a delimitação fundamental da *estruturação conceitual* em linguagem.

Embora apenas uma ou mais partes da cena estejam especificadas, faz parte da natureza do processo de enjanelamento que, dado o contexto apropriado, o destinatário seja capaz de inferir o resto da cena. Geralmente, a mesma cena pode ser enjanelada de várias maneiras, isto é, diferentes padrões de janelas selecionadas podem ser colocadas sobre a mesma cena. Isso evidencia a propriedade lingüística fundamental de *alternatividade conceitual*.

Supondo uma cena seqüencial por natureza ou conceptualmente seqüencializada, as janelas de maior atenção podem ser colocadas sobre o começo (janela inicial), o meio (janela medial) ou o fim (janela final) da seqüência. As partes sem enjanelamento,

colocadas em segundo plano pela falta de constituintes sentenciais referentes a elas, denominam-se *lacunas* inicial, medial ou final.

O conceito de enjanelamento requer uma base para distinguir dois tipos de material faltante em uma cena:

- 1) cujo referente pertence à cena representada – elementos e suas inter-relações que pertencem ao centro identificador de dado evento ou tipo de evento.
- 2) cujo referente é periférico ou incidental – elementos que, em dados contextos, partilham envolvimento íntimo no evento.

Assim, um conjunto de elementos conceituais e inter-relações que são evocados juntos ou evocam uns aos outros subjazem ou constituem um *frame* de evento, enquanto os elementos incidentais – fracamente evocados ou não evocados – ficam fora do *frame* de evento.

Essa noção de *frame* de evento difere do conceito de “cena” proposto por Fillmore (1977), em termos de ênfase ou base conceitual. A principal diferença é que enquanto a cena de Fillmore representa um conceito específico de uma língua ou conjunto de línguas, e determinado dentro de dado contexto sociocultural, o *frame* de evento de Talmy é uma categoria conceitual genérica, provavelmente universal entre as línguas, possivelmente inata, e que pelo menos em parte corresponde a estruturas conceituais presentes em outros sistemas cognitivos (como a percepção visual). Por exemplo, a cena comercial de Fillmore, que envolve troca de posse, constitui apenas uma forma de um tipo genérico de *frame* de evento que consiste na troca de entidades e que é delimitado de acordo com fatores gerais como reciprocidade ou simetria.

Há fatores conceituais relativamente gerais ou princípios cognitivos que delimitam os *frames* de evento, estabelecendo uma fronteira entre o material conceitual pertencente e não pertencente ao *frame* de evento. Períodos fronteiros estacionários, coincidência espacial, escopo de intenção do agente, mapeabilidade direta entre segmentos, etc. são exemplos desses fatores.

Talmy examina cinco tipos genéricos de *frames* de evento – percurso, cadeia causal, ciclo, interação de participante, e inter-relação – e considera os fatores

cognitivos que constituem e delimitam cada um, bem como explora as formas de enjanelamento de atenção que eles apoiam.

O *frame* de evento de percurso é concebido como um percurso completo de movimento, cujo processo de enjanelamento denomina-se *enjanelamento de percurso*. Envolve três categorias de percurso diferentes: percursos aberto, fechado e fictício, sendo que todos podem exibir um processo cognitivo denominado *ajuste cognitivo*.

A análise do *frame* de evento de percurso aberto ilustra, de modo simples e claro, os principais aspectos da proposta de Talmy. O percurso aberto é descrito por um objeto fisicamente em movimento no curso de um período de tempo, tendo um começo e um fim em diferentes localizações no espaço. Considere-se uma instanciação desse tipo de percurso com vários padrões de enjanelamento e lacunas impostos a ele:

A água foi bombeada...

	Porção inicial	Porção medial	Porção final	Explicação
a)	<i>da cisterna</i>	<i>através do cano</i>	<i>até a torneira</i>	com enjanelamento máximo sobre todo o percurso conceptualmente completo
b)	<i>da cisterna</i>		<i>até a torneira</i>	com enjanelamento sobre as porções inicial e final e conseqüente lacuna sobre a porção medial do percurso
c)		<i>através do cano</i>	<i>até a torneira</i>	com enjanelamento sobre as porções medial e final e conseqüente lacuna sobre a porção inicial do percurso
d)	<i>da cisterna</i>	<i>através do cano</i>		com enjanelamento sobre as porções inicial e medial e conseqüente lacuna sobre a porção final do percurso
e)	<i>da cisterna</i>			com enjanelamento sobre a porção inicial do percurso e conseqüente lacuna sobre as porções medial e final
f)		<i>através do cano</i>		com enjanelamento sobre a porção medial do percurso e conseqüente lacuna sobre as porções inicial e final
g)			<i>até a torneira</i>	com enjanelamento sobre a porção final do percurso e conseqüente lacuna sobre as porções inicial e medial

Quadro 1. Janelas e lacunas atencionais no *frame* de evento de percurso

As porções omitidas são atencionalmente colocadas em segundo plano em relação às porções enjaneladas colocadas em primeiro plano, mas, havendo contexto suficiente, o interlocutor reconstrói cada um dos percursos parcialmente omitidos na mesma conceptualização de um percurso completo.

Há fatores que desempenham um papel no processo cognitivo de estabelecimento das fronteiras desse *frame* de evento:

- a) Escopo da percepção – do que está normativa ou canonicamente disponível na cena referente. Por exemplo, o percurso da água da cisterna para a torneira está dentro do escopo de percepção disponível e, portanto, é tratado como uma unidade. Percursos adicionais de movimento (o movimento da água antes de chegar à cisterna e o movimento da água depois de sair da torneira) são excluídos do *frame* de evento.
- b) Diferença qualitativa – enquadra juntamente uma seqüência de fenômenos com o mesmo caráter qualitativo, separando-os das seqüências qualitativamente diferentes. Por exemplo, um período estacionário (a água na cisterna) é considerado qualitativamente diferente de um período de movimento (a água sendo bombeada), de sorte que um período de movimento contínuo limitado por dois períodos estacionários é cognitivamente tratado como uma unidade.

Quando partes mediais do percurso são colocadas no segundo plano de atenção, nas representações cognitivas, essas partes podem reduzir-se a um estado mínimo na conceptualização consciente, de sorte que as fases descontínuas inicial e final podem parecer contíguas. Esse processo cognitivo denomina-se *ajuste conceitual*.

Na análise do *frame* de evento de cadeia causal, concebido como uma seqüência de eventos ou subeventos ligados iniciada por um agente intencional, Talmy (2003, p. 275-276) comenta – sem muita ênfase – um interessante aspecto de seu enjanelamento: A cadeia causal pode incluir entidades cognitivas adicionais cuja ação é essencial na seqüência que leva ao resultado final. Normalmente, as intenções, atos volicionais e efeitos desses agentes intermediários são atencionalmente colocados em segundo plano. No entanto, é permitido adicionar uma janela atencional sobre a presença de um agente intermediário, cuja identidade não é especificada. Exemplos:

- 1) *Faraó construiu uma pirâmide para si.* (enjanela o iniciador e o resultado final, sem especificação de agente intermediário)
- 2) *Faraó teve uma pirâmide construída para si/ ele.* (adiciona uma janela sobre a presença de um agente intermediário, embora não sobre sua identidade)

3) *Faraó fez seus súditos construírem uma pirâmide para ele.* (refere-se explicitamente a um agente intermediário identificado)

A noção de um agente cuja identidade não é especificada, mas que recebe “janela de atenção”, será utilizada para examinar o sujeito indeterminado com *se*. (cf. Capítulo 4)

Na próxima seção (Seção 3.3.), será apresentada a natureza da categorização humana, baseada em protótipos, e o tipo de estrutura categorial que define a categoria do sujeito, cujo parâmetro definicional mais importante é a organização figura-fundo.

3.3. Categorização

A categorização é uma das capacidades cognitivas fundamentais, definida como “o processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria.” (Silva, 1997, p. 66)

Segundo Dienhart (1999, p. 98), durante toda a vida, os seres humanos comparam uma coisa com outra, e agem de acordo com as categorizações que fazem. Nos primeiros anos, o homem estabelece “controle” mental sobre a maioria dos objetos dentro de sua experiência. Classifica as “coisas” como sendo as mesmas, similares ou diferentes, e constrói “caixas” mentais em que coloca objetos que “se comparam” de alguma maneira. No entanto, à medida que o homem envelhece, o número de novas caixas que constrói diminui rapidamente, e suas percepções tornam-se “fixas”. O mundo, outrora diferente e novo, perde sua capacidade de surpreender, pois o homem torna-se cada vez mais familiarizado com os objetos que ele contém, e mais adepto a colocar novos objetos nas caixas já construídas.

Portanto, a categorização é o processo pelo qual as experiências e conceitos são reconhecidos e compreendidos. Inversamente, a experiência corporal e os mecanismos imaginativos são centrais para a construção de categorias pelas quais o indivíduo faz sentido das experiências.

A categorização é básica para o pensamento, a percepção, a ação e o discurso. (Lakoff, 1987, p. 5) O homem categoriza automaticamente pessoas, animais e objetos físicos, tanto naturais como artificiais (feitos pelo homem). Mas, uma grande quantidade

de categorias não são categorias de coisas ou seres no mundo físico – *cadeiras* e *zebras*, por exemplo; são categorias de atividades e coisas abstratas: eventos, ações, emoções, relações espaciais e sociais, e entidades abstratas – *votar*, *raiva*, *mãe*, *governo*, etc. A maior parte das palavras e conceitos designam categorias.

A categorização implica que os conceitos sejam classificados em categorias, geralmente, para propósitos específicos, sendo fundamental na tomada de decisões em todos os tipos de interação com o meio e na linguagem.

Assim, a categorização é um modo natural de identificar um *tipo* de objeto ou experiência enfatizando certas propriedades, desprezando outras, e ainda escondendo outras. Focar em um conjunto de propriedades, para certo propósito, tira a atenção de outras propriedades. As propriedades enfatizadas pertencem às dimensões naturais das categorias, ao passo que as propriedades desprezadas e escondidas não pertencem às categorias. (cf. Lakoff & Johnson, 1980, p. 163)

A categorização é um assunto central na Linguística Cognitiva, na qual é considerada um dos princípios primários da organização conceitual e linguística. Todavia, a categorização na Linguística Cognitiva difere radicalmente do modelo aristotélico clássico.

3.3.1. Modelo Clássico das Categorias

O modelo clássico das categorias, que tem prevalecido desde Aristóteles, apoia-se no *objetivismo*. Na visão objetivista, o significado é considerado independente do entendimento de qualquer organismo. Nela, uma coleção de símbolos (palavras e representações mentais) ganha significado apenas por meio de correspondências convencionais com entidades e categorias do mundo externo. Logo, o pensamento é abstrato e descorporificado, na medida em que é independente de quaisquer limitações do corpo humano, do sistema perceptual humano e do sistema nervoso humano.

A teoria clássica mantém que as categorias são entidades discretas caracterizadas por um conjunto de propriedades inerentes das entidades da categoria. Ou seja: as categorias são consideradas contedores abstratos, e tudo no universo fica dentro ou fora da categoria. As coisas pertencem à mesma categoria se e somente se têm todas as propriedades inerentes necessárias. Qualquer coisa que não tenha uma ou mais das

propriedades inerentes fica fora da categoria. Essas propriedades são condições necessárias e suficientes para definir a categoria. (cf. Lakoff & Johnson, 1980, p. 122, entre outros.)

Admitindo que as categorias clássicas são definidas por uma coleção de propriedades comuns compartilhadas por todos os seus membros, nenhum membro deveria ser mais central que outros membros.

Além disso, as categorias clássicas são claramente limitadas, mutuamente exclusivas e coletivamente exaustivas, de sorte que qualquer entidade de dado universo da classificação deveria pertencer inequivocamente a uma, e apenas uma, categoria.

Na teoria clássica, as categorias espelham a realidade física, isto é, funcionam como um espelho da natureza. No entanto, o modelo clássico de categorização não se aplica apenas a categorias do mundo, mas também a categorias conceituais. Uma categoria conceitual é uma representação simbólica de uma categoria no mundo real (ou algum mundo possível), sendo definida em termos de condições necessárias e suficientes compartilhadas por todos os membros. Essas condições incluem as propriedades e relações das entidades. (Lakoff, 1987, p. 166)

A teoria clássica de categorias é inadequada para o estudo da natureza, da linguagem natural bem como de outros aspectos da mente. Na verdade, todas as doutrinas objetivistas a respeito do pensamento humano e da linguagem são “problemáticas”, até mesmo erradas. (Lakoff, 1987, p.158)

3.3.2. Teoria dos Protótipos

Opondo-se ao objetivismo, o *experientialismo* advoga que as categorias conceituais humanas: (1) têm propriedades que são, pelo menos em parte, determinadas pela natureza corporal das pessoas que fazem a categorização (dependem da *gestalt* da percepção e dos movimentos motores) em vez de apenas pelas propriedades dos membros da categoria; (2) têm propriedades que são um resultado de processos imaginativos (metáfora, metonímia, imagens mentais) que não espelham a natureza.

Todavia, segundo Lakoff (1987, p. 372), apesar de repousar centralmente na natureza corporal humana e nas capacidades imaginativas, o experientialismo tem mantido uma forma de *realismo básico*, pois as estruturas conceituais são fortemente

(mas não totalmente) restringidas pela realidade e pelo modo como o ser humano funciona como parte inerente da realidade.

Em 1969, desenvolvida em Antropologia Cognitiva, a investigação pioneira de Berlin & Kay sobre os termos básicos de cores, comparando noventa e oito línguas, constatou que as diferentes línguas dividem o espectro de cor arbitrariamente, de sorte que as fronteiras entre tonalidades de cor diferem de língua para língua. No entanto, as línguas selecionam suas categorias básicas de cor de um inventário de 11 categorias, e existe regularidade quanto às cores focais, isto é, os melhores exemplos das categorias. A existência de cores focais mostra que as categorias das cores não são uniformes.

Apoiando-se no paradigma experiencialista, na década de 70, os estudos empíricos de Eleanor Rosch e seus discípulos, sobre a categorização das cores – retomando a pesquisa de Berlin & Kay (1969) –, das aves, dos frutos e de outras classes de entidades, indicaram que havia vários problemas com o modelo clássico de categorias:

- a) A idéia de condições necessárias e suficientes é raramente, se alguma vez, encontrada nas categorias de coisas naturais ou na categorização humana de experiências.
- b) Os seres humanos tendem a considerar alguns membros das categorias como melhores exemplos, ou mais representativos, que outros.
- c) As categorias naturais tendem a ser imprecisas em suas fronteiras e inconsistentes no *status* de seus membros constituintes.
- d) As categorias não são independentes de características dos seres que categorizam, isto é, envolvem, por exemplo, a neurofisiologia humana, o movimento corporal humano, as capacidades humanas de perceber, formar imagens mentais, aprender e lembrar, organizar o que aprende, e comunicar eficientemente.

Com essas observações em mente, Rosch desenvolveu a *teoria dos protótipos*, revolucionando o estudo da categorização dentro da psicologia experimental. A autora demonstrou que as categorias, em geral, têm melhores exemplos (denominados *protótipos* ou pontos de referência cognitiva) e que todas as capacidades especificamente humanas desempenham um papel na categorização.

Categorias, como *ave*, têm fronteiras claras, mas dentro das fronteiras há efeitos de protótipo graduais – alguns membros da categoria são melhores exemplos da categoria que outros. Pardais e papagaios são considerados melhores exemplos de aves, avestruzes e pingüins são piores exemplos, e corujas e águias são intermediárias. O agrupamento dos elementos da categoria *ave* faz-se por similaridades, em vez de por propriedades comuns a todas as espécies. O traço “voa”, por exemplo, está ausente em avestruzes e pingüins.

Para ilustrar pontos importantes da categorização em termos de protótipos, Lakoff & Johnson (1980, p. 122-123) estudaram a categoria *cadeira*. Uma cadeira prototípica tem um assento, um espaldar, quatro pernas e, opcionalmente, braços. Mas, há cadeiras não-prototípicas, como a cadeira elétrica, a cadeira de balanço, a cadeira giratória, a cadeira de rodas, a cadeira de barbeiro, etc., as quais são consideradas *cadeiras* em termos de sua relação com a cadeira prototípica. São cadeiras, não porque partilham com o protótipo um conjunto fixo de propriedades definidoras, mas sim porque possuem semelhança familiar suficiente com o protótipo, sendo, portanto, suficientemente próximas ao protótipo de maneiras diferentes.

As propriedades que determinam semelhança familiar advêm de dimensões naturais, como a *percepção* (a aparência, a rigidez, etc.), a *atividade motora* (o movimento do corpo ao sentar, ao ficar sentado e ao levantar), a *função* (para sentar) e a *intenção* (relaxar, comer, escrever, etc.), sendo, portanto, *propriedades interacionais*, que emergem da interação do homem com o meio.

Lakoff & Johnson (1980, p. 164) explicam, ainda, que “as categorias são definidas para propósitos de entendimento humano por protótipos e semelhanças familiares com os protótipos.” As categorias não são fixas; podem ser estreitadas, estendidas ou ajustadas de acordo com os propósitos humanos e outros aspectos do contexto. Uma cadeira de balanço, uma cadeira giratória e um pufe, por exemplo, servem o propósito de cadeiras em um grupo de discussão informal, mas não são adequados como “cadeiras” em um jantar formal.

Assim, a teoria dos protótipos sugere que a categorização humana é essencialmente uma questão de experiência humana e imaginação – da percepção, da atividade motora e da cultura, por um lado, e da metáfora, da metonímia e imagens mentais, por outro lado. (cf. Lakoff, 1987, p. 8)

Segundo Geeraerts (1988c *apud* Silva, 1997, p.71), as categorias estruturadas na base de protótipos são cognitivamente eficientes, por dois motivos: (a) têm a vantagem da flexibilidade, que lhes permite adaptarem-se a vários contextos de uso e integrarem novas entidades como membros mais ou menos periféricos, e (b) têm a vantagem da estabilidade, que proporciona a interpretação de novas experiências (através dos protótipos existentes), sem que seja necessária a criação de novas categorias ou a redefinição de categorias já existentes, permitindo a continuidade da estrutura geral do sistema categorial. Portanto, as categorias baseadas em protótipos satisfazem essas duas tendências, aparentemente contraditórias, da cognição humana.

Opondo-se à teoria clássica, segundo a qual nenhum membro tem *status* cognitivo especial, pois as propriedades que definem a categoria são partilhadas por todos os membros, a pesquisa de Rosch sobre os efeitos de protótipo tem visado a mostrar assimetrias entre os membros da categoria e estruturas assimétricas dentro das categorias (cf. *estrutura radial*, na subsecção seguinte).

3.3.3. Estrutura radial

A radialidade é um dos princípios estruturais pelos quais as categorias são organizadas. A noção de “estrutura radial”, introduzida por Lakoff (1987), implica que as categorias não têm estruturas simétricas. Uma estrutura radial é uma taxonomia que tem uma estrutura centro-periferia, na qual o centro da categoria fornece o esquema de propriedades prototípicas. O centro é em si uma idealização sobre o que os membros da categoria têm, ou deveriam ter, em comum. Quanto mais em comum um membro tem com o centro prototípico, mais próximo ao centro ele se localiza. Isto é, os membros que não compartilham muitas características com o centro são localizados periféricamente. Portanto, as categorias apresentam centralidade graduada e graus de pertencimento, com bons membros em direção ao centro e maus membros em direção à fronteira.

Às vezes, os membros de uma categoria são categorias em si. Nesse caso, são denominados *subconjuntos* ou *subcategorias*. Nesse caso, a categoria é estruturada radialmente em relação a suas subcategorias: há uma subcategoria central; em adição, há extensões não-centrais que não são instâncias especializadas da subcategoria central, mas sim variantes dela. As extensões são *motivadas* pelo modelo central mais certos

princípios gerais de extensão (metáfora, metonímia, relações de esquemas imagéticos, etc.).

A categoria *mãe*, por exemplo, tem um caso central, em que convergem os seguintes modelos: mãe é fêmea, que contribui geneticamente, que dá a luz, que cria, casada com o pai, mais velha uma geração que a criança, e sua guardiã legal. As subcategorias são definidas pela convenção como variações desse caso central: madrasta, mãe adotiva, mãe biológica, mãe solteira, mãe de criação, etc. Essas variações são culturalmente definidas e devem ser aprendidas. (Lakoff, 1987, p. 83-84)

De acordo com Lakoff (1987), o conceito de “categoria radial” também permite explicar regularidades na estrutura do léxico e da gramática, reduzindo a arbitrariedade de correspondências entre forma e significado.

Os sentidos de uma palavra formam uma categoria, com cada sentido sendo um membro da categoria. Os sentidos não são similares (com propriedades em comum), mas sim relacionados uns aos outros de modos específicos, através de mecanismos como a metáfora e a metonímia. Esses sentidos formam uma categoria radial, em que há um sentido central (prototípico) e uma estrutura de sentidos relacionados motivados pelo sentido central. A palavra “janela”, por exemplo, tem mais de um significado: pode referir-se à abertura na parede, à esquadria e ao vidro na esquadria. Logo, trata-se de uma instância de *polissemia* – um caso em que um item lexical tem uma família de sentidos relacionados. (cf. também *polissemia construcional*, oportunamente explicada na Subseção 3.4.2.)

Para Lakoff, as categorias radiais ocorrem na gramática, especialmente, motivando correspondências entre forma e significado. Mais precisamente, a categoria de estruturas sentenciais na linguagem é estruturada radialmente, com uma subcategoria central e muitas subcategorias não-centrais. As estruturas sentenciais centrais/básicas exibem uma relação direta e regular entre forma e significado. As estruturas sentenciais não-centrais/não-básicas se relacionam sistematicamente às estruturas sentenciais centrais, e suas correspondências forma-significado derivam em grande parte daquelas mais centrais.

A própria Linguística Cognitiva, bem como a Gramática das Construções (cf. Seção 3.4.), se organizam radialmente, na medida em que não constituem teorias

unificadas, mas conjuntos de abordagens que partilham perspectivas em comum. (cf. Geeraerts, 2006)

3.3.4. A categoria do sujeito

Com base em investigações anteriores (Bates & MacWhinney, 1982; Van Oosten, 1984), Lakoff (1987, p. 65) advoga que a categoria Sujeito é uma categoria radial, cujo centro ou protótipo é definido em termos semânticos e pragmáticos como *Agente* e *Tópico*. No entanto, *Agente* e *Tópico* são categorias naturais centradas ao redor de protótipos e, por conseguinte, o pertencimento na categoria Sujeito não pode ser completamente predito a partir das propriedades de agentes e tópicos. Assim, os membros centrais da categoria são tanto Agentes prototípicos como Tópicos prototípicos, mas SNs que não são agentes prototípicos nem tópicos prototípicos podem ser sujeitos – e relativamente bons exemplos – contanto que tenham propriedades importantes de agente e tópico. Ou seja: sujeitos não-prototípicos são *motivados* pelo centro, no sentido de que possuem semelhanças de família com ele.

Investigando a natureza do sujeito em português, Pontes (1986) assinala que o sujeito não deve ser considerado uma categoria discreta, mas deve se basear num conjunto de propriedades. Quanto mais traços definidores tiver o SN, mais chance ele terá de ser identificado como sujeito.

Para testar se os traços do sujeito eram os mesmos para todas as pessoas, ou se havia tipos de traços mais recorrentes para identificar o sujeito, Pontes (p.119-121) pediu a 10 professores de Português da Faculdade de Letras da UFMG que escrevessem a primeira definição de sujeito que lhes ocorresse. Das definições, Pontes depreendeu quatro traços: *agente* (presente nas 10 definições), *paciente* (presente em 4), *concordância* (presente em 3) e *tópico* (presente em 2). Ninguém citou a *posição* como traço do sujeito.

A definição do sujeito baseia-se, pois, em traços não-necessários:

- (a) *Agente* – muitos sujeitos não são agentes, podendo ser até pacientes, como lembram alguns professores; o agente pode ser expresso também pelo agente da passiva;

- (b) *Paciente* – nem todos os sujeitos são pacientes; o paciente é mais freqüentemente expresso pelo objeto;
- (c) *Concordância verbal* – não funciona em vários registros; há casos em que o verbo concorda com o predicativo (ou outro termo), não com o sujeito.
- (d) *Tópico* – pode ser expresso por outro termo que não o sujeito.

Verificando 10 gramáticas, Pontes observou que oito adotam o traço tópico para definir o sujeito: “é o termo de quem se declara alguma coisa”. Portanto, não é nas gramáticas que os informantes aprendem a privilegiar o traço agente.

Ao pedir a 10 professores da Faculdade de Letras que dessem um exemplo de oração com sujeito, Pontes obteve o seguinte resultado: com exceção de um, todos os sujeitos eram humanos (os mais altos numa hierarquia de saliência) e agentes (têm controle sobre a ação, praticada voluntariamente); 58% eram orações transitivas diretas; um sujeito era inanimado – neutro em relação à categoria agente-paciente –, aparecendo anteposto ao verbo (uma das características marcantes do sujeito) em uma oração que indica acontecimento (*o sol nasceu brilhante*). Isso confirma a idéia do sujeito típico: agente, anteposto a verbo de ação. Os sujeitos mais típicos são os que o aluno aprende primeiro, erra menos e lembra mais rapidamente quando quer dar um exemplo. (cf. Pontes, 1986, p.130)

Porém, a noção de *agente*, como a de sujeito, também parece ser mais bem entendida em termos de casos típicos. O caso típico de agente é um SN humano (ou pelo menos animado) causador de uma ação em oração transitiva. A noção parece restrita a seres volitivos: O agente geralmente é definido como “o que age” ou “o que pratica a ação”. O conceito de agente está relacionado com o de *animado*, que ora é considerado como o que tem vida, ora como o que tem movimento. Logo, animação, como agentividade, também não é um conceito uniforme, mas variável.

Em síntese, segundo Pontes, o caso prototípico de sujeito (e de agente) é humano, com total controle da ação, verbo ativo, tipicamente transitivo, seguido de objeto direto que sofre a ação do sujeito, em oração declarativa, afirmativa, simples.

Para demonstrar que as construções de estrutura argumental são aprendidas e que generalizações trans-lingüísticas são motivadas por generalizações não-lingüísticas,

Goldberg (2006) investiga a “ligação” do Ator/Agente e do Paciente com as posições de sujeito e objeto, respectivamente.

Atores e Pacientes tendem a ser expressos em posições (*slots*) sintáticas proeminentes porque são altamente salientes. Essa generalização decorre diretamente de aspectos gerais da cognição humana, e em especial da *percepção* e da *atenção*.

A literatura documenta que as entidades que iniciam ações apresentam alto grau de “acessibilidade” cognitiva. Isto é, em geral, os eventos tendem fortemente a ser concebidos como agentivos, pois a atenção humana é naturalmente dirigida a atores, até mesmo em tarefas não-lingüísticas. Por exemplo, a atenção visual tende a ser centrada no Ator do evento, durante e depois da ação executada. (cf. Goldberg, 2006, p.185)

Para Langacker (1991), a relação gramatical *sujeito* é fundamental para a descrição da estrutura oracional, sendo adequado caracterizá-la em termos de seu valor conceptual, que fornece a base para explicar tanto sua função discursiva como seu comportamento gramatical.

Ainda que o comportamento gramatical seja útil para a identificação do sujeito, pois alerta para o *status* especial de certos SNs dentro da oração, ele não serve como base para uma caracterização universalmente válida da noção de sujeito, na medida em que certos comportamentos são típicos dos sujeitos em um grau ou outro, mas não são associados com eles nem universal nem exclusivamente.

Assim, a tendência do sujeito a assumir um papel central na estrutura gramatical é mais racionalmente considerada como sintomática de alguma saliência cognitiva especial. (Langacker, 1991, p. 306)

O tipo de saliência a que Langacker se refere é a *topicalidade*, em geral reconhecida como estreitamente ligada ao sujeito. Em Gramática Cognitiva, a topicalidade abarca vários fatores relacionados à concepção de participantes oracionais. Cada fator define um “caminho” natural cujo ponto de partida tem certa saliência cognitiva em virtude de ser o elemento inicial em uma seqüência ordenada.

Langacker expõe os fatores de topicalidade ordenados pelo grau de objetividade (p. 306-308):

- 1) *Papel semântico* (fator mais objetivo) – isto é, a natureza da participação de uma entidade no evento. Prototipicamente, o sujeito é um agente e, portanto, o ponto de

partida relativo ao fluxo de energia ao longo de uma cadeia de ação. A escolha de um participante claramente agente como sujeito representa o caso *default*; a escolha de qualquer outro participante (como na passiva) requer motivação especial e caso marcado.

- 2) *Hierarquia de empatia* (fator, em grande medida, objetivo) – a localização de um participante na hierarquia reflete um julgamento egocêntrico das entidades, ordenando-as de acordo com seu potencial para atrair a empatia humana, isto é, com base em aspectos como semelhanças e interesses comuns. No ponto de partida da hierarquia de empatia, localiza-se, portanto, o falante.

Falante > Ouvinte > Humano > Animal > Objeto físico > Entidade Abstrata

- 3) *Determinação* (fator altamente subjetivo) – pertinente a uma propriedade altamente extrínseca de o falante ou o ouvinte terem conseguido estabelecer contato mental com o participante. Há uma tendência para sujeitos serem definidos – o ponto de partida na hierarquia de determinação.

Definido > Indefinido específico > Indefinido não-específico

- 4) *Organização figura-fundo* (fator completamente subjetivo) – embora a seleção de uma entidade como figura dentro de uma cena seja influenciada por certas propriedades objetivas, como tamanho, movimento, contraste com o ambiente vizinho, o alinhamento figura-fundo não é inerente em uma situação, mas uma questão de “construto”. A maioria das predicções relacionais confere proeminência especial a uma das entidades participantes (o trajetor), que é plausivelmente analisada como a figura dentro da relação perfilada. Outra entidade é capaz de se destacar como um tipo de figura secundária (o marco). Alinhamento trajetor/marco é observável em qualquer nível de complexidade estrutural – incluindo o nível oracional –, estabelecendo uma ordenação parcial, baseada em um tipo de proeminência, dos participantes oracionais. O trajetor (figura relacional) é o ponto de partida relativo a esse caminho natural.

Em resumo, o sujeito prototípico se posiciona altamente em todos os quatro fatores de topicalidade: é agente, humano, definido, e figura dentro da relação perfilada. A saliência cognitiva implicada por esse alto grau de topicalidade faz um sujeito facilmente acessível para participação nas construções gramaticais.

Tendo em vista que a noção de *sujeito* é considerada fundamental para a gramática precisamente porque se baseia em aspectos muito básicos da cognição, refletidos diretamente em seu valor esquemático, Langacker procura uma definição mais esquemática que seja universalmente válida para todos os sujeitos.

Os fatores empatia, determinação e papel semântico não servem para caracterizar universalmente o sujeito. Empatia e determinação parecem ser os mais fracamente correlacionados ao sujeito, pois um participante com alto valor nesses parâmetros é capaz de representar qualquer relação gramatical. O papel semântico de um sujeito é prototipicamente o de agente, mas os sujeitos podem exibir uma variedade maior de papéis semânticos e, ainda que muitos desses papéis possam ser resumidos a definições mais esquemáticas como *núcleo da cadeia de ação* e *participante ativo em uma relação assimétrica*, não há um papel válido para todos os sujeitos.

Langacker (1991, p. 311-312) indica que o que todos os sujeitos têm em comum não é um papel semântico específico, mas sim um aspecto subjetivo por natureza: o sujeito é o foco de interesse simplesmente porque o falante opta por conceber o evento de determinada maneira. É, portanto, uma questão de construto em vez de conteúdo conceitual. O autor recomenda que a noção vaga de “foco de interesse” seja substituída pelo fenômeno bem estabelecido da organização figura-fundo. Visto que a organização figura-fundo é básica para a cognição e importante para a semântica de predicacões relacionais em geral, é natural identificar sujeitos como trajetores do nível oracional. Logo, o sujeito é definido esquematicamente como figura relacional, o participante mais proeminente da oração.

De acordo com Langacker (1991, p. 330), as similaridades entre a escolha do sujeito e a imposição da organização figura-fundo colaboram para a plausibilidade da definição do sujeito como *figura oracional primária*, por dois motivos: (1) ambas seguem tendências naturais, que na linguagem são fatores como papel semântico, empatia e determinação, enquanto na percepção são fatores como tamanho, mobilidade, contraste, etc. (2) em ambas as instâncias, essas tendências podem ser violadas, pois com motivação adequada a escolha da figura perceptual e a do sujeito gramatical apresentam grande flexibilidade.

Langacker acrescenta, ainda, que a flexibilidade no construto e na codificação evidenciam a relação indireta entre a natureza objetiva do evento e a estrutura

gramatical para descrevê-lo. Os argumentos de uma oração transitiva prototípica, por exemplo, representam participantes separados e claramente delimitados que se distinguem um do outro, do evento e de outras entidades que poderiam participar em seu lugar. Todavia, em todas as línguas, há recursos gramaticais que acomodam desvios desse cânone, permitindo a codificação eficiente de eventos em que:

- (a) os participantes não são de fato distintos. Ex.: *construção reflexiva*, em que o mesmo participante desempenha mais de um papel no evento, em especial uma entidade pode atuar sobre si mesma, do mesmo modo como atua sobre outra entidade. (*Eu me cortei*)
- (b) o falante não pode ou não deseja especificar um argumento com precisão. Ex.: *construção passiva*, que possibilita tirar o foco de proeminência do participante maior, que pode conseqüentemente permanecer não-elaborado ou totalmente não-especificado. (*O vidro foi quebrado*)

Tendo em vista que as construções gramaticais codificam determinados “construtos”, isto é, modos de conceber uma cena, a teoria construcional é exposta na seção seguinte (Seção 3.4).

3.4. Gramática das Construções

Nas últimas décadas, tem havido um significativo avanço no campo da descrição gramatical a partir do desenvolvimento da Gramática das Construções. Essa teoria lingüística preocupa-se com a natureza da competência lingüística do falante, analisando a integração entre estruturas lingüísticas e processos cognitivos, sendo, portanto, centrada no ser humano.

A Gramática das Construções teve início em meados dos anos 70, motivada pelo desenvolvimento da Semântica Cognitiva. Ao longo dos anos 80, diversos lingüistas americanos descreveram construções típicas do inglês, procurando lidar especialmente com casos que intrinsecamente fogem à capacidade da gramática gerativa, tais como: as construções com *there*, de Lakoff (1987), e o operador escalar *let alone*, de Fillmore, Kay & O'Connor (1988).

O termo “Gramática das Construções” abarca uma família de teorias, ou modelos, de gramática que, embora divergentes em alguns aspectos, se baseiam na idéia de que unidade básica da língua é a construção gramatical. Assim, a gramática é um inventário de construções gramaticais, em vez de um conjunto de estruturas sintáticas e regras (ou restrições às estruturas e regras).

Segundo Goldberg (2003 e 2006), as abordagens construcionais partilham certas idéias fundamentais com a abordagem gerativa tradicional. Ambas concordam que é essencial considerar a linguagem como um sistema cognitivo (mental); admitem que deve haver modos de combinar estruturas para criar novas enunciações; e reconhecem a necessidade de uma teoria sobre aprendizado de linguagem.

Mas, em outros aspectos, a abordagem gerativa tradicional difere das abordagens construcionais porque (Goldberg, 2003 e 2006):

- 1) Não adota uma abordagem não-derivacional (monoestratal) da sintaxe.
- 2) Não enfatiza os construtos, isto é, os modos como os falantes “concebem” os eventos e estados-de-coisas; a ênfase é em paráfrases.
- 3) Entende as “construções” como pareamentos de forma subjacente e significado, em vez de forma superficial e função detalhada.
- 4) Entende apenas certos padrões sintáticos regulares e sistemáticos como pertencentes ao “centro” da gramática.
- 5) Considera padrões semi-regulares e não-usuais como “periféricos”, pois não podem ser explicados através de princípios e restrições gerais, universais ou inatas.
- 6) Considera que palavras e morfemas são armazenados em um componente separado, e a maioria das generalizações sintáticas independe da semântica ou da função discursiva.
- 7) Advoga que as construções são universais e determinadas pela “gramática universal” – princípios específicos para a faculdade da linguagem.
- 8) Não trata das generalizações entre construções distintas mas relacionadas, em uma língua específica.

A maioria das versões da Gramática das Construções enfatiza o papel das construções gramaticais, bem como o fato de as línguas serem aprendidas, isto é,

“construídas” com base no *input* e mecanismos cognitivos gerais. São modelos baseados no uso, e a “motivação” desempenha papel central na gramática. Goldberg dedica um capítulo inteiro (Capítulo 10, 2006) a contrastar as diferentes abordagens construcionais, mas este assunto fica fora do escopo desta Tese.

Aqui, adotamos o modelo de análise construcional proposto por Goldberg (em especial 1995), cujas principais idéias serão apresentadas na Subseção 3.4.2.

3.4.1. Noção de construção gramatical

Na teoria construcional, a unidade básica é a *construção gramatical*, definida como uma correspondência entre parâmetros de forma (incluindo informações lexicais, sintáticas e morfológicas) e parâmetros de significado (incluindo informações semânticas e pragmáticas).

Admitindo que morfemas, palavras, sintagmas e frases são construções, uma vez que são caracterizados por uma forma pareada a um significado e diferem apenas quanto à complexidade interna, a Gramática das Construções postula que não há divisão rígida entre léxico e sintaxe, do mesmo modo que advoga que não há separação entre semântica e pragmática.

Tipicamente, construções sentenciais instanciam diversas construções simultaneamente. Por exemplo, a sentença “*Aline enviou uma carta para Pedro*” instancia a construção sujeito-predicado, a construção dativa preposicional, a construção morfológica de pretérito (*envi-ou*) e seis construções morfológicas simples, correspondendo a cada palavra da sentença.

Assim, as construções podem ser combinadas livremente para formar expressões reais desde que não estejam em conflito. Essa premissa dá conta do potencial infinitamente criativo da língua. (cf. Goldberg, 2003)

3.4.2. Gramática Construcional de Goldberg

Em sua versão da Gramática das Construções, Goldberg (1995) descreve sentenças simples e básicas do inglês. Sua tese central é a de que sentenças básicas são construções, na medida em que correspondem a pareamentos forma-significado que

existem independentemente dos verbos instanciados. Em outras palavras, Goldberg afirma que as construções sentenciais têm significado, independentemente das palavras que compõem a sentença.

Assim, a interpretação e a forma dos padrões sentenciais não são determinados pelas especificações do verbo, o que permite evitar sentidos verbais implausíveis. Por exemplo, *sneeze* (espirrar) pode ocorrer na sentença *He sneezed the napkin off the table* (Ele espirrou o guardanapo para fora da mesa), ainda que não tenha um sentido com três argumentos.

Cada construção sentencial codifica como seu sentido central uma cena básica da experiência humana, por exemplo, alguém transferindo algo a alguém, alguém fazendo algo mover-se, alguém modificando o estado de algo, algo movendo-se, alguém experienciando algo, etc.

Tendo em vista a codificação de cenas experienciais, Goldberg distingue cinco construções sentenciais básicas do inglês:

Construções	Significados básicos	Configurações sintáticas	Exemplos
1) Bitransitiva	X CAUSA Y RECEBER Z	Sujeito + Verbo + Objeto ₁ + Objeto ₂	<i>Pat faxed Bill the letter</i>
2) Movimento Causado	X CAUSA Y MOVER Z	Sujeito + Verbo + Objeto + Oblíquo	<i>Pat sneezed the napkin off the table</i>
3) Resultativa	X CAUSA Y TORNAR-SE Z	Sujeito + Verbo + Objeto + XComp.	<i>She kissed him unconscious</i>
4) Movimento Intransitivo	X MOVE Y	Sujeito + Verbo + Oblíquo	<i>The fly buzzed into the room</i>
5) Conativa	X DIRECIONA AÇÃO PARA Y	Sujeito + Verbo + Oblíquo _{at}	<i>Sam kicked at Bill</i>

Quadro 2. Padrões sentenciais do inglês

Para propósitos de entendimento, com ligeira adaptação dos padrões sentenciais do inglês para o português, seguem os exemplos: “*Aline enviou Pedro uma carta*” (construção bitransitiva, conforme explicada adiante), “*Felipe pôs o livro na estante*” (construção de movimento causado), “*Fátima cortou a carne em pedaços*” (construção resultativa), “*A abelha voava no jardim*” (construção de movimento intransitivo) e “*Miguel cantou para o público*” (construção conativa). No entanto, os padrões do português ainda carecem de descrição sistemática para determinar-lhes o número e as características específicas.

Note-se que, segundo Goldberg (2006), no padrão bitransitivo, o recipiente ocorre imediatamente na posição pós-verbal e sem preposição, seguido do argumento tema. Esse padrão, associado com o significado de transferência, existe em inglês, bem como em Suaíle, Mandarim, Vietnamita, etc. As línguas românicas, como o português, têm *construções dativas preposicionais* para expressar transferência (Suj. + V + OD + OI).

De acordo com a teoria construcional, padrões sentenciais são considerados construções se sua forma ou seu significado não é estritamente predizível a partir de propriedades de suas partes componentes ou a partir de outras construções. Isto é, as construções não são composicionalmente derivadas de outras construções existentes na gramática. Essa premissa é apresentada por Goldberg (1995) através do corolário:

C é uma construção se e somente se C é um pareamento forma/significado $\langle F_i, S_i \rangle$ de modo que algum aspecto de F_i , ou algum aspecto de S_i , não é estritamente predizível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas. (p. 4)

Silva (2001) descreve sete padrões sentenciais básicos do português, que codificam “esquemas de evento” (ou “cenas experienciais”, na terminologia de Goldberg). Esses esquemas de evento são padrões conceituais que combinam um tipo de ação, processo ou estado com os participantes nele envolvidos, desempenhando determinados papéis.

Conforme Silva, os esquemas conceituais de evento do português, seus respectivos papéis temáticos e suas codificações sintáticas encontram-se sintetizados no quadro abaixo:

Esquemas conceituais	Papéis temáticos	Padrões sintáticos
Esquema de “ser”	Paciente – Essivo	Suj. – V – Pred.
Esquema de “acontecer”	Paciente	Suj. – V
Esquema de “fazer”	Agente – (Paciente)	Suj. – V – (OD)
Esquema de “experienciar”	Experienciador – Paciente	Suj. – V – OD
Esquema de “ter”	Possuidor – Paciente	Suj. – V – OD
Esquema de “mover”	(Agente) – Paciente – Meta	Suj. – V – (OD) – OBL
Esquema de “transferir”	Agente – Paciente – Recipiente	Suj. – V – OD – OI

Quadro 3. Padrões sentenciais do português

Os esquemas de “mover” e de “transferir” são integrações de diferentes esquemas. O primeiro combina o esquema de “acontecer” ou o esquema de “fazer” com o esquema “origem-percurso-meta”. O segundo combina os esquema de “ter”, o de “acontecer” ou o de “fazer” com o esquema de “mover”.

Assim, pode-se depreender que, dependendo do esquema combinado àquele de “origem-percurso-meta”, por exemplo, codifica-se a construção de movimento intransitivo (com o esquema de “acontecer”) ou a de movimento causado (com o esquema de “fazer”).

Silva assinala, ainda, que o esquema de “fazer”, que integra os participantes agente e paciente, é o que representa o evento canônico (ou conceptualização prototípica de um evento), que envolve uma interação energética entre dois participantes. Esse esquema é codificado na construção transitiva.

No entanto, Silva não se detém na investigação dos padrões sentenciais do português. Seu objetivo central é descrever a integração do verbo *deixar* em diferentes esquemas sintático-semânticos. Normalmente, os estudos construcionais em português preocupam-se em analisar uma construção de cada vez, seja uma construção básica, como a *locativa* (Pinheiro, 2007), seja uma construção idiomática, como o angulador pragmático *ser de (se) V_{inf}* (Pina, 2004).

Analisando os padrões sentenciais básicos do inglês, Goldberg ressalta a importância de uma abordagem *bottom-up* (do item lexical para a construção) e *top-down* (da construção para o item lexical), uma vez que os significados da construção e do verbo interagem. A construção contribui para a semântica do verbo, do mesmo modo que o verbo contribui para a semântica da construção. Isto é, a compatibilização de um verbo em uma construção específica determina a atualização de um sentido do verbo, ao mesmo tempo que o sentido do verbo instanciado completa a significação da construção.

A semântica do verbo especifica papéis participantes (referentes aos participantes da cena evocada pelo verbo), enquanto a construção especifica papéis argumentais (referentes aos papéis temáticos, como agente, paciente, alvo, etc.). O verbo lexicalmente perfila as entidades obrigatoriamente presentes na cena que ele evoca. *Vender*, por exemplo, evoca uma cena em que prototipicamente participam um *vendedor*, um *objeto vendido* e um *comprador*. A construção dativa preposicional do

português *X CAUSA Y RECEBER Z*, por exemplo, perfila um *agente*, um *paciente* e um *recipiente*. Os papéis participantes perfilados pelo verbo *vender* e os papéis argumentais perfilados pela construção dativa preposicional (transferencial) apresentam correspondência semântica e fundem-se (*vendedor/agente*, *objeto vendido/paciente*, e *comprador/recipiente*). Os papéis perfilados pela construção são expressos como relações gramaticais diretas (*sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*).

Segundo Goldberg, as construções (i) especificam de que modo os verbos combinam-se com elas, (ii) restringem a classe de verbos que pode ser integrada com elas, e (iii) especificam o modo como o tipo de evento designado pelo verbo integra-se no tipo de evento designado por elas. Tendo isso em vista, é lícito dizer que *vender* compatibiliza com a construção dativa preposicional porque o evento designado por *vender* encerra uma transferência. Em outras palavras, o tipo de evento designado pelo verbo é uma instanciação do tipo de evento mais geral designado pela construção.

A integração entre verbos e construções é governada por dois princípios: (1) *Princípio da Coerência Semântica*, segundo o qual apenas papéis que são semanticamente compatíveis podem fundir-se; e (2) *Princípio da Correspondência*, segundo o qual cada papel participante que é lexicalmente perfilado e expresso deve ser fundido com um papel argumental da construção.

Entretanto, Goldberg salienta que há condições específicas em que os papéis participantes perfilados podem não ser expressos:

Sombreamento: Baseia-se na metáfora de que o perfilamento é análogo a uma câmera cinematográfica focando em certos participantes. O sombreamento denota um processo pelo qual um dado participante é “colocado nas sombras”. No exemplo “*A salada foi temperada.*”, a construção passiva sombreia o papel participante mais alto associado ao verbo (aquele que se funde com o papel argumental de agente). Mas, seria possível dizer “*A salada foi temperada por Marta.*”, isto é, com o agente da passiva.

Corte: Evoca a noção de um diretor cortando um dos participantes do filme. A diferença entre o papel participante sombreado e o papel participante cortado é que este não pode ser expresso. Por exemplo, na sentença “*Esse tecido amarrota facilmente.*”, o papel participante agentivo não pode ser expresso.

Complementos nulos: Há dois modos de o verbo especificar lexicalmente que um certo papel participante pode não ser expresso:

- (1) *Complemento nulo indefinido:* O papel não-expresso recebe uma interpretação indefinida, pois a identidade do referente é desconhecida ou irrelevante. No exemplo “*Helena come muito.*”, o objeto do verbo *comer* não está expresso e a identidade de seu referente – o que Helena come – é irrelevante.
- (2) *Complemento nulo definido:* A identidade do referente deve ser recuperada no contexto. Por exemplo, na resposta “*Ø Mordeu Ø.*” para a pergunta “*O cachorro mordeu Antônio?*”, os participantes do verbo recebem uma interpretação definida no contexto.

Sobre a relação entre papéis participantes (PP) e papéis argumentais (PA), Goldberg (2006, p. 42) reconhece quatro casos:

- 1) PP e PA se integram completamente: *Ela enviou uma carta para ele.* (argumentos do verbo e da construção)
- 2) PP não-perfilado é expresso como adjunto: *Ela quebrou a janela com um martelo.* (adjunto tradicional)
- 3) PA não corresponde a um PP obrigatório: *Ela fez um bolo para ele.* (argumento contribuído pela construção)
- 4) PP perfilado é expresso como adjunto: *Ele encheu o vagão com feno.* (argumento contribuído pelo verbo)

De acordo com Goldberg, as construções são tipicamente associadas a uma família de sentidos estreitamente relacionados, em vez de um único sentido abstrato e fixo. Considerando que a teoria construcional não admite uma divisão rígida entre sintaxe e léxico e, portanto, trata padrões sintáticos e morfemas como o mesmo tipo básico de dados, a polissemia construcional constitui um fenômeno natural. O padrão sentencial bitransitivo do inglês, por exemplo, apresenta um sentido mais básico e outros sentidos relacionados. Seu sentido central é *um agente realiza uma transferência bem-sucedida de um objeto a um recipiente*. Com esse sentido central, compatibilizam (a) os verbos que inerentemente significam atos de cessão (*dar, passar, entregar*), (b) os

verbos que significam causação instantânea de movimento (*atirar, arremessar, chutar*) e (c) os verbos que significam causação contínua de movimento em uma direção deiticamente especificada (*trazer, levar*).

No entanto, algumas formas bitransitivas não implicam uma transferência bem-sucedida do argumento paciente a seu recipiente potencial. Sendo assim, a autora aponta cinco sentidos menos básicos da construção bitransitiva: (1) agente tem intenção de realizar a transferência, com verbos de criação (*cozinhar, preparar, fazer, construir*) e com verbos de obtenção (*conseguir, obter, ganhar, adquirir*); (2) agente compromete-se a realizar a transferência, com verbos de obrigação (*prometer, garantir*); (3) agente faz com que a transferência se realize em um momento futuro, com verbos de posse futura (*legar, enviar, remeter*); (4) agente permite que a transferência se realize, com verbos de permissão (*permitir, deixar*); e (5) agente nega a transferência, com verbos de recusa (*recusar, negar*).

O padrão sentencial bitransitivo *X CAUSA Y RECEBER Z* é polissêmico, na medida em que se associa a um conjunto de sentidos sistematicamente relacionados. A transferência bem-sucedida é tida como o sentido central porque é possível representar mais economicamente os outros sentidos como extensões desse sentido mais básico. Os verbos associados com a construção bitransitiva suscitam interpretações ligeiramente diferentes.

Para caracterizar a polissemia lexical, em vez de postular um novo sentido em cada instanciação de um verbo específico em uma configuração sintática diferente, a teoria construcional advoga que o verbo está associado a mais de um sentido que se integra no significado da construção.

Considerando que o inventário de construções constitui um conjunto altamente estruturado, Goldberg (1995) assinala que a organização lingüística é governada por quatro princípios psicológicos ou cognitivos:

- I- *Princípio da Motivação Maximizada*: Se uma construção A é sintaticamente relacionada a uma construção B, então o sistema da construção A é motivado de tal modo que se relaciona semanticamente com a construção B. Essa motivação é maximizada.

II- *Princípio da Não-Sinonímia*: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Subdivide-se em:

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não devem ser pragmaticamente sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não devem ser semanticamente sinônimas.

III- *Princípio da Força Expressiva Maximizada*: O inventário de construções é maximizado para propósitos comunicativos.

IV- *Princípio da Economia Maximizada*: O número de construções distintas é minimizado o máximo possível, dado o Princípio III.

Segundo o Princípio I, se uma construção A baseia-se na construção B, então A herda todas as propriedades de B que não conflitam com as suas próprias especificações. Dessa forma, a abordagem construcional depreende a natureza das relações semânticas entre o sentido central de uma construção e suas extensões, de modo que as construções estendidas a partir da construção bitransitiva herdam suas especificações sintáticas e a idéia transferencial, mas não herdam o fato de a transferência ser bem-sucedida. Cada extensão constitui uma construção minimamente diferente, motivada pelo sentido central, isto é, cada sentido pode ser representado por uma construção que é minimamente diferente daquela de sentido central.

De acordo com o Princípio II, uma diferença na forma sintática sempre indica uma diferença de significado (semântica ou pragmática). Inversamente, o Princípio III determina que uma diferença no significado leva a uma diferença na forma.

Enquanto o Princípio III caracteriza a tendência para criar novas formas em um sistema maximamente expressivo, o Princípio IV restringe o número de construções, atendendo à necessidade de simplificação lingüística. Nesse sentido, esses dois princípios restringem um ao outro.

Embora a maioria dos aspectos lingüísticos seja altamente motivada, no sentido de que estão relacionados a outros aspectos da gramática e são não-arbitrários, a Gramática

das Construções sustenta que muitos outros aspectos são idiossincrásicos em graus variados e devem, portanto, ser aprendidos.

Em trabalhos mais recentes (2003 e 2006), Goldberg se dedica a investigar a natureza da generalização na linguagem. Advoga que a linguagem deve ser aprendida a partir de *input* e mecanismos cognitivos gerais. Sua tese central é que um padrão mais geral é mais útil para predizer o significado total da sentença do que o conhecimento sobre verbos específicos. O verbo isolado tem pequena validade para a predição do significado da sentença, pois a maioria dos verbos pode ocorrer em mais de uma construção, com correspondentes diferenças de interpretação, como o verbo *cortar* nas sentenças: (a) *Ela cortou o pão* (construção transitiva), (b) *Ela cortou as cenouras na salada* (construção de movimento causado), (c) *Ela cortou um pedaço de bolo para Aloísio* (construção dativa preposicional) e (d) *Ela cortou o papel em tiras* (construção resultativa). Em todas as expressões *cortar* significa “dividir com instrumento afiado” e integra-se aos significados das construções. (Goldberg, 1995, 2003) Assim, os falantes devem aprender a identificar tipos de construções, pois seu objetivo é compreender e produzir sentenças.

Conclui-se, pois, que a teoria construcional pretende caracterizar todas as construções que formam o repertório lingüístico, não apenas as construções mais centrais da gramática. A Gramática das Construções parte do princípio de que é possível obter entendimentos fundamentais considerando-se casos não-centrais, no sentido de que o modelo teórico capaz de dar conta de casos não-centrais pode ser empregado para dar conta de casos centrais. Assim sendo, a teoria enfatiza a análise de construções marcadas com a crença de que essas construções jogam luzes sobre assuntos mais gerais, e podem esclarecer o que é preciso para um estudo completo da linguagem. É propício salientar que a teoria construcional preocupa-se, também, em descrever as condições sob as quais uma construção específica pode ser utilizada com sucesso, posto que esse conhecimento faz parte da competência lingüística do usuário da língua.

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO

Apesar de já haver motivado diversos estudos, o assunto do *se* indeterminador ainda merece destaque tendo em vista o conflito entre as prescrições da gramática normativa e a intuição do usuário. O foco de nossa pesquisa será a descrição sistemática do sujeito indeterminado com *se* em português, tendo por base os pressupostos da Linguística Cognitiva.

A análise está dividida em três partes principais. A primeira parte, dedicada à investigação da categoria do sujeito, procura identificar o “lugar” do sujeito indeterminado nessa categoria. A segunda parte se refere à análise da construção de sujeito indeterminado com *se* em português. A terceira parte discute a natureza do sujeito indeterminado com *se*, examinando as idéias difundidas pelas gramáticas normativas a respeito das formas denominadas passiva sintética e a passiva analítica.

4.1. Sujeito: uma categoria radial

Tomando como ponto de partida a observação de Lakoff (1987) de que a categoria do sujeito é estruturada radialmente, observamos que há sujeitos mais prototípicos, que ocupam o centro da categoria, sendo considerados mais representativos e melhores exemplos da categoria (cf. Pontes, 1986), e há sujeitos menos prototípicos, que ocupam a periferia da categoria e se afastam mais ou menos do centro.

Inicialmente, convém tentar determinar a natureza dos membros dessa categoria. Para este fim, partimos da discussão de Langacker (1991), como exposta na Subseção 3.3.4. O autor propôs quatro parâmetros de topicalidade, que definem seqüências ordenadas de elementos com certa saliência cognitiva na concepção do evento e, por conseguinte, na estrutura oracional. Neste ponto, fazem-se necessárias algumas considerações sobre cada um desses parâmetros.

4.1.1. Considerações sobre os parâmetros de saliência

O primeiro parâmetro exposto por Langacker é o *papel semântico*, que diz respeito à natureza da participação de uma entidade no evento. Porém, o autor limita-se

a definir o sujeito prototípico como agente, sem propor uma hierarquia ou seqüência de papéis semânticos que os sujeitos podem ter. Considerando que, para nossa análise, é essencial identificar essa seqüência, apoiamo-nos em outros três autores e os papéis propostos para o sujeito.

Fillmore (1976)	Mira Mateus <i>et al.</i> (1983)	Silva (2001)
Agente Experienciador Instrumento Objeto	Agente Experienciador Origem Recipiente Objeto Paciente	Agente Experienciador Possuidor Paciente

Quadro 4. Papéis semânticos do sujeito em português

Desses autores, apenas Fillmore apresenta uma seqüência ordenada, a qual tomamos como ponto de partida: *agente* > *experienciador* > *instrumento* > *objeto*. Mira Mateus *et al.* não se preocupam em apresentar uma seqüência. Seu objetivo é listar as funções semânticas necessárias para construir os esquemas predicativos de todos os predicadores. Silva, por sua vez, apenas enumera, sem maiores detalhes, os papéis semânticos dos participantes dos esquemas conceptuais de evento mais básicos do português (cf. Subseção 3.4.2.).

O papel de agente, como já ficou claro, é o ponto de partida dessa seqüência. As definições de *agente* para Fillmore e para Mira Mateus *et al.* coincidem de certa maneira: o agente designa o instigador da ação, ou a entidade controladora de um estado de coisas [+dinâmico], como em *Pedro abriu a porta*.

O papel semântico seguinte na hierarquia é o *experienciador*. Novamente, as definições coincidem: para Fillmore, o experienciador experimenta um acontecimento psicológico; para Mira Mateus *et al.*, designa a entidade que é sede psicológica de dada propriedade ou relação. Esse é papel do sujeito de verbos como *ouvir*, *saber*, *gostar*, *precisar*, etc., que exprimem propriedades de natureza perceptiva, cognitiva ou estados afetivos.

Nesse momento, rompemos com a classificação de Fillmore e introduzimos na seqüência ordenada o papel de *possuidor*. Enquanto Fillmore não apresenta papel algum com esse sentido, Mira Mateus *et al.* apresenta a noção de *recipiente*, que designa a entidade para a qual algo foi transferido em sentido literal ou estendido. Preferimos

adotar, entretanto, o rótulo “possuidor”, encontrado em Silva, na medida em que condiz mais com um papel de sujeito, reservando o papel recipiente para o objeto indireto. Esse é o papel típico de verbos como *ter, possuir, conter*, etc., e foi introduzido nessa posição porque pode conter o traço [+humano], aproximando-o do agente e do experienciador.

Em seguida, introduzimos o papel semântico de *origem*, extraído de Mira Mateus *et al.*, que diz respeito à entidade não-controladora que é a origem da propriedade ou relação dinâmica expressa por um processo ou evento. Optamos por utilizar esse rótulo para uma parte dos sujeitos que Fillmore denomina *instrumento*, a saber: *O vento abriu a porta*. Assim, deixamos o rótulo “instrumento” apenas para os objetos inanimados que pressupõem uma pessoa que os utiliza, como em *A chave abriu a porta*. Origem fica antes de instrumento na hierarquia porque exerce ação por si só, o que a aproxima do agente.

Por fim, o papel de *paciente* fecha a seqüência. Sob esse rótulo estão incluídos: (1) o *objeto* de Fillmore e Mira Mateus *et al.*, que designa *grosso modo* a entidade afetada por (ou resultante de) uma ação ou estado identificado pelo verbo, como em *A porta abriu*; (2) o *paciente* das autoras portuguesas, que designa a entidade a quem é atribuída uma propriedade não-dinâmica (estado ou qualidade), como em *Pedro está doente*, ou que é localizado, em sentido literal ou estendido, relativamente a outra entidade em uma relação não-dinâmica, como em *O Museu Histórico Nacional fica na Praça XV*.

Sendo assim, ratificando Pontes (1986), vemos que os papéis semânticos do sujeito divergem de autor para autor, repousando na intuição do lingüista. Tendem a concordar em casos mais típicos e a divergir em outros menos típicos. Portanto, cabe ao pesquisador determinar os papéis e a seqüência ordenada que serão considerados em sua análise. Neste trabalho, ousamos sugerir a seguinte seqüência, esperando que possa dar conta da maioria dos sujeitos possíveis em português:

Agente > Experienciador > Possuidor > Origem > Instrumento > Paciente

O segundo parâmetro de saliência cognitiva apresentado por Langacker é a *hierarquia de empatia*. O autor inicia essa hierarquia com os elementos *falante > ouvinte > humano*. Porém, tanto o falante como o ouvinte são também humanos. Por

esse motivo, preferimos adotar a seqüência *1ª pessoa > 2ª pessoa > 3ª pessoa*, podendo ser singular ou plural. Assim, um sujeito que inclui o falante e outra pessoa, seja o ouvinte ou não, também está mais alto na hierarquia de empatia. Esse elemento, como veremos, será fundamental para a análise do sujeito indeterminado com *se*. Além dessa modificação, propomos também que *objeto físico* e *entidade abstrata* sejam reunidos sob o rótulo de “inanimado”, devido à dificuldade de determinar a natureza de sujeitos como *O vento abriu a porta*. Nesses termos, a seqüência ordenada de empatia proposta aqui é:

1ª Pessoa > 2ª Pessoa > 3ª Pessoa > Animal > Inanimado

Os três primeiros elementos opõem-se aos dois últimos pelo traço [+humano], enquanto os quatro primeiros opõem-se ao último pelo traço [+animado].

O terceiro parâmetro é a *determinação*. Segundo o autor, esse parâmetro é altamente subjetivo e diz respeito à possibilidade de o falante ou ouvinte terem tido “contato mental” com a entidade. A seqüência tem como ponto de partida o *definido*, que julgamos, em termos práticos, compreender desde nomes próprios, nomes comuns antecidos de determinante definido (artigo ou demonstrativo) até os pronomes pessoais (exceto aqueles com referência indefinida, na terminologia de Duarte, 2007). Em seguida, há *indefinidos*: (1) específicos, como nomes antecidos por artigo indefinido ou palavras como certo(a) ou determinado(a); (2) não-específicos, como *alguém*, nomes antecidos por pronomes como *qualquer* e *algum*, os pronomes de referência indefinida (na terminologia de Duarte), e o pronome *se* indeterminador do sujeito. Logo, a hierarquia de determinação se mantém como em Langacker:

Definido > Indefinido específico > Indefinido não-específico

O quarto parâmetro de saliência estudado por Langacker é o de maior importância para o estudo do sujeito indeterminado: a *organização figura-fundo*. Com base em Lakoff & Johnson (1999), para os quais o ser humano não percebe cenas neutras entre figura e fundo, advogamos que o ser humano tende a segmentar sistematicamente as cenas em figura (a parte mais saliente – o participante mais importante) e fundo (a parte

menos saliente – a ação, outros participantes e circunstâncias), correspondendo à distinção sujeito-predicado.

No entanto, admitindo que a distinção figura-fundo advém do domínio sensorial, e que a percepção é relativa e, portanto, a organização figura-fundo depende dos interesses momentâneos do observador, alterando o significado das experiências, propomos que o ser humano também tem controle sobre a organização figura-fundo no nível cognitivo. Apoiados em Langacker (1991), para quem uma mesma cena pode ser concebida de diferentes maneiras, apontamos que há construtos nos quais se coloca o participante mais importante (sujeito) no fundo, dando maior saliência cognitiva ao predicado. Dessa forma, esse parâmetro limita-se a dois elementos:

Figura > Fundo

Assim, com base nos parâmetros e elementos possíveis para os sujeitos em português, segue-se uma proposta de análise da categoria em termos de protótipos.

4.1.2. Sujeito prototípico e sujeitos não-prototípicos

Como vimos na Subseção 3.3.4., Lakoff define a categoria do sujeito como uma *categoria radial*, isto é, uma categoria estruturada segundo o esquema centro-periferia. Há sujeitos mais centrais (protótipos ou melhores exemplos da categoria) e há sujeitos mais ou menos afastados desse centro, localizados periféricamente. Isso ocorre porque nem todos os sujeitos partilham as mesmas características, de sorte que não apresentam o mesmo estatuto categorial.

Dados os parâmetros de saliência propostos, consideramos que o sujeito prototípico é definido pelos elementos mais altos em cada seqüência ordenada: *agente*, *1ª pessoa*, *definido* e *figura*, como em *Eu vendi as casas*.

Para determinar o lugar que diferentes tipos de sujeito ocupam na categoria em relação ao protótipo, atribuímos pesos aos parâmetros e valores a cada elemento especificado nas seqüências ordenadas.

Langacker observa que o parâmetro organização figura-fundo é o mais importante para definir o sujeito. Embora estejamos considerando que os sujeitos podem ser fundo

em certas construções, mantemos que o sujeito canônico é figural e, portanto, atribuímos a esse parâmetro peso 4.

O segundo parâmetro mais importante parece ser o papel semântico. Ainda que o sujeito possa exibir vários papéis, e o papel de agente possa ser exibido pelo agente da passiva, as investigações de Pontes indicam que os falantes privilegiam esse parâmetro, que recebe peso 3.

Os parâmetros de hierarquia de empatia e determinação, segundo Langacker, são mais fracamente correlacionados com o sujeito, pois entidades com altos valores nesses parâmetros podem representar qualquer relação gramatical. Porém, sentimos que a hierarquia de empatia tem mais relação com papel semântico (agente e experienciador são humanos) e, portanto, atribuímos a esse parâmetro peso 2. Assim, o parâmetro de determinação recebe peso 1.

Os elementos em cada parâmetro recebem valores em ordem decrescente, de 10 a 1, de modo que cada um tenha a mesma diferença em relação a seu antecessor e a seu sucessor. Quanto maior o valor, maior é o grau de saliência cognitiva. Dessa forma, temos o seguinte:

PESO 4: *Figura* (10) > *Fundo* (1)

PESO 3: *Agente* (10) > *Experienciador* (8,2) > *Possuidor* (6,4) > *Origem* (4,6) > *Instrumento* (2,8) > *Paciente* (1)

PESO 2: *1ª Pessoa* (10) > *2ª Pessoa* (7,75) > *3ª Pessoa* (5,5) > *Animal* (3,25) > *Inanimado* (1)

PESO 1: *Definido* (10) > *Indefinido específico* (5,5) > *Indefinido não-específico* (1)

Para determinar o valor de um sujeito, ou seja, seu lugar na categoria, basta multiplicar o valor de cada elemento pelo peso de seu parâmetro correspondente e, em seguida, somar os valores resultantes. Com base nesse critério de combinações de valores e pesos, estabelecemos que o valor do sujeito prototípico é $10 \times 4 + 10 \times 3 + 10 \times 2 + 10 \times 1 = 100$.

O diagrama 1 representa a ordem de importância dos parâmetros de classificação dos sujeitos determinada para a realização do cálculo do valor do protótipo apresentado neste trabalho. A atribuição de pesos nos parâmetros e de valores nos elementos para o

cálculo do valor do sujeito, bem como a organização dos elementos interconectados no diagrama, se assemelham à estrutura de uma rede neural artificial, utilizada em Inteligência Artificial para o classificação de padrões, simulando o comportamento do neurônio biológico.

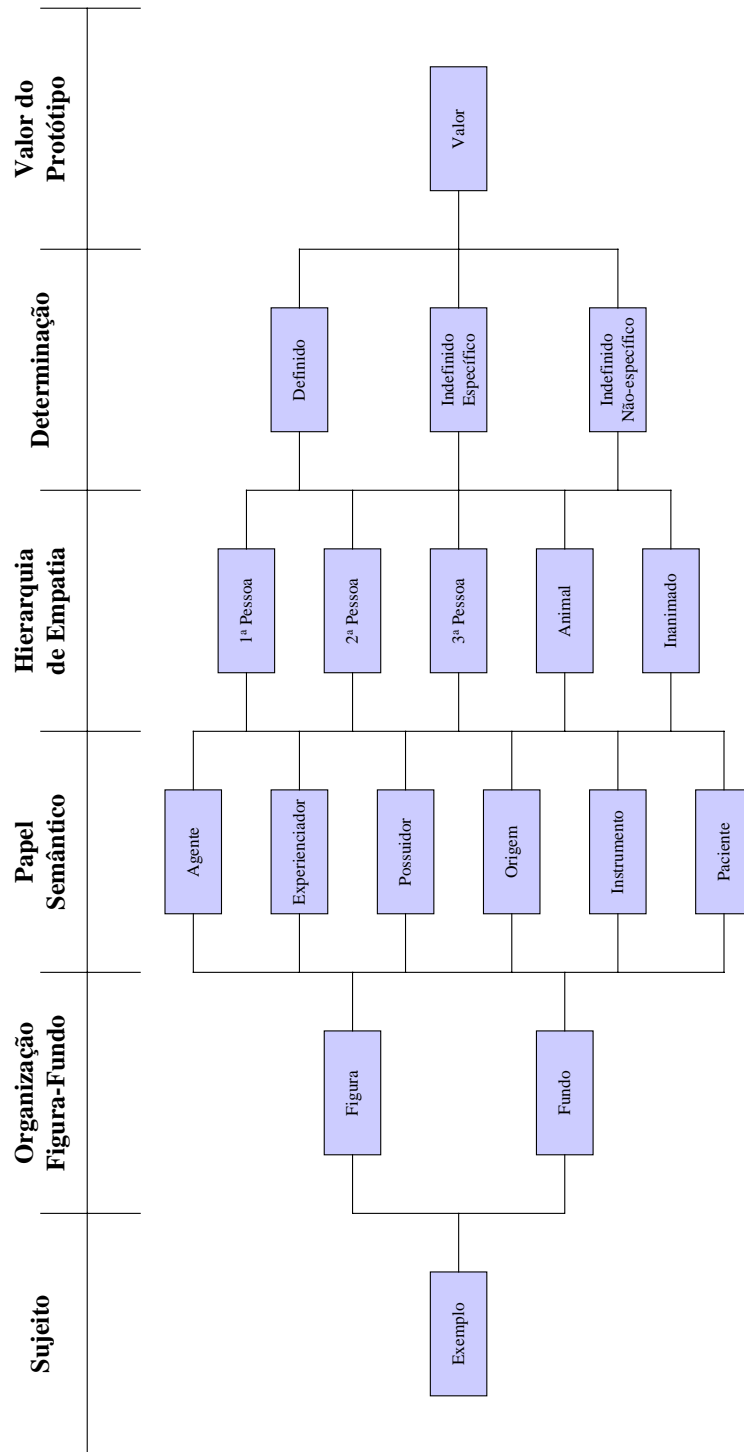


Diagrama 1. Representação dos parâmetros e valores dos sujeitos

Procedendo-se a uma análise combinatória simples, seriam possíveis 180 combinações, equivalendo a 180 tipos de sujeito. Porém, deveriam ser levadas em conta algumas restrições, como o agente e o experienciador são geralmente humanos, a origem e o instrumento são sempre inanimados, etc. Tais restrições, certamente, diminuiriam o número de tipos de sujeitos para o português.

Ainda que esse assunto mereça exame mais detido, fica fora do escopo desta Tese. Interessa-nos explicar apenas cinco tipos de sujeitos, exemplificados pelas seguintes sentenças:

- A) *Pedro vendeu as casas.*
- B) *Vendeu-se as casas.*
- C) *Venderam as casas.*
- D) *As casas foram vendidas.*
- E) *Alguém vendeu as casas.*

	Figura-Fundo Peso 4	Papel Semântico Peso 3	Empatia Peso 2	Determinação Peso 1	Total
A	10	10	5,5	10	91
B	1	10	10	1	55
C	1	10	5,5	1	46
D	10	1	1	10	55
E	10	10	5,5	1	82

Tabela 1. Alguns tipos de sujeito e seus valores

Assim, quanto maior o valor total, mais próximo está o sujeito ao centro da categoria. O sujeito de *A* é mais central que os sujeitos de *B* a *E*, pois tem valores maiores em três parâmetros, incluindo os dois de maior peso. Em seguida, vem o sujeito de *E*, que localiza-se mais próximo ao centro porque é *figura* e *agente*, isto é, tem os maiores valores nos parâmetros de maior peso. O sujeito de *C* está localizado mais periféricamente, na medida em que tem o valor mais alto apenas em um parâmetro, o de peso 3. Os sujeitos de *B* e *D* localizam-se equidistantes em relação ao centro prototípico, mas por motivos diferentes: *B* tem os valores mais altos nos parâmetros de peso 3 e 2 (o sujeito indeterminado com *se* inclui a 1ª pessoa, conforme será explicado na Subseção 4.2.1.), enquanto *D* tem os valores mais altos nos parâmetros de peso 4 e 1.

Uma simples mudança faria ver que o sujeito da passiva analítica (D) é mais prototípico que o sujeito indeterminado com *se* (B). Se substituíssemos *as casas* por *os cachorros*, obteríamos:

- F) *Vendeu-se os cachorros.*
- G) *Os cachorros foram vendidos.*

Em F, o sujeito permanece com o mesmo valor total 55, mas, em G, o sujeito tem valor mais alto no parâmetro empatia, ficando com o valor total 59,5. O sujeito da passiva teria valor total cada vez maior conforme seu sujeito fosse mais alto no parâmetro de empatia, como em *Pedro foi enganado* (valor = 64), *Você foi enganado* (valor = 68,5), e *Eu fui enganado* (valor = 73). Continuando nessa linha de raciocínio, se o sujeito da passiva tivesse valores menores no parâmetro determinação, os valores totais também seriam diferentes. É dispensável dizer que essa análise combinatória seria trabalhosa e sem importância para nossos propósitos.

Note-se que a análise combinatória poderia ser estendida a outros tipos de sujeitos a fim de identificar o “lugar” que ocupam na categoria em relação ao protótipo, sendo mais ou menos afastados do centro. Todavia, neste trabalho, importa apenas a classificação dos sujeitos estudados acima, que servirão para discutir o sujeito indeterminado com *se*.

4.1.3. Sujeito indeterminado é não-prototípico

Pode-se dizer que a categorização do sujeito depende de aspectos gerais da cognição humana, em especial da percepção e da atenção, pois reflete os modos como o ser humano percebe/concebe os eventos e estados-de-coisas. Comparem-se os exemplos:

- (1) *Aceito encomendas de bolos.*
- (2) *Aline aceita encomendas de bolos.*
- (3) *Aceita-se encomendas de bolos.* (nome de comunidade do Orkut)
- (4) *Aqui, aceitam encomendas de bolos.*

Os sujeitos de (1) e (2) são reconhecidos mais rapidamente e, por conseguinte, considerados melhores exemplos da categoria do que os sujeitos de (3) e (4). Portanto, os dois primeiros são membros mais prototípicos da categoria de sujeito, enquanto os últimos são menos prototípicos.

Conclui-se, pois, que os sujeitos indeterminados são *não-prototípicos*, de sorte que localizam-se perifericamente em relação ao centro categorial, conforme seus valores (cf. Subseção 4.1.2.). Seu pertencimento à categoria se deve a certas características importantes partilhadas com o protótipo, como *agente* e *humano*, mas se distanciam do centro, na medida em que são *indefinidos não-específicos* e, sobretudo, *fundo*.

O parâmetro de organização cognitiva figura-fundo é o que distingue os sujeitos indeterminados dos demais tipos de sujeito. Diferentemente do sujeito determinado, o sujeito indeterminado é fundo (menos saliente, até desconhecido) e seu predicado é figura. Considerem-se os exemplos:

- (5) *Vendo jogos.*
- (6) *Pedro vende jogos.*
- (7) *Vende-se jogos.* (nome de comunidade do Orkut)
- (8) *Aqui, vendem jogos.*

Nas sentenças (5) e (6), os sujeitos *eu* e *Pedro* são figuras – participantes mais salientes – em relação a um evento descrito no predicado, considerado fundo. Nas sentenças (7) e (8), por outro lado, o sujeito é desconhecido ou não especificado, tornando-se fundo em relação ao evento, que ganha saliência e torna-se figura.

Essa interpretação é reforçada por Garcia (2007), para quem o sujeito indeterminado serve para expressar *uma situação simplesmente*, sem identificar o sujeito.

Se definido em termos de saliência, o sujeito torna-se, em certo grau, independente de papel semântico, que diz respeito ao conteúdo conceitual, especificamente à estrutura do evento e à natureza do envolvimento do participante. Assim, o sujeito indeterminado é sempre fundo, mesmo que seu papel semântico seja *agente*, como em (7) e (8), ou *experienciador*, como em:

(9) *Precisa-se de amigos.* (nome de comunidade do Orkut)

(10) *No sítio, dorme-se cedo.*

Se considerarmos que a indeterminação é valor cognitivo e que o mesmo raciocínio (sujeito indeterminado é fundo) se aplica a todas as formas de indeterminar o sujeito, pode-se postular que as formas de indeterminação formam uma subcategoria dentro da categoria maior de sujeito, mas com características que as diferenciam. Assim, os sujeitos indeterminados com *se* e com 3ª pessoa do plural são diferentes não somente na sintaxe, mas também na semântica e na pragmática.

4.2. Construções de indeterminação

A gramática tradicional distingue duas formas de indeterminar o sujeito: com *se* indeterminador ou com 3ª pessoa do plural. Essas formas constituem diferentes construções gramaticais do português, entendidas como pareamentos forma-significado. Nesse sentido, ambos os padrões construcionais contêm informações sintáticas, semânticas e pragmáticas como parte de suas definições.

Embora as diferentes formas de indeterminação do sujeito tenham o mesmo valor cognitivo (sujeito indeterminado é fundo), as construções são específicas para cada tipo de sujeito indeterminado, pois segundo o Princípio da Não-sinonímia das Formas Gramaticais (cf. Goldberg, 1995), uma diferença sintática/formal implica diferença no significado – seja semântica, seja pragmática.

Portanto, o sujeito *se* indeterminador deve diferir necessariamente no significado das outras formas de indeterminação (como *nós*, *a gente*, *você* e 3ª pessoa do plural), na medida em que cada uma tem suas características próprias e construções próprias.

4.2.1. *Se* indeterminador vs. Terceira pessoa do plural

Apesar do mesmo valor cognitivo subjazer todas as formas de indeterminação do sujeito, reconhecemos que a construção de sujeito indeterminado com *se* difere da construção de sujeito indeterminado com 3ª pessoa do plural.

Conforme exposto por Garcia (2007), o sujeito indeterminado com 3ª pessoa do plural não admite a inclusão da 1ª e da 2ª pessoas do verbo como possibilidade de determinação do sujeito, de modo que o falante e o ouvinte não podem ser apontados como responsáveis pela ação. Por outro lado, o sujeito indeterminado com *se* enfatiza a inclusão da 1ª e da 2ª pessoas do verbo como possibilidade de determinação do sujeito, de modo que o falante e/ou o ouvinte podem estar envolvidos (física ou psicologicamente) na ação. Confrontem-se os exemplos:

(11) *Vende-se apostilas.* (nome de comunidade do Orkut)

(12) *Aqui, vendem apostilas.*

Em (11), o produtor da sentença pode ser o próprio vendedor. Mas, em (12), o produtor pode, até mesmo, desconhecer o vendedor. Essa diferença semântica explica por que a forma de indeterminação com *se* é preferida em anúncios. Pragmaticamente, a construção de sujeito indeterminado com *se* serve para não especificar quem pratica a ação, mesmo que esta pessoa seja bem conhecida (inclusive o próprio falante).

Dada a presença de certas expressões (sublinhadas), o falante é claramente o responsável pelos anúncios nos seguintes exemplos do Orkut:

(13) *Vende-se beijos. Tratar Comigo!*

(14) *Vende-se irmãos, vai um aê?*

(15) *Vende-se salgados... Aproveitem*

(16) *Adote uma vida! Doa-se gatos*

(17) *Procura-se amigos... Me add!*

Como visto na Subseção 4.1.2., o sujeito indeterminado com 3ª pessoa do plural é mais afastado do centro da categoria do que sujeito indeterminado com *se*, tendo em vista a impossibilidade de introduzir o falante e/ou ouvinte como forma de determinação do sujeito.

Na verdade, mais do que permitir a inclusão do falante, nos *corpora* estudados, a construção com *se* parece servir especialmente à indeterminação de um sujeito que envolve a 1ª pessoa, seja apenas o falante ou um grupo no qual esteja inserido. Aliás, a

construção parece servir para “esconder” o falante por trás de um discurso de aparente impessoalidade. Observem-se os exemplos:

(18) *Como a qualidade das simulações foi significativa, **gerou-se**, a partir dos dados simulados, campos médios e anomalias para os dados de pressão atmosférica e vento, detalhando uma climatologia com alta resolução espacial e uma abrangência temporal de dados importante para as áreas de aplicação.* (Código: 2129)

(19) *Na montagem do modelo, **calibrrou-se** os chuveiros para simular, a princípio, uma chuva de 10mm/h. Foram feitos drenos no fundo da caixa e colocada a camada de composto com maior diâmetro como bloco capilar.* (Código: 2312)

Nos exemplos (18) e (19), o escritor se preocupa em narrar os procedimentos de experimentos que ele realizou sozinho ou em grupo. Parece-nos que a presença do falante é menos sentida quando o tempo verbal é o presente, pois este pode denotar um acontecimento habitual ou uma verdade universal:

(20) *Adicionalmente, **considera-se** na função objetivo a ser otimizada métricas de sustentabilidade, com a finalidade de identificar qual dos processos é potencialmente mais benigno ao meio ambiente e inerentemente mais seguro, além de atrativo economicamente.* (Código: 490)

(21) *Todo o conjunto é alimentado por duas baterias, de 20V e 30V, e conectados a um sistema de aquisição, e por fim conectado ao computador onde **visualiza-se** as deformações através do software AGILENT 3790A Datalogger.* (Código: 3053)

Nos exemplos (20) e (21), o tempo presente deve ter sido adotado para conferir às ações passadas “um sabor de novidade” – presente histórico. (Bechara, 2004) No *corpus* da JIC, composto de exemplos retirados dos resumos da XXX Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, temos os tempos presente e pretérito perfeito nas seguintes proporções (contados apenas os exemplos com complemento direto e *se* enclítico):

<i>Tempo Verbal</i>	<i>Nº de ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Presente	12	27,9
Pretérito Perfeito	31	72,1
TOTAL	43	100,0

Tabela 2. Tempos verbais na construção de sujeito indeterminado com *se*

Nota-se que o pretérito perfeito é o tempo verbal preferido pelos estudantes para narrar seus experimentos, fixando e enquadrando a ação dentro de um espaço de tempo determinado. (cf. Bechara, 2004) A adoção desse tempo verbal parece reforçar a presença do falante como responsável ou um dos responsáveis pela ação, como nos seguintes exemplos:

(22) *Neste caso, estudou-se os efeitos da remoção da fonte de nitrogênio, da variação da proporção nitrato:fosfato (N:P) e da substituição da fonte de nitrogênio de nitrato para amônia.* (Código: 946)

(23) *Utilizou-se duas faixas de temperaturas: 25°C e 50°C, dois solventes: acetonitrila e álcool butílico terciário, e dois oxidantes: peróxido de hidrogênio e hidroperóxido de terc-butila.* (Código: 3040)

Assim, a inclusão do falante distingue a semântica da construção com *se* indeterminador da construção com 3ª pessoa do plural. Como vimos na Subseção 4.1.2., é justamente no parâmetro de empatia que reside a principal diferença entre esses dois tipos de sujeito indeterminado.

A possibilidade de “incluir” o falante aproxima o sujeito indeterminado com *se* do protótipo da categoria sujeito. Porém, de qualquer forma, cabe salientar que ambos os sujeitos indeterminados estão aproximadamente a meio caminho do centro categorial.

Está claro que a possibilidade ou impossibilidade de inclusão do falante como “sujeito pontencial” tem reflexos importantes na pragmática das construções. Em pesquisa realizada com 40 estudantes do Centro de Tecnologia da UFRJ, 100 % dos entrevistados afirmaram que, para narrar experimentos em que estavam envolvidos, utilizam a construção com *se*, reservando a construção com 3ª pessoa do plural para narrar experimentos dos quais não participaram. Comparem-se os exemplos:

(24) *Inicialmente, **preparou-se** as oximas da acetofenona, da 3-heptanona e da ciclohexanona como descrito na literatura [1] a partir da reação de cetonas com cloridrato de hidroxilamina em meio básico. **Empregou-se** duas metodologias distintas para a desproteção de oximas, em uma utilizou-se uma solução acetona/água(10:1) e em outra não houve adição de solvente. (Código: 661)*

(25) *Inicialmente, **prepararam** as oximas da acetofenona, da 3-heptanona e da ciclohexanona como descrito na literatura [1] a partir da reação de cetonas com cloridrato de hidroxilamina em meio básico. **Empregaram** duas metodologias distintas para a desproteção de oximas, em uma utilizaram uma solução acetona/água(10:1) e em outra não houve adição de solvente.*

Em (24), a presença do falante como participante da ação é fortemente sentida, ao passo que, em (25), não existe possibilidade de interpretar o falante como responsável pelas ações.

Independentemente dessas diferenças, as formas de indeterminação partilham uma importante característica: o sujeito é fundo em relação ao predicado, na medida em que constitui uma maneira diferente de conceber a(s) cena(s), pois geralmente o sujeito é o participante mais saliente perceptual e cognitivamente. Esse construto especial, que coloca o sujeito no fundo e torna o predicado mais figural, é codificado em construções gramaticais não-básicas.

4.2.2. Construção de Sujeito Indeterminado com *Se*

Em primeiro lugar, note-se que é impossível postular que o sujeito indeterminado com *se* é introduzido nas construções básicas do português, pois a construção de indeterminação com *se*, além das particularidades no significado, tem características sintáticas próprias, como: a) o sujeito é sempre expresso pela mesma “partícula” *se*, seja na posição pré- ou pós-verbal (*se vende* ou *vende-se*) e; b) o verbo está, em decorrência, sempre na 3ª pessoa do singular.

Também não é conveniente, tampouco econômico, postular que para cada construção básica do português existe uma construção contraposta com sujeito indeterminado *se*, pois assim teríamos duas redes construcionais praticamente “iguais”.

Seguindo Langacker (cf. Subseção 3.3.4.), consideramos as construções de sujeito indeterminado como recursos gramaticais que têm efeito na codificação de uma situação não-canônica, na qual não se pode ou não se deseja especificar um participante com precisão. Em outras palavras, codifica o construto em que o falante deseja tirar o foco de proeminência do participante principal, e salientar o predicado – ação e outros eventuais participantes.

Do mesmo modo, apoiados em Talmy (cf. Subseção 3.1.2.), advogamos que essa construção é não-básica, na medida em que viola o Princípio da precedência, ou seja, o fundo vem antes da figura, haja vista que a posição canônica do sujeito é antes do verbo (+ complementos). (cf. Silva, 1996).

Com base na gramática de Bechara (2004), analisando instanciações de sentenças de sujeito indeterminado com *se*, observamos os seguintes esquemas (sendo os exemplos 26, 27, 28 e 29 nomes de comunidades do Orkut):

(26) *Conserta-se eletrodomésticos* – V- *se*_{Suj.Indet.} Compl. Verbal₁

(27) *Vende-se balões para padres* – V-*se*_{Suj.Indet.} Compl. Verbal₁ Compl. Verbal₂

(28) *Dorme-se para fora...* – V-*se*_{Suj.Indet.}

(29) *Precisa-se de músicos* – V-*se*_{Suj.Indet.} Compl. Verbal₁

(30) *É-se rico* – V-*se*_{Suj.Indet.} Compl. Verbal₁

(31) *Considerou-se o réu culpado* – V-*se*_{Suj.Indet.} Compl. Verbal₁ Anexo Pred.

Nos quais,

Compl. Verbal₁ = complemento ou objeto direto, complemento relativo, ou complemento predicativo

Compl. Verbal₂ = complemento ou objeto indireto

Anexo Pred. = predicativo do objeto

A partir dessas instanciações, depreendemos o seguinte padrão: *V-se*_{Suj.Indet.} *Compl. Verbal*, sendo que os diferentes tipos de verbos compatibilizam diferentemente na

construção. Ou seja: a construção tem significado independentemente das especificações dos verbos.

Nessa análise, por motivos didáticos, adotaremos freqüentemente as denominações dadas pelas gramáticas tradicionais: verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo de ligação, etc. No entanto, seguindo preceito básico da Gramática das Construções (cf. Subseção 3.4.2.), acreditamos que os verbos não projetam estrutura argumental, e sim que evocam cenas e seus participantes envolvidos, de sorte que podem se integrar em diferentes construções sentenciais, com correspondentes diferenças de interpretação.

4.2.2.1. Compatibilização de verbos transitivos diretos

Partimos do princípio de que a construção de sujeito indeterminado com *se* é tipicamente transitiva direta. Quatro fatos corroboram para essa hipótese:

- 1) O padrão sentencial transitivo reflete a forma canônica de perceber os eventos, como interações energéticas entre dois participantes (cf. Silva, 2001)
- 2) O *se* indeterminador teve origem em orações com verbos tipicamente transitivos diretos e, em seguida, estendeu-se para abarcar orações com outros tipos de verbos. (cf. Nunes, 1991)
- 3) Alguns autores já demonstraram, com muita propriedade, que o SN posposto ao verbo, nas supostas passivas sintéticas, é considerado objeto direto pelos usuários do português (cf. Said Ali, 1957, Pontes, 1986, Scherre, 1997 e 2005, entre outros)
- 4) O maior número de exemplos coletados que compõem os *corpora* ocorre com verbos denominados transitivos diretos.

Contrariando as normas prescritas pelas gramáticas, sugerimos que o sujeito indeterminado com *se* encontra justamente no padrão transitivo direto sua expressão mais básica. Portanto, quando o verbo evoca dois participantes, como *consertar*, em (26), a compatibilização ocorre normalmente. Os papéis argumentais da construção, *agente* e *paciente*, se fundem com os papéis participantes evocados pelo verbo – a *pessoa que conserta* e o *objeto consertado*, respectivamente. O *agente/pessoa que*

conserta é expresso pelo sujeito indeterminado *se*, enquanto o *paciente/objeto consertado* é expresso pelo complemento direto *eletrodomésticos*.

A integração de outros verbos considerados transitivos diretos na construção também ocorre nos exemplos seguintes:

(32) *Após este período de tempo, o cp foi lavado com 5 ml de água destilada e repetiu-se as etapas descritas anteriormente para localizar a mesma área.* (Código: 2432)

(33) *Para cada 100 g de castanha integral obteve-se, aproximadamente, 722 mL de leite, 39 g de torta, 12 g de óleo prensado e 27 g de farelo parcialmente desengordurado.* (Código: 180)

(34) *Buscou-se no site da Agência Nacional de Vigilância Sanitária os registros de cada um desses produtos.* (Código: 499)

(35) *Dentre as atualizações feitas cita-se: testes automatizados que garantem o bom funcionamento do software; (...) ; suporte a strings em Unicode/UTF-8, que contempla caracteres das mais diversas línguas existentes no mundo.* (Código: 1452)

Em (32) a (35), há dois participantes envolvidos: *X repetiu Y*, *X obteve Y*, *X buscou Y*, e *X cita Y*, respectivamente. O participante principal, que pode ser o falante ou um grupo ao qual ele pertença, é expresso pelo sujeito indeterminado, ao passo que o outro participante é expresso pelo complemento direto. Dessa forma, verbos dessa natureza compatibilizam perfeitamente com a construção.

Os exemplos (27) e (31) também ocorrem com verbos transitivos diretos, mas têm propriedades específicas: no primeiro, o complemento direto é seguido de complemento indireto (Compl. Verbal₂) e, no segundo, é seguido de anexo predicativo (Anexo Pred.).

Ainda que o *corpus* da JIC não disponha de exemplo com verbo transferencial, que evoca três participantes, este é absolutamente possível. No *corpus* do Orkut, além do exemplo (27) *Vende-se balões para padres*, foram encontrados outros três exemplos com complemento indireto:

(36) *Aluga-se vagas para moças*

(37) *Doa-se roupas para Monicão*

(38) *Doa-se livros ao Nordeste*

Nos exemplos (36) a (38), temos verbos de transferência com o significado *X faz Y receber Z*, em que X corresponde ao agente, Z ao paciente, e Y ao recipiente. Nesses casos, o verbo contribui com o complemento verbal₂ (recipiente), que é expresso pela relação gramatical *objeto indireto*.

Há um grande número de exemplos com verbos transferenciais, como *vender*, *doar*, *alugar* e *comprar*. Mas, normalmente, não ocorrem com complemento indireto, como nos exemplos do Orkut:

(39) *Compra-se e vende-se livros.*

(40) *Aluga-se suítes em São Paulo.*

(41) *Doa-se cães e gatos – SP.*

Com um tipo de verbo denominado por Rocha Lima (1983) como *transobjetivo*, ocorre o anexo predicativo. No *corpus* do Orkut, não há exemplo dessa natureza, mas, no *corpus* da JIC, encontramos o seguinte exemplo:

(42) *Em meio ao cenário de transformação mundial em busca de novas alternativas de produção de energia, tal como a otimização dos recursos e das alternativas já existentes, **percebe-se** como desafios motivacionais ao surgimento e desenvolvimento deste projeto: - Questões logísticas a serem resolvidas, tais como o distanciamento existente entre as bases distribuidoras e as unidades produtoras; (...) - Diferentes interesses político-sociais, etc. (Código: 3079)*

Em (42), tudo o que vem depois dos dois pontos (:) corresponde ao complemento direto, enquanto *desafios motivacionais...* corresponde ao anexo predicativo, introduzido pelo conectivo *como*. Nesse caso, o verbo *perceber* tem a acepção de “considerar”, “julgar”, e a compatibilização com a construção ocorre normalmente,

sendo que o anexo predicativo é contribuído pelo verbo a fim de qualificar o complemento.

Conforme afirmamos anteriormente, o maior número de exemplos que compõem os *corpora* ocorre com verbos acompanhados de complemento direto. Confirmam-se na tabela os verbos mais frequentes no *corpus* da JIC:

<i>Verbos</i>	<i>Nº de ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Obter	6	14,0
Adicionar	6	14,0
Estudar	3	7,0
Utilizar	3	7,0
Realizar	2	4,7
Observar	2	4,7
Destacar	1	2,3
Reduzir	1	2,3
Perceber	1	2,3
Visualizar	1	2,3
Considerar	1	2,3
Evidenciar	1	2,3
Encontrar	1	2,3
Neutralizar	1	2,3
Citar	1	2,3
Gerar	1	2,3
Repetir	1	2,3
Calibrar	1	2,3
Usar	1	2,3
Buscar	1	2,3
Preparar	1	2,3
Empregar	1	2,3
Demonstrar	1	2,3
Analisar	1	2,3
Reagir	1	2,3
Sintetizar	1	2,3
Ter	1	2,3
TOTAL	43	100

Tabela 3. Verbos acompanhados de complemento direto no *corpus* da JIC

Fazem parte desse cálculo apenas os exemplos em que o verbo não concorda com o SN posposto plural, evidência de que este é sentido como complemento e não como sujeito. Foram desconsiderados os verbos sem complemento SN expresso. Portanto, em exemplos como (43) e (44), contam apenas os verbos em negrito:

(43) *Com isso, garante-se a escalabilidade e **reduz-se** os custos da distribuição de vídeo [4]. (Código: 2572)*

(44) *Procedimento Experimental: Em um balão de 100 mL, **adicionou-se** 48,25 mmol de formol e 5,0 mL de H₂O. Resfriou-se entre 0 e 5°C. Em seguida, **adicionou-se** 48,25 mmol da amina e 2,5 mL de H₂O em 10 min. Posteriormente, **adicionou-se** 24,25 mmol de (NH₄)₂CO₃ e 2,5 ml de H₂O. Preparou-se uma solução de 48,75 mmol de biacetil (2,3-butadiona) em 7,5 mL de H₂O e adicionou-se ao meio reacional durante 15 min. (Código: 112)*

Nesses exemplos, tendo em vista a importância do paralelismo sintático para a progressão textual (cf. Koch & Elias, 2006), julgamos que “resfriou-se” e “adicionou-se”, seguidos de pronome nulo anafórico, e “garante-se” e “preparou-se”, seguidos de SN singular, também são estruturas de indeterminação do sujeito. O mesmo ocorre no exemplo:

(45) *Verte-se a reação em gelo picado, observa-se a precipitação do produto bromado, adiciona-se NaHSO₃ de sódio a 10% (p/v) e **neutraliza-se** os ácidos com NaHCO₃ sólido, adicionando-o pouco a pouco ao meio, após a neutralização filtra-se a mistura em papel de filtro previamente tarado, depois de seco a temperatura ambiente, pesa-se o mesmo. (Código: 2016)*

Em (45), “verte-se”, “observa-se”, “adiciona-se” e “filtra-se” vem seguido de SN singular, enquanto “pesa-se” vem seguido da expressão anafórica *o mesmo*. O verbo *neutraliza-se*, seguido do SN plural *os ácidos*, permite deduzir que as outras formas verbais também têm sujeito indeterminado com *se*.

Na contagem dos verbos apresentada na Tabela 3, também não foram considerados aqueles com complemento de natureza diferente do objeto direto. Os verbos com complemento relativo são bem menos freqüentes, razão pela qual não receberam uma análise quantitativa.

Os significados dos verbos correlaciona-se com os propósitos do gênero textual. Nos resumos da JIC, nos quais importa principalmente narrar experimentos e expor seus resultados, os estudantes utilizam verbos que servem para:

a) Introduzir métodos, substâncias e equipamentos adotados para alcançar determinados objetivos: *usar, utilizar, empregar*, etc.

(46) *Para a identificação das áreas degradadas, uso da terra empregado e plotagem das coordenadas dos pontos em que as amostras foram coletadas em um mapa de solos da região, **utilizou-se** imagens do satélite Quickbird.* (Código: 1602)

b) Especificar os procedimentos adotados nos experimentos: *gerar, adicionar, calibrar, neutralizar, sintetizar*, etc.

(47) *Primeiramente **sintetizou-se** cinco catalisadores com teor de metal (Ni) em diferentes concentrações (2000, 4000, 6000, 8000 e 10000 ppm) introduzido por troca iônica a 70oC por 1h utilizando solução aquosa de nitrato de níquel.* (Código: 939)

c) Expor os resultados obtidos através de determinado método ou sob determinadas circunstâncias: *obter, observar, demonstrar, destacar*, etc.

(48) *Fazendo a análise colorimétrica, **obteve-se** os componentes RGB dessas imagens, sendo possível avaliar quantitativamente a influência das diferentes concentrações de HCl sobre o papel modificado.* (Código: 2905)

d) Comentar os objetivos, métodos, resultados etc. de modo mais vago: *perceber, estudar, analisar, buscar, realizar*, etc.

(49) *Em seguida, **realizou-se** os processos de redução a 500oC por 2h, usando H₂ 99,999% com vazão de 30ml/min, seguido de formação de coque a 300oC por 2h,*

usando cicloexano com molécula modelo para todos os catalisadores sintetizados.
(Código: 939)

O *corpus* do Orkut, por sua vez, conta com 255 exemplos, com os seguintes verbos (não apenas verbos transitivos diretos):

<i>Verbos</i>	<i>Nº de ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Vender	94	36,9
Precisar	39	15,3
Doar	32	12,5
Procurar	22	8,6
Alugar	15	5,9
Comprar	8	3,1
Fazer	8	3,1
Consertar	6	2,4
Aceitar	5	2,0
Trocar	4	1,6
Contratar	3	1,2
Criar	3	1,2
Conquistar	3	1,2
Admitir	2	0,8
Cuidar	1	0,4
Curar	1	0,4
Colocar	1	0,4
Emprestar	1	0,4
Reconhecer	1	0,4
Mexer	1	0,4
Adotar	1	0,4
Guardar	1	0,4
Dormir	1	0,4
TOTAL	255	100,0

Tabela 4. Verbos no *corpus* do Orkut

Os cinco verbos mais freqüentes (*vender*, *precisar*, *doar*, *procurar* e *alugar*) servem para anunciar os mais diferentes “produtos”: *vende-se amigos imaginários*, *vende-se colegas vagabundos*, *vende-se conselhos*, *vende-se sogras*, *precisa-se de malucos*, *doa-se parentes*, *doa-se irmãs*, *procura-se homens que não mentem*, *aluga-se namorados*, entre outros.

Um interessante aspecto de alguns exemplos do Orkut é o fato de o complemento aparecer topicalizado, como em:

- (50) *Lindos gatos persas – vende-se*
 (51) *Amigos não se compra, se conquista*
 (52) *Amigos não se faz, se reconhece*
 (53) *Amigos não se troca, se guarda*
 (54) *Som não se mexe faz-se ajustes*

No que diz respeito à posição do *se*, sua alta frequência em ênclise nos exemplos é responsável pela postulação da estrutura *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal.*

Em seu estudo sobre a sintaxe dos clíticos, Galves (2001, p. 148) afirma que a tendência à próclise se verifica com todas as formas verbais no PB, exceto com o *se* indeterminador, que apresenta uma clara tendência a aparecer em ênclise, principalmente em fórmulas, como receitas culinárias, e no discurso pedagógico, sendo consideradas como “formas cristalizadas”. Nossas análises confirmam essa idéia.

O *se* ocorre em próclise em sentenças que contêm algum tipo de palavra negativa (no *corpus* do Orkut) ou em orações subordinadas desenvolvidas (no *corpus* da JIC):

- (55) *Amigos não se compra se faz!!!*
 (56) *Um dos problemas encontrados quando se **extraí** pigmentos de fontes naturais é sua instabilidade frente a diferentes faixas de pH. (Código: 3041)*

Os exemplos com *se* proclítico no *corpus* da JIC (7 ao todo) não foram contabilizados com as demais ocorrências nas Tabelas 2 e 3, que incluem apenas os exemplos com verbo no singular + *se* + SN plural.

4.2.2.2. Compatibilização de outros tipos de verbos

Em oposição às regras apresentadas nas gramáticas, o sujeito indeterminado com *se* ocorre muito mais frequentemente com os verbos tradicionalmente classificados como transitivos diretos, que evocam dois participantes, que correspondem ao sujeito e ao complemento direto na estrutura oracional.

Os verbos considerados intransitivos, transitivos indiretos e de ligação pelas gramáticas normativas ocorrem raramente ou nem ocorrem nos gêneros textuais

analisados. No entanto, para dar consistência à análise construcional proposta na Subseção 4.2.2., é preciso ratificar que a estrutura *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal* permite também a compatibilização dos verbos que as gramáticas do português afirmam ocorrer com *se* indeterminador.

Primeiramente, examinaremos exemplos de sujeito indeterminado com *se* envolvendo verbos classificados tradicionalmente como intransitivos. Nos *corpora* analisados, há apenas dois exemplos dessa natureza, (28) *Dorme-se para fora...* e:

(57) *Um dos principais ruídos encontrados em um transistor MOSFET é o ruído flicker. Por afetar principalmente a performance do circuito para baixas frequências, ele pode ser ignorado quando se **trabalha** em frequências muito altas.* (Código: 2146)

Nesses exemplos, os verbos intransitivos *dormir* e *trabalhar* compatibilizam com a construção *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal* mediante o corte do complemento verbal. (cf. Goldberg, 1995)

Para outras considerações, recorremos a alguns exemplos coletados por Mello (1926):

(58) “... nessas noutes, **fuma-se** em todas as salas. **Fumava-se** e **falava-se**”. (Olavo Bilac)

(59) “... **lê-se**, **commenta-se**, **discute-se**, ... somos o nosso publico e o nosso critico”. (Coelho Netto)

(60) “**Não se estuda**, **não se trabalha**, **não se lê** quasi, **vive-se** da producção estrangeira”. (Adolpho Caminha)

(61) “**Conversa-se** pouco e em voz baixa”. (Ramalho Ortigão)

Nos casos de verbos intransitivos ou verbos transitivos tomados intransitivamente, a integração na construção decorre do corte do argumento objetivo ou complemento verbal. Assim, a estrutura *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal* admite tanto verbos que evocam apenas um participante, como *viver* e *trabalhar*, como verbos que evocam dois participantes, sendo um deles complemento nulo indefinido, como *fumar* e *ler*. (cf. Goldberg, 1995)

Observe-se que, no *corpus* da JIC, há exemplos com o verbo *estudar*, mas em seu sentido transitivo, isto é, com dois participantes – *quem estuda* e *o que é estudado*:

(62) *Para apoiar a comunicação e a cooperação entre profissionais da área de saúde, estudou-se tecnologias Web para o desenvolvimento e constante atualização dos sites RedeTb e Saúde Global, que apoiam a integração entre diversos grupos de trabalho.* (Código: 2789)

(63) *Estudou-se curvas isotérmicas de histerése, $MvsH$ em $YBaCuO$ com $T_c=92 K$, onde foi medido relaxação magnética, M vs tempo, sobre esta curva para valores de campo magnético em torno do segundo pico.* (Código: 484)

Também faz parte do *corpus* da JIC um exemplo com o verbo *reagir*, que as gramáticas consideram intransitivo ou transitivo indireto. Mas, nesse caso, foi empregado como transitivo com dois complementos:

(64) *Para testes de estimativa da acidez, reagiu-se estes catalisadores com n -hexano a $500^{\circ}C$ na unidade catalítica de alto desempenho a fim de observar o seu craqueamento.* (Código: 939)

No exemplo acima, coexistem o complemento direto (*estes catalisadores*) e o complemento relativo (*com n -hexano*), pois a “reação” resulta da presença de dois participantes, sem contar com o agente responsável pela reação (*X reagiu Y com Z*).

De qualquer forma, os verbos intransitivos por natureza e os verbos transitivos tomados intransitivamente compatibilizam com a construção de sujeito indeterminado com *se*, mediante o corte do complemento verbal.

A estrutura *V-se_{suj.indet} Compl. Verbal* permite, por sua própria genericidade, qualquer tipo de complemento verbal, seja introduzido ou não por preposição, seja de natureza nominal ou não. Todavia, alguns fatores favorecem ainda mais a compatibilização de verbos classificados tradicionalmente como transitivos indiretos e de ligação.

No que se refere aos tidos como transitivos indiretos pelas gramáticas, consideremos alguns exemplos que compõem o *corpus* da JIC:

(65) *Tendo como objetivo uma comparação dos níveis de tensão residual entre diferentes processos de soldagem, dispôs-se de dois pares de chapas idênticas às encontradas na indústria naval.* (Código: 2392)

(66) *Trata-se de uma argila cinza de consistência mole, na qual se realizou ensaio de arraste lateral na razão de enterramento H/D de 100% (duto completamente enterrado com a medida da altura sendo tomada da base do duto).* (Código: 2420)

(67) *Foram feitas simulações para três valores de alfa: para $\alpha = 0,00$ (recarga constante) $s-1$, chegou-se a erros relativos menores do que 0,0437% em relação à solução exata para as diferenças finitas e 0,0195% para os elementos finitos.* (Código: 3262)

(68) *As empresas atuam em um mercado altamente competitivo, sendo assim necessita-se de uma indústria moderna que produza com alta qualidade, baixo consumo de insumos e no menor intervalo de tempo, atendendo também a requisitos legais de segurança e proteção ambiental.* (Código: 217)

(69) *Para esse segmento acredita-se no crescimento das vendas do asfalto modificado com polímeros, pois é um asfalto com maior resistência ao tráfego pesado e à ação do tempo.* (Código: 1457)

(70) *Em seguida, procede-se à caracterização mineralógica dessas amostras através de DRX (Rigaku Termoflex), em complemento à caracterização das microfácies.* (Código: 980)

Nos exemplos acima, os termos preposicionados que seguem os verbos são considerados por Bechara (2004, p. 419-420) como complementos relativos. Segundo o autor, a preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do

signo léxico verbal, pois cada verbo é acompanhado de sua própria preposição por “servidão gramatical”. É a norma da tradição do idioma que determina a escolha da preposição que introduz o complemento relativo, dando origem nas gramáticas às listas de regência verbal.

De acordo com Bechara, a identidade funcional entre o complemento direto e o complemento relativo explica a possibilidade de alguns verbos poderem ocorrer tanto com complemento direto quanto com complemento relativo. Esse fenômeno se verifica em alguns exemplos do *corpus* do Orkut, tornados casos de transitividade direta:

(71) *Precisa-se distribuidores*

(72) *Precisa-se revendedores*

(73) *Precisa-se sócios e diretores*

(74) *Precisa-se dançarinas de funk*

Assim, apoiados em Bechara, advogamos que, com verbos da mesma natureza de *dispor*, *tratar*, *chegar*, *necessitar*, *acreditar*, *proceder* e *precisar*, que evocam dois participantes, a preposição que antecede o complemento é contribuição do verbo, de sorte que o complexo verbo + preposição compatibiliza com a estrutura *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal* sem maiores problemas.

Para investigar a indeterminação com *se* em sentenças predicativas, também aproveitamo-nos dos exemplos levantados por Mello, pois não foram encontrados exemplos nos textos analisados para compor os *corpora*. Considerem-se:

(75) “*O mundo é de todos, e só se é verdadeiramente feliz, quando se é bom*”. (Coelho Netto)

(76) “*Não se é mais catholico, mas não se ousa ainda afirmar uma outra crença...*”. (Pereira Barreto)

(77) “*Estava-se em uma época em que o que se diz é uma cousa, o que se faz outra*”. (O. Martins)

(78) “*Estava-se alli como em casa propria...*”. (Matheus de Albuquerque)

Novamente, apoiados em Bechara (2004), segundo o qual, do ponto de vista funcional e formal, o verbo de ligação apresenta todas as condições necessárias à classe dos verbos: morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo, postulamos também que os verbos considerados pelas gramáticas como “de ligação” não são vazios de significado. Aliás, afirmar que esses verbos são desprovidos de significado e apenas servem à função de “ligar” o predicativo ao sujeito contraria um preceito básico da Gramática das Construções: as construções gramaticais são pareamentos forma-significado.

A esse respeito, exemplos da gramática de Torres (1972) mostram que os verbos tidos como de ligação “indicam aspectos diferentes em relação ao sujeito”: *João é doente, João está doente, João anda doente, João ficou doente, João continua doente*. Cunha & Cintra (1985) registram que alguns estudiosos “alargam” o conceito de *aspecto* para incluir valores semânticos pertinentes ao verbo, não se restringindo ao conceito puramente gramatical.

Bechara (p.425) atenta, ainda, para as semelhanças entre o complemento predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) normalmente aparecem sem preposição à direita do verbo; c) podem ser comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente; d) algumas orações com predicativo (ex.: *Pedro é cantor / está irritado*) equivalem na designação a orações com verbos que exprimem ação ou processo (ex.: *Pedro canta / irrita-se*). Entre as diferenças, estão: a) quando adjetivo, o complemento predicativo concorda em gênero e número com o sujeito da oração; b) as orações predicativas não podem ser construídas na voz passiva.

Assim, a compatibilização de “verbos de ligação” na construção de sujeito indeterminado com *se* ocorre normalmente, podendo-se adaptar seu complemento ao sujeito em potencial. Cotejem-se os exemplos:

- (75) a- ... *só se é verdadeiramente feliz, quando se é bom* (o gênero masculino é mais genérico e aplica-se a pessoas de ambos os sexos)
b- ... *só se é verdadeiramente feliz, quando se é boa* (quando se tem em mente que o “sujeito indeterminado” é do sexo feminino)

Porém, as explicações de Bechara relacionam apenas os complementos predicativos de natureza nominal e adjetival com os complementos diretos.

Nos exemplos (77) e (78), que ocorrem com locução adverbial e advérbio respectivamente, consideramos que o verbo se integra na construção, na medida em que a estrutura genérica *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal* é capaz de acomodar complementos de natureza direta, relativa e predicativa. Sendo assim, as explicações ao longo dessa subseção servem apenas para ratificar a compatibilidade dos diferentes tipos de verbos com a construção de sujeito indeterminado com *se*, a qual tipicamente promove o “recuo” do sujeito, tornando-o perceptual e cognitivamente menos saliente.

4.3. Contrariando as gramáticas normativas

Sem se preocuparem com a intuição dos falantes e com o uso, as gramáticas normativas do português admitem duas formas para expressar a voz passiva:

- 1) Passiva analítica: com verbo auxiliar *ser* e o particípio do verbo principal;
- 2) Passiva sintética: com pronome apassivador *se* e verbo na terceira pessoa, singular ou plural, em concordância com o sujeito posposto.

Opondo-nos às normas difundidas pelas gramáticas, nesta Tese, refutamos a existência de uma passiva sintética, pois acreditamos que a construção gramatical assim denominada não corresponde a uma realidade cognitiva dos usuários do português. Os exemplos coletados em que o verbo não concorda com o SN posposto ratificam essa idéia.

4.3.1. Construção com *se* indeterminador vs. Passiva sintética

Adotando o ponto de vista de Said Ali, segundo o qual, em sentenças como *vende-se casa(s)*, o falante intui a presença de uma pessoa responsável pela ação designada pelo verbo, defendemos a tese de que não existe passiva sintética no português.

Evocada pela semântica do verbo, a “pessoa responsável pela ação” corresponde ao participante principal, dotado de características que o fazem a entidade mais

adequada para funcionar como figura (parte mais móvel, menor, mais saliente quando percebida, etc.).

Contudo, essa construção não-básica codifica um desvio do modo canônico como percebemos/concebemos as cenas e, por conseguinte, o sujeito, que corresponde ao participante principal, é colocado no fundo, tornando-se menos saliente perceptual e cognitivamente, do que o predicado (evento + outros participantes), que torna-se figura e ganha saliência.

Assim, advogamos que a estrutura denominada passiva sintética pelas gramáticas normativas não corresponde a uma realidade cognitiva, isto é, uma maneira de codificar um construto no qual o participante paciente é tornado figura. Para esse fim, o português dispõe da passiva analítica, que será examinada mais adiante (cf. Subseção 4.3.2)

O fato de não terem sido encontrados exemplos com concordância do verbo com o SN posposto no *corpus* do Orkut ratifica nossa tese de que não existe passiva sintética no português, pelo menos, não na mente do falante. Observem-se os exemplos:

(79) *Compra-se e vende-se livros*

(80) *Conserta-se bombas d'água*

(81) *Troca-se peças*

(82) *Empresta-se roupas usadas*

(83) *Contrata-se revendedores*

Em todos os exemplos, o SN plural não é considerado o sujeito, mas sim o complemento direto do verbo, de sorte que as pessoas responsáveis pela compra e venda, pelo conserto, pela troca, pelo empréstimo, e pela contratação correspondem aos sujeitos das sentenças.

Porém, ainda que os usuários não intuem motivo para concordar o verbo com o SN posposto, esse fenômeno ocorre freqüentemente nos exemplos do *corpus* da JIC. Considerem-se os exemplos:

(84) *Por outro lado, quando foram analisadas as características IxV até o valor de 1mA para a corrente de fuga, **obtiveram-se** resultados compatíveis com os relatados na literatura. (Código: 3170)*

(85) *Em um primeiro momento, a partir de amostras retiradas das barras, realizaram-se microscopias óticas, ensaios de tração e testes de dureza Brinell para cada tipo de liga nas condições citadas anteriormente.* (Código: 3190)

(86) *Para as análises utilizaram-se padrões comerciais de ácido cítrico e ascórbico. O ácido ascórbico foi incluído para posterior determinação da especificidade do método.* (Código: 2871)

(87) *Dentre as pesquisas relacionadas sobre este tema, estudaram-se os tipos de não-linearidades que a ponte trifásica pode reproduzir e o seu funcionamento como um conversor controlado.* (Código: 1931)

(88) *No presente trabalho, aplicam-se as métricas de sustentabilidade utilizadas por Moreira para identificar rotas de seqüestro químico de CO₂.* (Código: 462)

Nos exemplos (84) a (88), a concordância do verbo com o SN posposto pode significar uma de duas coisas: 1) ou o escritor realmente considera o SN posposto como sujeito, diferentemente da intuição de todas as pessoas responsáveis pelos exemplos do Orkut; 2) ou o escritor tem conhecimento das normas gramaticais e esforça-se para colocá-las em prática.

A tabela 5 apresenta o cálculo do percentual de sentenças com e sem concordância do verbo com o SN posposto presentes no *corpus* da JIC:

<i>Exemplos</i>	<i>Nº de ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Com concordância	58	57,4
Sem concordância	43	42,6
TOTAL	101	100

Tabela 5. Exemplos com e sem concordância do verbo com SN posposto

Como já propuseram muitos autores (cf. Said Ali, 1957, Nunes, 1991, entre outros), julgamos que a concordância decorre da pressão da escola e da gramática, principalmente porque ela ocorreu apenas no *corpus* referente ao português formal escrito. No *corpus* do português informal, não houve concordância em exemplo algum.

No entanto, além da pressão escolar e gramatical, outro motivo parece corroborar para o alto número de exemplos que apresentam concordância do verbo com o SN posposto: a natureza de alguns verbos e o tipo de sentença em que ocorrem. Observe-se a Tabela 6:

<i>Verbos</i>	<i>Nº de ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Destacar	11	19,0
Utilizar	7	12,1
Encontrar	4	6,9
Observar	4	6,9
Obter	4	6,9
Ter	4	6,9
Realizar	3	5,2
Identificar	3	5,2
Aplicar	2	3,4
Seguir	1	1,7
Perceber	1	1,7
Notar	1	1,7
Apresentar	1	1,7
Estudar	1	1,7
Discutir	1	1,7
Determinar	1	1,7
Propor	1	1,7
Estimar	1	1,7
Construir	1	1,7
Simular	1	1,7
Eliminar	1	1,7
Avaliar	1	1,7
Empregar	1	1,7
Criar	1	1,7
Produzir	1	1,7
TOTAL	58	100

Tabela 6. Verbos dos exemplos em que este concorda com SN posposto

O verbo *destacar*, que ocorre mais frequentemente no *corpus* da JIC, é encontrado sempre em sentenças com o mesmo tipo de estrutura:

(89) *Dentre os materiais utilizados na fabricação de risers rígidos para águas ultra-profundas **destacam-se** os aços que seguem a norma API (American Petroleum Institute), conhecidos como aços API...* (Código: 599)

(90) *Dentre os diversos tipos de robôs móveis que existem **destacam-se** robôs com rodas, esteiras ou pernas, que representam robôs terrestres.* (Código: 2220)

(91) *Dentre as enzimas que têm sido aplicadas em reatores supercríticos, **destacam-se** as lipases, enzimas capazes de catalisar a hidrólise e a síntese de ésteres formados de glicerol e longas cadeias de ácidos graxos.* (Código: 139)

(92) *Dentre as diferentes tecnologias de geração de energia elétrica de forma mais sustentável, **destacam-se** as células a combustível.* (Código: 945)

(93) *Dentre os sistemas de vídeo, **destacam-se** os estereoscópicos, os quais podem trazer mais realismo a diversas aplicações (...) devido à percepção de profundidade por eles fornecida.* (Código: 1323)

(94) *Dentro do Grupo Fitoclasto, **destacam-se** os componentes lenhosos não-opacos sem bioestrutura.* (Código: 291)

Nesses e nos outros exemplos com o verbo *destacar*, a estrutura da sentença traz, em seu início, um adjunto adverbial introduzido pela combinação das preposições *de* e *entre*, com o sentido estendido de “lugar de onde”, correspondendo a um conjunto de elementos, dos quais algum(s) elemento(s) têm maior destaque.

Repare-se que o verbo *destacar* tem duas acepções muito próximas: como verbo transitivo, um agente dá relevo ou faz sobressair um elemento; como verbo pronominal, o elemento sobressai ou tem relevo por si próprio. Sendo assim, analise-se o seguinte exemplo:

(95) *Dentre os materiais resistentes a altas temperaturas, os aços ferríticos **se destacam** devido ao seu baixo coeficiente de dilatação térmica.* (Código: 1406)

Como nos exemplos (89) a (94), a estrutura sentencial é exatamente a mesma, mas dessa vez o SN vem anteposto ao verbo, de modo que fica clara sua função de sujeito do verbo *destacar*. Porém, não se intui a presença de um agente responsável por dar

destaque aos *aços ferríticos*, eles têm relevo por si mesmos. Trata-se, pois, de uma forma reflexiva, diferente do que temos no exemplo abaixo:

(96) *Entre vários resultados obtidos **destaca-se** na base americana mais de 3100 patentes no período considerado para patentes que consideram formulações de medicamentos, síntese química do princípio ativo e emprego da biotecnologia através de microorganismos e enzimas....* (Código: 3)

Nesse caso, existe um agente desconhecido ou não especificado, que corresponde ao sujeito indeterminado, responsável por “destacar” um certo resultado (complemento direto) de um conjunto de resultados obtidos. Em outras palavras, temos *X destaca Y*, em vez de *X se destaca*.

A interpretação que damos às sentenças (89) a (94) encontra respaldo nas investigações de Said Ali (1957), para o qual a forma de sujeito indeterminado com *se* teve origem na forma reflexa, e foi confirmada por 88% dos 40 estudantes entrevistados.

Ainda que a mesma interpretação não possa ser estendida a todos os exemplos com concordância do verbo com o SN posposto, ela parece válida também nos casos em que o verbo como pronominal tem acepções diferentes das acepções transitivas, como em:

(97) *Como resultados, **apresentam-se**, além do diagnóstico, diretrizes de intervenção.*
(Código: 3022)

(98) *Dentro desta classe de materiais **encontram-se** os polímeros de coordenação e as redes metalorgânicas (MOFs)1.* (Código: 2655)

Em (97), *apresentar-se* pode ter a acepção de “ser presente”, “ir à presença de alguém”, “manifestar-se”, enquanto o verbo *encontrar-se*, em (98), pode ter a acepção de “existir”, “estar presente”, “estar localizado”, que não consta no dicionários, embora seja usual. Note-se que *apresentar-se* é mais sentido como reflexivo (*X apresenta a si mesmo*) do que *encontrar-se*.

De qualquer forma, a pressão da escola e da gramática, exercida especialmente em contextos que exigem escrita formal, serve para explicar o alto índice de exemplos em que o verbo concorda com aquilo que o usuário sente como objeto direto. (cf. Pontes, 1986)

O fato é que, se a suposta passiva sintética serve para “apassivar” a sentença quando o agente está indeterminado, motivo pelo qual não aparece com agente da passiva, como admitem alguns gramáticos (cf. Sacconi, 1976; André, 1978), dadas as semelhanças entre essa forma e a construção de sujeito indeterminado com *se*, não há motivo razoável (ou lógica) para distingui-las: postulando um *se* apassivador para os verbos transitivos diretos e um *se* indeterminador para os demais tipos de verbo.

O Princípio da Economia Maximizada, que restringe o número de construções, atendendo à necessidade de simplificação lingüística, é responsável pela semelhança entre sentenças, como *Aluga-se quartos*, *Precisa-se de empregado*, *Vive-se bem nesta terra*, todas consideradas como sentenças com sujeito indeterminado.

4.3.2. Construção com *se* indeterminador vs. Passiva analítica

A maioria das gramáticas normativas sempre faz a suposta passiva sintética equivaler à passiva analítica, explícita ou implicitamente. (cf. Torres, 1972; André, 1978; Almeida, 1982; Cunha & Cintra, 1985; entre outros)

Tendo em vista diversos pontos explicados em seguida, verificamos que a suposta “passiva sintética” nada tem a ver com a passiva analítica.

De acordo com o Princípio da Não-Sinonímia, uma diferença na forma sintática sempre indica uma diferença de significado (seja na semântica, seja na pragmática). É isso que Said Ali demonstra magistralmente quando afirma que a forma reflexiva (de sujeito indeterminado) não se identifica com a voz passiva e, portanto, “substituir não é analisar” (p.103).

Confrontando as sentenças (99) *Aluga-se esta casa* e (100) *Esta casa é alugada*, o autor prova que as diferenças sintáticas entre essas sentenças indicam uma diferença de significado. Semanticamente, a primeira sentença denota que alguém está disposto a ceder o imóvel de aluguel, ao passo que a segunda denota que o imóvel já foi tomado de

aluguel. Pragmaticamente, se um senhorio quisesse inquilinos, utilizaria a primeira sentença e não a segunda.

A diferença entre sentenças desses dois tipos pode ser explicada por recurso à organização figura-fundo. Em (100), o sujeito *esta casa* é figura, isto é, a construção passiva analítica possibilita tirar o foco de proeminência do participante agente, e colocá-lo no paciente. Em (99), por sua vez, o sujeito agente é fundo, e o foco de proeminência é colocado sobre todo o predicado, não apenas sobre o SN paciente.

A prova de que é o predicado que tem saliência cognitiva é que, não raramente, vemos anúncios sem o paciente expresso, como em *vende-se* ou *aluga-se*, em frente a um imóvel. As sentenças não estão sem sujeito, mas com complemento nulo definido, cuja identidade é recuperada no contexto. (cf. Goldberg, 1995)

Essa interpretação de que o predicado é figura aplica-se igualmente a sentenças com verbos de outros tipos, inclusive verbos sem complemento (intransitivos ou transitivos tomados intransitivamente), consideradas pelas gramáticas como casos de indeterminação do sujeito com *se*.

Conforme a Subseção 4.1.2., tanto o sujeito indeterminado *se* como o sujeito da passiva são não-prototípicos. Enquanto a construção de sujeito indeterminado codifica um construto em que o sujeito agente é fundo e o predicado é figura, a forma passiva analítica codifica um construto em que o sujeito paciente é figura e o predicado é fundo.

Tendo como base Goldberg (2006), segundo a qual os eventos tendem fortemente a ser concebidos como agentivos, e considerando que o sujeito prototípico é figura, ambas as construções constituem desvios da forma canônica de perceber/conceber os eventos: com *agente figural*.

Outra diferença fundamental entre as construções de sujeito indeterminado com *se* e a passiva analítica se deve à colocação de janelas atencionais sobre diversas partes do evento. Considerem-se os seguintes exemplos:

(101) *Vende-se aquários*. (nome de comunidade do Orkut)

(102) *Aquários são vendidos*.

Tanto a sentença (101) como a sentença (102) evocam uma cena de transferência de posse. Em (102), as janelas atencionais ficam apenas sobre o *paciente* e o *evento* em

si, de modo que o *agente* e o *recipiente* ficam em lacunas atencionais. Em (101), porém, as janelas de atenção diferenciada são colocadas sobre o *agente*, o *paciente* e o *evento*. O *recipiente* permanece numa lacuna.

Partindo do caso de “agente intermediário, cuja identidade não é especificada”, referido por Talmy (2003), acreditamos que as orações com sujeito indeterminado sempre têm uma janela atencional sobre o agente, mesmo que a sua identidade seja desconhecida.

Nas orações de sujeito indeterminado, existe material lingüístico na oração que indica a presença do sujeito, seja o pronome *se*, seja a desinência de 3ª pessoa do plural, como nos exemplos:

(103) *Procura-se músicos* (nome de comunidade do Orkut)

(104) *Tocaram a campanha!*

Em (103), o pronome *se* dirige a atenção para a existência de um agente que não se pode ou não se quer identificar. Em (104), porém, a desinência verbal indica a presença de um agente, em geral, desconhecido. As diferenças entre essas duas formas de indeterminação foram discutidas anteriormente. (cf. Subseção 4.2.1.)

Nas orações passivas analíticas, entretanto, não existe uma janela atencional sobre o agente, a menos que esteja expresso através do agente da passiva, que normalmente está “sombreado” (cf. Goldberg, 1995), como em:

(105) *As árvores foram podadas pelo jardineiro.*

Assim, diferentemente da passiva analítica, a construção com *se* contém uma janela atencional sobre o agente, motivo pelo qual não admite *agente da passiva*.

4.3.3. Construção com *se* indeterminador vs. Sujeito *alguém*

Além de explicar as diferenças entre as construções de sujeito indeterminado com *se* e a passiva analítica, o Princípio da Não-Sinonímia também contraria a insistência de Mello em argumentar que, quando o *se* é indefinido, pode ser substituído por seus

“sinônimos” – *alguém, a gente, uma pessoa, eles, diversas pessoas*, etc. –, sem prejudicar o sentido da sentença.

Na verdade, os significados de sentenças como (106) *Vende-se muitas flores* e (107) *Alguém vende muitas flores* são bem diferentes. Na prática, apenas a primeira sentença tem como propósito anunciar um produto (*flores*). Note-se, ainda, que apenas a primeira sentença permite a inclusão do falante como possibilidade de determinação do sujeito, a segunda não. Nesse sentido, as sentenças com o pronome indefinido *alguém* como sujeito poderiam equivaler, no máximo, à construção de sujeito indeterminado com 3ª pessoa do plural.

No entanto, existem diferenças entre essas duas formas de sujeito. Considerem-se os exemplos:

(108) *Roubaram minha mochila.*

(109) *Alguém roubou minha mochila.*

Em (108), a saliência cognitiva está no evento (verbo + complemento), sendo, portanto, figura. Mas, em (109), a saliência cognitiva está no “ladrão” – a entidade central ao redor da qual a cena está organizada. Logo, o sujeito *alguém* é figura em relação ao predicado (fundo), pois tem saliência cognitiva em relação ao evento e outros participantes, que fornecem um “cenário” para o participante principal.

Além disso, excetuando verbos que designam ações inequivocamente praticadas por ser humano, o sujeito *alguém* favorece a interpretação de que o agente é humano e singular, enquanto o sujeito com 3ª pessoa do plural pode designar um agente até mesmo animal. Confrontem-se os exemplos:

(110) *Alguém virou a lixeira.*

(111) *Viraram a lixeira.*

Em (110), o falante admite o agente como tendo sido uma pessoa, ao passo que, em (111), o(s) agente(s) pode(m) ter sido um cachorro ou gato, por exemplo. Essa interpretação foi confirmada por 91% de 25 pessoas entrevistadas.

Para Sacconi (1976, p. 179), as sentenças com sujeito *alguém* equivalem a sentenças como (112) *Uma senhora esteve à sua procura hoje* e (113) *Um mascarado roubou o Banco*, nas quais o sujeito é simples e indefinido/desconhecido, mas não indeterminado. Sendo assim, essas sentenças têm sujeito agente determinado, ainda que o SN designe alguém cuja identidade se desconhece.

A partir das análises aqui desenvolvidas, procuramos definir a natureza do sujeito indeterminado com *se* em português, identificar seu “lugar” na categoria do sujeito, e explicar seu significado e sua sintaxe em oposição a outras formas que constam nas gramáticas tradicionais, como a indeterminação com 3ª pessoa do plural, a passiva analítica e a passiva sintética, a qual afirmamos não corresponder a uma realidade cognitiva.

5. CONCLUSÃO

Para desenvolver o estudo aqui apresentado, inicialmente, examinamos os trabalhos já dedicados ao sujeito indeterminado com *se*, pois esse assunto vem despertando o interesse de diversos lingüistas ao longo de todo o século passado, devido ao conflito entre as normas gramaticais e a intuição do falante.

Instigados pela observação do mesmo fenômeno, a não-concordância sistemática do verbo com o SN posposto nas estruturas consideradas pelas gramáticas como passivas sintéticas, procuramos investigar esse antigo problema sob um novo ponto-de-vista, centrado no ser humano, mais precisamente, na “cognição” do usuário do português.

Com esse propósito, apoiamo-nos em diversos modelos de análise reunidos sob o “rótulo” Lingüística Cognitiva, enfatizando as noções de organização figura-fundo, janela atencional, categoria radial e protótipo, e construção gramatical.

Tomando como ponto de partida a idéia de que a categoria do sujeito é radial, procuramos determinar a natureza do sujeito prototípico e o “lugar” do sujeito indeterminado com *se* na categoria. Para este fim, atribuímos pesos aos parâmetros de topicalidade e valores aos elementos especificados em cada seqüência ordenada, de modo que foi possível calcular o valor do protótipo e os valores de outros tipos de sujeito, de acordo com seu grau de saliência cognitiva. Assim, caracterizamos os sujeitos indeterminados como não-prototípicos, localizados perifericamente na categoria.

Partindo do princípio de que as formas de indeterminação com *se* e com 3ª pessoa do plural constituem construções gramaticais diferentes, com propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas específicas, verificamos que o sujeito indeterminado com *se* admite a inclusão da 1ª e da 2ª pessoas do verbo como possibilidade de determinação do sujeito, enquanto o sujeito indeterminado com 3ª pessoa do plural não admite. Por esse motivo, percebemos que a forma de indeterminação com *se* é a preferida pelos estudantes para narrar experimentos em que estavam envolvidos, reservando a construção com 3ª pessoa do plural para narrar experimentos dos quais não participaram.

Tendo em vista que a organização figura-fundo atua não apenas no domínio sensorial, mas também no domínio cognitivo para alterar os significados das experiências, estabelecemos que as construções de sujeito indeterminado consistem em recursos gramaticais que codificam um construto no qual uma cena é percebida/concebida de maneira diferente do cânone, colocando o participante principal (sujeito) no fundo, e tornando o evento e outros participantes (predicado) mais salientes.

Em seguida, analisando instanciações de sentenças de sujeito indeterminado com *se*, depreendemos o padrão construcional genérico *V-se_{Suj.Indet.} Compl. Verbal*, que permite a compatibilização de diferentes tipos de verbos, acomodando complementos de natureza direta, relativa e predicativa.

Contrariando as normas gramaticais, assumimos que a construção de sujeito indeterminado com *se* é tipicamente transitiva direta, de sorte que verbos considerados transitivos diretos, que evocam dois participantes, se integram na construção sem problemas: o participante principal é expresso pelo sujeito indeterminado, e o outro participante é expresso pelo complemento direto.

Assinalamos que, com verbos transferenciais, em que o complemento direto pode vir seguido de complemento indireto (recipiente), este é considerado contribuição do verbo para a construção. Porém, constatamos que, normalmente, os verbos transferenciais não ocorrem com complemento indireto.

Com os verbos denominados *transobjetivos*, por sua vez, o complemento direto vem seguido de anexo predicativo, o qual também consideramos contribuição do verbo para qualificar o complemento.

Com os verbos classificados tradicionalmente como intransitivos ou transitivos tomados intransitivamente, propusemos que sua integração na construção decorre do corte do argumento objetivo ou complemento verbal.

Com os verbos tidos como transitivos indiretos pelas gramáticas, consideramos o complemento como relativo, e advogamos que a preposição é contribuição do verbo para a construção. Observamos, ainda, que alguns verbos podem ocorrer ora com complemento relativo, ora com complemento direto, como *precisar*.

Com os verbos considerados “verbos de ligação”, apontamos que as semelhanças entre o complemento predicativo e o complemento direto permitem que sua compatibilização na construção ocorra normalmente.

Quanto à posição do *se*, observamos sua alta freqüência em ênclise, tendência já atestada por outra autora.

Enfatizamos que a passiva sintética ensinada pelas gramáticas normativas não corresponde a uma realidade cognitiva, pois o falante intui a presença de uma pessoa responsável pela ação designada pelo verbo, cuja identidade se desconhece ou não se quer especificar. Essa tese é ratificada pelo fato de não haver exemplo com concordância do verbo com o SN posposto no *corpus* do português informal escrito.

No *corpus* do português formal escrito, por sua vez, a alta freqüência de concordância do verbo com o SN posposto pode ter ocorrido por pressão da escola e da gramática, ou porque certos verbos têm uma acepção pronominal (reflexiva), além da transitiva, como *destacar*.

Assim, dadas as semelhanças entre a suposta passiva sintética e a construção de sujeito indeterminado com *se*, postulamos que não há motivo para distinguir as duas formas: um *se* apassivador para os verbos transitivos diretos e um *se* indeterminador para os demais tipos de verbo.

Em observância ao Princípio da Não-Sinonímia, propusemos que as formas *Aluga-se esta casa* e *Esta casa é alugada* têm diferenças de significado (semântica e pragmática). Além disso, na primeira, o sujeito agente é fundo e o predicado é figura, ao passo que, na segunda, o sujeito paciente é figura e o predicado é fundo. Assim, ressaltamos que ambas as construções constituem desvios da forma canônica de perceber/conceber os eventos – com sujeito *agente* e *figura*. Acrescente-se, ainda, que a construção com sujeito indeterminado com *se*, diferentemente da passiva analítica, não admite *agente da passiva*, pois já tem uma janela atencional sobre o agente.

O Princípio da Não-Sinonímia também nega que o *se* indeterminador seja sinônimo do pronome indefinido *alguém*. Demonstramos que a impossibilidade de o sujeito *alguém* admitir a inclusão do falante como possibilidade de determinação aproxima-o mais da construção de sujeito indeterminado com 3ª pessoa do plural. Entretanto, ao contrário do sujeito indeterminado, o sujeito *alguém* é figura em relação a seu predicado, designando sempre um agente humano.

A partir das considerações e análises apresentadas ao longo desta Tese, procuramos contribuir para a descrição gramatical do português, bem como favorecer o avanço teórico cognitivista no Brasil.

Por fim, esperamos que as reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo lance luzes sobre futuras descrições de construções gramaticais do português, e reforcem a necessidade, cada vez maior, em centrar as pesquisas lingüísticas na preocupação com a “intuição” dos usuários da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. *Sujeito indeterminado na fala*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 1992. [Tese de Doutorado]

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática Ilustrada*. São Paulo: Moderna, 1978.

BATES, Elizabeth & MACWHINNEY, Brian. “Functionalist Approaches to Grammar”. In: Gleitman, L. & Wanner, E. (ed.) *Language Acquisition: The state of the art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BERLIN, Brent & KAY, Paul. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley: University of California Press, 1969.

CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 1999. [Dissertação de Mestrado]

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 26. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIENHART, John M. “A linguistic look at riddles”. In: *Journal of Pragmatics*, n. 31, 1999. pp 95-125.

DILTS, Robert. “Figure and Ground”. In: *Anchor Point – practical journal of NLP*, 1987. [mimeo]

DUARTE, Maria Eugenia. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP, 1995. [Tese de Doutorado]

----- . “Termos da oração”. In: Vieira, Silvia Rodrigues & Brandão, Silvia Figueiredo. (org.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

- FAUSTO, Juliana. “Gestalt”. 1999. Disponível em: <<http://www.tiagoteixeira.com.br>>
- FILLMORE, Charles, KAY, Paul & O'CONNOR, Catherine. “Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of *let alone*”. In: *Language*. n.64, 1988. pp. 501-38.
- FILLMORE, Charles. “Algunos problemas de la gramática de casos”. In: Zavala, Victor Sanches de (org.) *Semántica y sintaxis en la lingüística transformatoria*. v. 2. Madrid: Alianza, 1976.
- . “Topics in Lexical Semantics”. In: Cole, R. (ed.) *Current Issues in Linguistic Theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977.
- GALVES, Charlotte. “Clíticos e concordância em português”. In: *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: UNICAMP, 2001.
- GARCIA, Afrânio. “Tipos de Sujeito Indeterminado”. *Almanaque CIFEFIL*, v.1., 2007.
- GEERAERTS, Dirk. “Introduction: A rough guide to Cognitive Linguistics”. In: Geeraerts, Dirk. (ed.) *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- . “Constructions: a new theoretical approach to language”. In: *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7. n. 5, 2003.
- . *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- . *Philosophy in the Flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*. vol. I. Stanford: Stanford University Press, 1987.

-----, *Foundations of Cognitive Grammar*. vol. II. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LOBATO, Monteiro. “O colocador de pronomes.” [mimeo]

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1976.

MAYEROVITCH, Benjamin, MOURA, Joaquim C. de A. & PESSOA, Roberto. (ed.) *Dicionário Médico Blakiston*. São Paulo: Organização Andrei, 1979.

MELLO, Pedro de. *O pronome “se” indefinido*. Piracicaba: Tipografia do Jornal de Piracicaba, 1926.

MIRA MATEUS, Maria Helena, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês Silva & FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

NARO, Julius. “The genesis of the reflexive impersonal in Portuguese: a study in syntactic change as a surface phenomenon”. In: *Language* n. 52., 1976.

NUNES, Jairo Morais. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP, 1990. [Dissertação de Mestrado]

-----, “Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro”. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. n. 20. Campinas: jan/jun, 1991. pp.33-58.

PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

PINA, Angelina Aparecida de. “A atualidade de Manuel Said Ali: a sintaxe do pronome *se* e a cognição”. In: *Cadernos do CNLF*, vol. IX, n. 17, 2006.

-----, *Isso é de se pensar: análise de uma construção gramatical do português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2004. [Dissertação de Mestrado]

PINHEIRO, Diogo O. R. *Aspectos sintáticos e semânticos da construção locativa do português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, 2007. [Dissertação de Mestrado]

PONTES, Eunice Souza Lima. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986. [Coleção Ensaios; 125]

- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1983.
- RUBIN, Edgar. “Figure and Ground”. In: Yantis, S. (ed.) *Visual Perception: Essential Readings*. Philadelphia: Psychology Press, 2001. pp. 225-229.
- . *Visuell Wahrgenommene Figuren*. Copenhagen: Gyldendals, 1921.
- RUBIN, Nava. “Figure and Ground in the Brain”. In: *Nature Neuroscience*. Vol.4. n.9. september, 2001.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Gramática em tempo de comunicação*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957. [1. ed. 1908; 2. ed. 1919; 3. ed. 1930; 4. ed. 1950]
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.
- . “Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de poodle” In: I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos (SNEL). Universidade Federal da Paraíba, setembro de 1997.
- SILVA, Augusto Soares da. “A Lingüística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*. vol. I, Fasc. 1-2, 1997. pp. 59-101.
- . “Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa.” In: *Razões e emoção: miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus*. Departamento de Lingüística Geral e Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, junho de 2001.
- . “Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Lingüística Cognitiva”. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (org.) *Linguagem, Cultura e Cognição: estudos de Lingüística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, v. I., 2004. pp. 1-18.
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- SKILTERS, Jurgis. “Aspekte der Figur-Grund-Strukturierung in der menschlichen semantischen Artikulation”. In: *Gestalt Theory*. Vol. 8, No. 1/2, 2006. pp. 201-222.

TALMY, Leonard. "Figure and Ground in Complex Sentences". In: Greenberg, Joseph H. (ed) *Universals of Human Language*. Vol. 4: Syntax. California: Standford Univerisy Press, 1978.

-----, *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I: Concept structuring systems. Massachusetts: MIT Press, 2003.

TAVARES, Maria Margarida. *A semântica do pronome "se"*. Dissertação para Licenciatura em Filologia Portuguesa. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa, 1952.

TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1989.

TORRES, Artur de Almeida. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. 23. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

TSUR, Reuven. "Metaphor and Figure-Ground Relashionship: Comparisons from Poetry, Music, and the Visual Arts". s.d. [mimeo]

VAN OOSTEN, Jeanne. *Subject, Topic, Agent, and Passive*. Berkeley: University of California, 1984. [Tese de Doutorado]

APÊNDICE

1. XXX Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural UFRJ - Resumos da Área de Exatas

1.1. Estrutura $V_{sg.} - se SN_{pl}$.

*Ajustando certos valores bem definidos para esses parâmetros **obtem-se** três modelos de mundo, a saber, Einstein-de-Sitter, baixa densidade e lamda alto. (Código: 735)*

*Nos métodos convencionais, **obtem-se** resultados em torno de 24 horas após o recolhimento da amostra, o uso de biosensores objetiva diminuir esse intervalo de tempo para aproximadamente 2 horas. (Código: 1621)*

*Para cada 100 g de castanha integral **obteve-se**, aproximadamente, 722 mL de leite, 39 g de torta, 12 g de óleo prensado e 27 g de farelo parcialmente desengordurado. (Código: 180)*

*Fazendo a análise colorimétrica, **obteve-se** os componentes RGB dessas imagens, sendo possível avaliar quantitativamente a influência das diferentes concentrações de HCl sobre o papel modificado. (Código: 2905)*

*A partir deste delineamento proposto, **obteve-se** os resultados da Fase F1 ($40m^3/m^2.d$), conduzida nos períodos compreendidos entre Agosto e Setembro de 2007 e Janeiro e Fevereiro de 2008, com base em amostras compostas diurnas (alíquotas coletadas a cada 30'). (Código: 2473)*

*Após a simulação **obteve-se** os seguintes resultados: 20 minutos de teste o óleo penetrou 11,5 cm nos sedimentos da praia de Itaipuaçu, 6,7 cm na praia de Saquarema e 3,3 cm na praia Grande. (Código: 29)*

*Em um balão de 100 mL, **adicionou-se** 48,25 mmol de formol e 5,0 mL de H₂O. Resfriou-se entre 0 e 5°C. Em seguida, **adicionou-se** 48,25 mmol da amina e 2,5 mL de H₂O em 10*

*min. Posteriormente, **adicionou-se** 24,25 mmol de $(\text{NH}_4)_2\text{CO}_3$ e 2,5 ml de H_2O . Preparou-se uma solução de 48,75 mmol de biacetil (2,3-butadiona) em 7,5 mL de H_2O e adicionou-se ao meio reacional durante 15 min. (Código: 112)*

*Em um reator **adicionou-se** 38,0 ml de tetraetilortosilicato (TEOS, 98 %); 38,0 ml de etanol anidro e 4,3 ml de uma solução de HCl 3,5 mol l⁻¹ para promover a pré-hidrólise do TEOS. A solução resultante foi agitada por 3 h à temperatura de 60 C. Em seguida **adicionou-se** 8,18 g de isopropóxido de alumínio 98% pré-dissolvido em ácido trifluoroacético e manteve-se a agitação por mais 2 h à temperatura de 60 C. **Adicionou-se** à solução resultante, 6,0 g de grafite em pó ultra puro (99,9%) finamente dividido (dimensões de partícula menor que 100 micrometro). (Código: 1524)*

*Para apoiar a comunicação e a cooperação entre profissionais da área de saúde, **estudou-se** tecnologias Web para o desenvolvimento e constante atualização dos sites RedeTb e Saúde Global, que apoiam a integração entre diversos grupos de trabalho. (Código: 2789)*

*Neste caso, **estudou-se** os efeitos da remoção da fonte de nitrogênio, da variação da proporção nitrato:fosfato (N:P) e da substituição da fonte de nitrogênio de nitrato para amônia. (Código: 946)*

***Estudou-se** curvas isotérmicas de histerése, $M_{vs}H$ em YBaCuO com $T_c=92$ K, onde foi medido relaxação magnética, M vs tempo, sobre esta curva para valores de campo magnético em torno do segundo pico. (Código: 484)*

*Para a correção digital, **utilizou-se** circuitos lógicos combinacionais por serem de baixa complexidade e de alta acurácia. (Código: 219)*

***Utilizou-se** duas faixas de temperaturas: 25°C e 50°C, dois solventes: acetonitrila e álcool butílico terciário, e dois oxidantes: peróxido de hidrogênio e hidroperóxido de terc-butila. (Código: 3040)*

*Para a identificação das áreas degradadas, uso da terra empregado e plotagem das coordenadas dos pontos em que as amostras foram coletadas em um mapa de solos da região, **utilizou-se** imagens do satélite Quickbird. (Código: 1602)*

*Nos espectros no IV da amostra S7 são observadas bandas relacionadas ao grupo carbonato em 1538 e 1384 (n3), 1060 (n1) e 851 (n2) cm-1, **observa-se** também bandas largas centradas em 3377 e 3164 cm-1 atribuída aos grupos hidroxil. (Código: 1199)*

*Contudo, para o Zn, Cu, Cr, Ni e Cd, em todas as três camadas analisadas, **observou-se** incrementos significativos com a dose de biosólido. (Código: 684)*

*Com pequenas chapas de 1 mm de espessura **realizou-se** testes eletroquímicos de permeação de hidrogênio testes eletroquímicos de permeação de hidrogênio também foram realizados à temperatura ambiente em amostras previamente polidas. (Código: 1324)*

*Em seguida, **realizou-se** os processos de redução a 500oC por 2h, usando H2 99,999% com vazão de 30ml/min, seguido de formação de coque a 300oC por 2h, usando cicloexano com molécula modelo para todos os catalisadores sintetizados. (Código: 939)*

*Entre vários resultados obtidos **destaca-se** na base americana mais de 3100 patentes no período considerado para patentes que consideram formulações de medicamentos, síntese química do princípio ativo e emprego da biotecnologia através de microorganismos e enzimas; enquanto que na base cerca de 27000 patentes foram depositadas com este mesmo escopo. (Código: 3)*

*Com isso, garante-se a escalabilidade e **reduz-se** os custos da distribuição de vídeo [4]. (Código: 2572)*

*Em meio ao cenário de transformação mundial em busca de novas alternativas de produção de energia, tal como a otimização dos recursos e das alternativas já existentes, **percebe-se** como desafios motivacionais ao surgimento e desenvolvimento deste projeto: - Questões logísticas a serem resolvidas, tais como o distanciamento existente entre as bases*

distribuidoras e as unidades produtoras; (...) - Diferentes interesses político-sociais, etc.
(Código: 3079)

*Todo o conjunto é alimentado por duas baterias, de 20V e 30V, e conectados a um sistema de aquisição, e por fim conectado ao computador onde **visualiza-se** as deformações através do software AGILENT 3790A Datalogger.* (Código: 3053)

*Adicionalmente, **considera-se** na função objetivo a ser otimizada métricas de sustentabilidade, com a finalidade de identificar qual dos processos é potencialmente mais benigno ao meio ambiente e inerentemente mais seguro, além de atrativo economicamente.*
(Código: 490)

***Evidencia-se** também problemas derivados da grande explosão demográfica ocorrida na cidade devido à instalação da PETROBRAS, como por exemplo, degradação ambiental (especialmente hídrica), ocupação desordenada, poluição do ar, enchentes entre outros.*
(Código: 1469)

*Enquanto a média da densidade hidrográfica da bacia do rio Macaé é de 2,991 canais/Km², nesta área **encontra-se** densidades de até 6,14 canais/Km² na sub-bacia do rio Colégio.* (Código: 1712)

*Verte-se a reação em gelo picado, observa-se a precipitação do produto bromado, adiciona-se NaHSO₃ de sódio a 10% (p/v) e **neutraliza-se** os ácidos com NaHCO₃ sólido, adicionando-o pouco a pouco ao meio, após a neutralização filtra-se a mistura em papel de filtro previamente tarado, depois de seco a temperatura ambiente, pesa-se o mesmo.*
(Código: 2016)

*Dentre as atualizações feitas **cita-se**: testes automatizados que garantem o bom funcionamento do software; (...) ; suporte a strings em Unicode/UTF-8, que contempla caracteres das mais diversas línguas existentes no mundo.* (Código: 1452)

Como a qualidade das simulações foi significativa, **gerou-se**, a partir dos dados simulados, campos médios e anomalias para os dados de pressão atmosférica e vento, detalhando uma climatologia com alta resolução espacial e uma abrangência temporal de dados importante para as áreas de aplicação. (Código: 2129)

Após este período de tempo, o cp foi lavado com 5 ml de água destilada e **repetiu-se** as etapas descritas anteriormente para localizar a mesma área. (Código: 2432)

Na montagem do modelo, **calibrou-se** os chuveiros para simular, a princípio, uma chuva de 10mm/h. Foram feitos drenos no fundo da caixa e colocada a camada de composto com maior diâmetro como bloco capilar. (Código: 2312)

Para cada grama do suporte seco **usou-se** 10 mL de solução de lipase (1000 U/L) em 25 mM de tampão fosfato. (Código: 34)

Buscou-se no site da Agência Nacional de Vigilância Sanitária os registros de cada um desses produtos. (Código: 499)

Inicialmente, **preparou-se** as oximas da acetofenona, da 3-heptanona e da ciclohexanona como descrito na literatura [1] a partir da reação de cetonas com cloridrato de hidroxilamina em meio básico. **Empregou-se** duas metodologias distintas para a desproteção de oximas, em uma utilizou-se uma solução acetona/água(10:1) e em outra não houve adição de solvente. (Código: 661)

Neste trabalho, foi explorada a Teoria Axiomática dos Conjuntos - inclusive como o Axioma da Especificação resolve o Paradoxo de Russel - com especial interesse no Axioma da Escolha e suas implicações. **Demonstrou-se** casos onde a consideração de tal axioma é imprescindível e outros onde ele pode ser evitado. **Analizou-se** versões equivalentes do A.E., além de formas mais e menos fortes do mesmo. (Código: 854)

Primeiramente **sintetizou-se** cinco catalisadores com teor de metal (Ni) em diferentes concentrações (2000, 4000, 6000, 8000 e 10000 ppm) introduzido por troca iônica a 70oC

por 1h utilizando solução aquosa de nitrato de níquel. (...) Para testes de estimativa da acidez, **reagiu-se** estes catalisadores com n-hexano a 500oC na unidade catalítica de alto desempenho a fim de observar o seu craqueamento. (Código: 939)

Para a realização deste trabalho esta sendo realizados trabalhos de campo e análises microscópicas de amostras coletadas da área de estudo, para tal **teve-se** como base estudos anteriores sobre a geologia regional e local realizados pela CPRM 2001 e PORTO JR 1993 e 2004. (Código: 2446)

1.2. Estrutura $V_{pt.} - se SN_{pt.}$

Dentre os elementos-traço, **destacam-se** altos teores de Ba, próximos de 1000ppm, de Zr e Y, este último associado a conspícua allanita modal. (Código: 1485)

Dentre os materiais utilizados na fabricação de risers rígidos para águas ultra-profundas **destacam-se** os aços que seguem a norma API (American Petroleum Institute), conhecidos como aços API, que devem possuir propriedades como elevada resistência mecânica para suportar a pressão e o próprio peso, (...) boa soldabilidade, entre outras propriedades. (Código: 599)

Dentre os diversos tipos de robôs móveis que existem **destacam-se** robôs com rodas, esteiras ou pernas, que representam robôs terrestres. (Código: 2220)

Dentre as enzimas que têm sido aplicadas em reatores supercríticos, **destacam-se** as lipases, enzimas capazes de catalisar a hidrólise e a síntese de ésteres formados de glicerol e longas cadeias de ácidos graxos. (Código: 139)

Dentre as diferentes tecnologias de geração de energia elétrica de forma mais sustentável, **destacam-se** as células a combustível. (Código: 945)

Dentre suas principais aplicações, **destacam-se** adesivos para compensados, fabricação de laminados, recobrimento de superfícies, (...) espuma para isolamento térmico e acústico, materiais à prova de fogo, entre outras. (Código: 1186)

*Dentre os sistemas de vídeo, **destacam-se** os estereoscópicos, os quais podem trazer mais realismo a diversas aplicações, como cinema 3D, operações cirúrgicas à distância e vídeo-conferência, devido à percepção de profundidade por eles fornecida. (Código: 1323)*

*Dentre estes resíduos, **destacam-se** aqueles das indústrias curtidoras, que apresentam concentrações variadas de nitrogênio, potássio, cálcio e cromo, além de sódio. (Código: 693)*

*Entre o grupo de doenças denominadas de Erros Inatos do Metabolismo (EIM), **destacam-se** as chamadas acidúrias orgânicas. (Código: 2282)*

*Dentre os analitos estudados, **destacam-se** os resultados obtidos para o 3'-hidroxiestanozolol, principal metabólito urinário do EAS estanozolol. (Código: 2084)*

*Dentro do Grupo Fitoclasto, **destacam-se** os componentes lenhosos não-opacos sem bioestrutura. (Código: 291)*

***Utilizaram-se** argilas modificadas e não modificadas, que foram incorporadas nas matrizes poliméricas durante a polimerização. (Código: 1835)*

*Para cada grama de fibra, **utilizaram-se** 10 mL de solução de lipase com 500 U/L, em tampão fosfato de sódio 25 mM. (Código: 138)*

*Como procedimento metodológico **utilizaram-se** fotografias aéreas de diferentes datas de vôo correspondentes ao período de 1976 e 2001, complementadas pela execução de 4 (quatro) perfis perpendiculares à linha de praia em 28 / 03 e 28 /10 (previsto) de 2008. (Código: 30)*

*Para as análises **utilizaram-se** padrões comerciais de ácido cítrico e ascórbico. O ácido ascórbico foi incluído para posterior determinação da especificidade do método. (Código: 2871)*

Utilizaram-se imagens do satélite NOAA-14-AVHRR, onde realizou-se uma seleção baseada no critério de ausência de nebulosidade sobre a RMRJ. (Código: 2059)

Utilizam-se informações disponíveis na literatura dessas bacias, bem como dados de afloramento e de testemunhos de sondagem. (Código: 563)

Para isso *utilizam-se* sistemas de monitoramento em diferentes níveis (baterias de poços). (...) *Observam-se* seis unidades litológicas, da base ao topo: embasamento alterado (VI), aquífero arenoso confinado (V), camada pelítica confinante (IV), intercalação silto-arenosa com matéria orgânica (III), aquífero arenoso livre (II) e no topo o aterro argiloso (I). (Código: 2646)

Nesses casos, *observaram-se* erros de até 0,2473% para diferenças finitas e 0,1128% para elementos finitos. (Código: 3262)

Observaram-se ganhos nos módulos dos ensaios de flexão de 214% e de tração de 46% para essa composição em relação ao HDPE puro. (Código: 1004)

Tais rochas são calcarenitos e calcirruditos finos, compostos por bioclastos diversos, em cujas camadas *observam-se* estratificações cruzadas de ângulo baixo. (Código: 597)

Dentre os métodos atualmente disponíveis, *encontram-se* aqueles baseados em procedimentos heurísticos/termodinâmicos, como a Tecnologia Pinch, e os métodos baseados em procedimentos algorítmicos, fundamentados em programação matemática. (Código: 2499)

Na literatura, *encontram-se* alguns trabalhos utilizando o DMA no estudo de compósitos reforçados por fibras naturais. (Código: 1192)

Dentro desta classe de materiais *encontram-se* os polímeros de coordenação e as redes metalorgânicas (MOFs)I. (Código: 2655)

*Dentre os projetos previstos para serem desenvolvidos, em curto prazo, com este novo equipamento, **encontram-se**: (1) estudos microanatômicos de osteodermos de cingulados pleistocênicos para resolução de questões sistemáticas; (2) identificação dos diferentes processos de fossilização atuantes nos fósseis da Bacia de Itaboraí - RJ. (Código: 2666)*

*Quando chega nas Unidades de Processamento de Gás Natural (UPGN) ele sofre processos de compressão ou absorção, através dos quais, **obtm-se** as frações de gás processado (C1-C2), GLP(C3-C4) e a fração do condensado de gás natural (C5+) também conhecida como gasolina natural, que é rica em hidrocarbonetos saturados como pentanos, hexanos e heptanos e possui baixo valor comercial. (Código: 431)*

*Por outro lado, quando foram analisadas as características IxV até o valor de 1mA para a corrente de fuga, **obtiveram-se** resultados compatíveis com os relatados na literatura. (Código: 3170)*

*Após separação por destilação atmosférica, **obtiveram-se** duas fases, fase de fundo e destilado. (Código: 1139)*

*Inicialmente, **obtiveram-se** os totais precipitados a nível mensal e a nível anual, comparando-se os dados dos postos da região e as informações oriundas do TRMM. (Código: 3173)*

*Para a taxa de aplicação superficial de 40 m³/m².d, **têm-se** até o momento 11, 3 e 10 resultados para os filtros 1, 3 e 4, respectivamente, obtidos entre 1 de agosto e 12 de setembro de 2007 e 16 de janeiro e 27 de fevereiro de 2008; para a taxa de 80 m³/m².d., **têm-se** 6 resultados para os filtros 1 e 4, obtidos entre 19 de setembro e 7 de outubro de 2007 e 26 de março e 9 de abril de 2008; e, finalmente, para a taxa de 120 m³/m².d., **têm-se** 3 resultados para os filtros 1 e 4, obtidos entre 12 de novembro e 12 de dezembro de 2007. (Código: 1305)*

A água de formação oriunda de jazidas de petróleo apresenta altas concentrações de contaminantes e se configura como um meio de alta agressividade aos materiais metálicos.

Como exemplos, **têm-se** tubulações de aço-carbono construídas exclusivamente para transportá-la ou, ainda, revestimentos metálicos internos aplicados em tanques de armazenamento. (...) **Realizaram-se** também testes em solução de NaCl (3%), visando comparar suas propriedades físico-químicas, e o comportamento dos materiais nessa solução, às encontradas na água de formação. (Código: 2547)

Realizaram-se testes mecânicos sob tração, flexão, e impacto. (Código: 713)

Em um primeiro momento, a partir de amostras retiradas das barras, **realizaram-se** microscopias óticas, ensaios de tração e testes de dureza Brinell para cada tipo de liga nas condições citadas anteriormente. (Código: 3190)

Na caracterização petrográfica, **identificam-se** todos os seus constituintes, básicos (*Qmo, Qmr, Qp, P, K, LS, LI, LM etc.*) ou acessórios (minerais pesados e bioclastos), além da matriz e parâmetros texturais (seleção e arredondamento/ angulosidade), pela contagem de 300 pontos em lâmina delgada. (Código: 2566)

Identificaram-se pontos que ajudam a esclarecer os aspectos comuns nos sistemas de gestão das disciplinas qualidade, meio ambiente e segurança do trabalho de modo a facilitar o estudo. (Código: 103)

Identificaram-se quatro seqüências deposicionais, denominadas A, B, C e D, delimitadas por superfícies erosivas (discordantes), compostas por associações de fácies fluviais e lacustres, estas separadas por superfícies de inundação. (Código: 752)

Na segunda etapa, de decisão propriamente dita (*Hypothesis Making - Hypo*), denominada *EgammaHypo*, **aplicam-se** cortes lineares nas 4 variáveis do T2Calo de modo a otimizar a detecção de elétrons e reduzir a probabilidade de jatos serem identificados como elétrons (falso alarme). (Código: 1661)

No presente trabalho, **aplicam-se** as métricas de sustentabilidade utilizadas por Moreira para identificar rotas de seqüestro químico de CO₂. (Código: 462)

*Para o presente trabalho apresentado, **seguem-se** as principais etapas de proposição de rede de reações de HCC em ambiente do simulador de processos comercial HYSYS: implementação do Modelo Composicional de Gasóleo de Vácuo Hidrotratado (GVH); (...) e proposição de Rede de Reações de HCC e respectivos modelos de taxa de reação para GVH. (Código: 232)*

***Percebem-se** atitudes imaturas e dissociações entre idades físicas e mentais. **Notam-se** crises de identidade, ligadas a seu histórico familiar: ausência das figuras materna ou paterna, sendo a desta última mais comum. (Código: 3266)*

*Como resultados, **apresentam-se**, além do diagnóstico, diretrizes de intervenção. (Código: 3022)*

*Dentre as pesquisas relacionadas sobre este tema, **estudaram-se** os tipos de não-linearidades que a ponte trifásica pode reproduzir e o seu funcionamento como um conversor controlado. (Código: 1931)*

***Discutem-se** as interações de processos sedimentares de correntes e ondas na contextualização das fácies, segundo o modelo de Borghi (Tese de Doutorado em Geologia, IGEO-UFRJ, 2002); (...) e modelos deposicionais para a acumulação desses arenitos. (Código: 991)*

***Determinaram-se** assim os valores de gama infinito em temperatura ambiente para os seguintes compostos voláteis encontrados em aromas: acetato de etila e butirato de etila. (Código: 1236)*

*Para que esta aprendizagem seja efetiva e para incentivá-los, **propõem-se** dois tipos de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula: 1) dinâmicas de grupos com trabalhos, proposições de pesquisas e discussões sobre o assunto, e 2) confecção e uso de modelos químicos da formação da oxihemoglobina. (Código: 2060)*

Com base na referida regra **estimaram-se** cenários para 10, 20 e 50 anos para região estudada. (Código: 264)

Essas formas de distância estão intrinsecamente relacionadas a fatores como a densidade de massa do Universo, a constante cosmológica e a curvatura do espaço, a partir dos quais **constroem-se** parâmetros adimensionais, com base nas equações de Einstein para a Relatividade Geral, que determinam por completo a geometria do Universo, se ele é isotrópico e dominado pela matéria. (Código: 735)

Nos experimentos, **simularam-se** as condições de produção de uma unidade já existente, com ar, solução aquosa de carboxi-metil-celulose (CMC) e talco, substituindo, respectivamente, o gás natural, a mistura água-óleo e os sedimentos presentes nos poços. (Código: 601)

Alternativas economicamente viáveis de processos baseados em transformações químicas do glicerol são inicialmente selecionadas. A seguir, **eliminam-se** do elenco as rotas de pequena escala de produção para fazer face à projeção de oferta de glicerol. (Código: 447)

Com esta finalidade **avaliaram-se** as misturas de pasta de cimento + pó de coco nas proporções 100% cimento, 50% cimento + 50% de pó de coco, 75% cimento + 25% de pó de coco e 34% de cimento + 66% de pó de coco ficando a relação água/cimento em torno de 0,4. (Código: 2873)

Empregaram-SE resinas sulfônicas como catalisador. (Código: 302)

Com o Mercosul, **criaram-se** vínculos entre as entidades de classe do próprio Mercosul ou criou-se uma instituição de influência no bloco? (Código: 2485)

Com a utilização de programas, gratuitos e de fácil acesso, como Microsoft Paint e Gimp 2.4.5 (editores de texto), Windows Movie Maker e Ulead VideoStudio 11 (editores de vídeo), Any Video Converter (conversor de vídeos), **produzem-se** vídeos com ótimos efeitos visuais. (Código: 1317)

1.3. Com verbos transitivos preposicionados

*Tendo como objetivo uma comparação dos níveis de tensão residual entre diferentes processos de soldagem, **dispôs-se de** dois pares de chapas idênticas às encontradas na indústria naval. (Código: 2392)*

*Para isso **dispõe-se de** um conjunto de equipamentos capazes de monitorar o movimento da face em bloco de concreto (LVDT), recalques (MDV) e por fim toda a tensão nos reforços utilizando conjuntos de células de cargas. (Código: 3053)*

***Trata-se de** uma argila cinza de consistência mole, na qual se realizou ensaio de arraste lateral na razão de enterramento H/D de 100% (duto completamente enterrado com a medida da altura sendo tomada da base do duto). (Código: 2420)*

***Trata-se de** um algoritmo heurístico, denominado “Downhill”, que apresenta, entre outras, a vantagem de dispensar o cálculo do gradiente da função objetivo, que é normalmente um ponto crítico nos algoritmos de otimização. (Código: 3081)*

*Foram feitas simulações para três valores de alfa: para $\alpha = 0,00$ (recarga constante) s^{-1} , **chegou-se a** erros relativos menores do que 0,0437% em relação à solução exata para as diferenças finitas e 0,0195% para os elementos finitos. (Código: 3262)*

*Após o cumprimento da etapa de projeto de um filtro analógico gm-C (baseado em amplificadores operacionais de transcondutância (OTA) e capacitores), **chegou-se a** duas topologias distintas, mas, com desempenhos semelhantes. (Código: 758)*

*As empresas atuam em um mercado altamente competitivo, sendo assim **necessita-se de** uma indústria moderna que produza com alta qualidade, baixo consumo de insumos e no menor intervalo de tempo, atendendo também a requisitos legais de segurança e proteção ambiental. (Código: 217)*

Para esse segmento **acredita-se no** crescimento das vendas do asfalto modificado com polímeros, pois é um asfalto com maior resistência ao tráfego pesado e à ação do tempo. (Código: 1457)

Em seguida, **procede-se à** caracterização mineralógica dessas amostras através de DRX (Rigaku Termoflex), em complemento à caracterização das microfácies. (Código: 980)

1.4. Se indeterminador em próclise

Quando se **emprega** as misturas de tensoativo, a redução nos valores de tensão interfacial O/A são maiores e, no caso do HAP, parece que os ciclos de processamento não são suficientes para formação de gotículas em tamanho nanométrico. (Código: 877)

Um dos problemas encontrados quando se **extrai** pigmentos de fontes naturais é sua instabilidade frente a diferentes faixas de pH. (Código: 3041)

Um dos elementos que mais chama atenção quando se **analisa** os espaços políticos na escala local é a constatação de que realidades diferentes ocasionam instituições diferenciadas, como pode ser observado em qualquer município, independente das outras escalas em que ele se encontra inserido (estadual ou regional). (Código: 1986)

Um dos principais ruídos encontrados em um transistor MOSFET é o ruído flicker. Por afetar principalmente a performance do circuito para baixas frequências, ele pode ser ignorado quando se **trabalha** em frequências muito altas. (Código: 2146)

Essa é uma técnica óptica na qual se **utiliza** partículas-traçadoras para medir o deslocamento do fluido. (Código: 1487)

A idéia crucial da estratégia de homogeneização é associar um dado numero de partículas à um elemento de volume representativo elementar (VRE) ao qual se **atribuía** grandezas físicas contínuas em uma macro-escala. (Código: 1326)

Lasers ultra-estáveis são usados para realizar medidas de alta precisão (atualmente se faz medidas com precisão de 14 algarismos significativos) para testes de física fundamental e como padrões secundários de frequência, importantes para tecnologia. (Código: 2965)

2. Nomes de comunidades do Orkut

2.1. Com o verbo vender

Vende-se Camisinhas

Aqui vende-se gatinhos

compra-se e vende-se livros

lindos gatos persas – vende-se

Vende - se apostilas

Vende - se Filhotes de cão

Vende se 10 Licenças para XP

vende -se bolsas

vende se casas e mansoes fakes

vende -se cortinas

Vende -se Filhotes

Vende se fotos !

Vende se jogos de Pc Criciuma

vende se veículos em franca

vende se vestidos de noiva

Vende-Se (Carros) (Motos)

Vende-se Abadas

vende-se amigos imaginários

vende-se aquarios

vende-se aspiradores

Vende-se Autos

vende-se balões para padres.

Vende-se Beijos tratar Comigo!

vende-se bolos

vende-se bolsas

Vende-se botas

Vende-se buracos

vende-se cães

vende-se calcinhas fofas !!!

vende-se camisetas da wwe

Vende-se Carros

Vende-se Carros - Joinville

Vende-se carros e motos

Vende-se Carros em Brasília

Vende-se carros Motos etc...

Vende-se Casas & Apartamentos

vende-se celulares london/brasil

Vende-se chuteiras do SPFC

Vende-se coisas da Hilary Duff

vende-se colegas vagabundos

Vende-se Computadores

Vende-se comunidades

vende-se conselhos / ASBAR

Vende-se Deliciosas Trufas!!!

vende-se dvds

Vende-se endereços de atrizes

Vende-se filhotes (cachorros)

Vende-se filhotes d poodle toy

vende-se filhotes de chow-chow

vende-se filhotes de dogs

Vende-se Filhotes de Labrador
Vende-se Filhotes de Piquines
Vende-se Filhotes de Pit bull
Vende-se filhotes de Yorkshire
Vende-Se Filhotes Lhasa Apso
Vende-Se Filhotes Shitzu/RS
Vende-se Games Para Pcs e PS2
Vende-se gatinhos e cachorros.
vende-se imoveis
Vende-se imóveis em Santos
vende-se instrumentos musicais
vende-se irmãos
Vende-se irmãos, vai um aê?
vende-se jogos
vende-se jogos de PS2
Vende-se Lixas
vende-se malas
Vende-se Mansões no Inferno
Vende-se meninos
Vende-se motos
Vende-se novidades
Vende-se ORKUT'S
Vende-se Panos de Chão
vende-se panos de prato
vende-se partituras!
Vende-se Perfis
vende-se perfumes jundiaí sp
vende-se pitbulls
Vende-se prateleiras
Vende-se Produtos WWE
vende-se pulseiras de missanga
Vende-se pulseiras,colares,etc

vende-se Rins humano30mil
vende-se rodas 17
Vende-se roupas
Vende-se Salgados...Aproveitem
vende-se sogras
Vende-se sumulas!
vende-se terrenos e ap
vende-se terrenos na lua?????!!
Vende-se trabalhos/pesquisas
Vende-se Uniformes
vende-se vagas p/ uni?!!!
vende-se votos!

2.2. Com o verbo *precisar*

“O bala” Precisa-se de doações
canas precisa-se de baladas
Hogwarts - Precisa-se de Prof's
precisa se de moças
Precisa-se de amigas
precisa-se de amigos
Precisa-se de Atores p/Tv
Precisa-se de clientes
Precisa-se de costureiras!!!
precisa-se de covers do RBD-MG
precisa-se de doadores!!!
precisa-se de esportistas
Precisa-se de fakes masculinos
Precisa-se de Figurantes!
Precisa-se de garotas bonitas
Precisa-se de gatinhos
Precisa-se de heróis

precisa-se de homens
Precisa-se de Integrantes
precisa-se de malucos
Precisa-se de Médicos
Precisa-se de membros
Precisa-se de Missionários
Precisa-se de moderadores
Precisa-se de Motoboys
Precisa-se de Musas HST - UFSC
Precisa-se de Músicos
precisa-se de namorados
Precisa-se de Neuronios
Precisa-se de Pensadores
Precisa-se de Pessoas
precisa-se de poetas...
Precisa-se de tocadores
Precisa-se de vendedores
Precisa-se distribuidores
Precisa-se revendedores
Precisa-se sócios e diretores
quebra: precisa-se covers!
precisa-se dançarinas de funk

2.3. Com o verbo doar

Adote uma vida! Doa-se gatos
anjos de patas doa-se amigos
doa- se gatinhos
Doa- se lindos filhotes!
doa-se “parentes”
doa-se aki profiles fake
Doa-se Animais

doa-se animais de estimação
Doa-se animais em Pouso Alegre
Doa-se Cachorros
doa-se cães de raça
Doa-se cães e gatos - SP
Doa-se cães(poodle)
Doa-se comunidades
doa-se comunidades sem dono
doa-se cursos e conhecimentos
Doa-se filhotes de vira-lata.
Doa-se fotos (anime)
Doa-se Gatinhos
doa-se gatinhos recém nascidos
doa-se gatinhos, cachorrinhos
Doa-se Gatos!!
Doa-se irmãos(as)!!!
Doa-se Irmãs!
Doa-se livros ao Nordeste
Doa-se lugares em saopaulo
doa-se perdidos ou achados
Doa-se Remédios
Doa-se roupas para Monicão
Doa-se Sharingans
Doa-se vidas
doa-se voadoras

2.4. Com o verbo procurar

desenhistas \$\$\$ procura - se
procura -se caes desaparecidos
procura- se caes e gatos
Procura-se Amigos de Atitude

procura-se amigos sinceros
procura-se amigos sumidos
Procura-se amigos verdadeiros.
Procura-se Amigos...Me add!
Procura-se atores p/ curtas
Procura-se dançarinos
procura-se desaparecidos
Procura-se encontristas
procura-se evangélicas(os)!
procura-se fidalgos
procura-se garotos(as) emo!
Procura-se Gordinhas
procura-se homens fieis (vip)
Procura-se homens q não mentem
Procura-se Musicos
procura-se parentes no Japão.
procura-se pessoas carinhosas
Vocalistas / Procura-se

2.5. Com o verbo alugar

aluga - se namorados
aluga se vagas para moças
aluga-se casas
aluga-se casas em Ilha comprida
aluga-se casas em Ubatuba
Aluga-se casas em Ubatuba-SP!!
Aluga-se casas litoral praia
aluga-se casas p/ o carnaval
aluga-se casas praia do sahy
Aluga-se comunidades
Aluga-se kitchettes

Aluga-se pimentões!
aluga-se quartos winx
Aluga-se Suítes em São Paulo
Aluga-se Suites, kits Litoral

2.6. Com o verbo comprar

Amigos não se compra, se conquista
amigos não se compra se adota
amigos não se compra se faz!!!
Compra-se Abraços =D
compra-se amigos novos
Compra-se Candidatos
compra-se e vende-se livros
Compra-se porcos

2.7. Com o verbo fazer

amigos não se compra se faz!!!
Amigos não se faz, se conquista
Amigos nao se faz, se reconhece
os amigos nao se faz se cria
Faz-se amigos como antigamente
na net faz-se grandes amigos!!
Não faz-se homens como.....
som nao se MEXE faz-se ajustes

2.8. Com o verbo consertar

Conserta-se bombas d'agua
conserta-se corações partidos!
conserta-se dicos voadores

Conserta-se eletrodomesticos
Conserta-se Gaitas
conserta-se macacos

2.9. Com o verbo aceitar

Aceita - se Doações
Aceita-se doações de crédito®
aceita-se empregos
aceita-se encomendas de bolos
aceita-se gatos

2.10. Com o verbo trocar

amigos nao se troca , se guarda
Troca-se Peças
Troca-Se Remédios
Troca-se amigos do Orkut

2.11. Com o verbo contratar

contrata se revendedores
Contrata-se profissionais
Contrata-se Pessoas Feias

2.12. Com o verbo criar

amigos nao se cria, se conquista
Cria - se Perfil's
cria-se Entes

2.13. Com o verbo conquistar

amigos nao se cria, se conquista
Amigos não se faz, se conquista
Amigos não se compra, se conquista

2.14. Com o verbo admitir

Admite-se cabeludos!!!
admite-se mulheres

2.15. Com outros verbos

Cuida-se de mulheres carentes
Cura-se feridas de uma espada
Coloca-se unhas de porcelana
empresta-se roupas usadas
Amigos nao se faz, se reconhece
som nao se MEXE faz-se ajustes
amigos não se compra se adota
amigos nao se troca , se guarda
Dorme-se para fora...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)